FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA

ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS:

As Marcas do Tempo e os Tempos que Marcam os Rituais Enawenê Nawê

BARRA DO BUGRES - MT
2026

FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA

ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS:

As Marcas do Tempo e os Tempos que Marcam os Rituais Enawenê Nawê

Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Campus de Barra do Bugres/MT.

Orientador: Prof. Dr. João Severino Filho

Linha de Pesquisa: Diversidade Cultural e a Práxis Pedagógica no Contexto do Ensino de Ciências e Matemática.

BARRA DO BUGRES - MT
2026

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT Catalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

M333e Maria, Fernando Dhermam Calixto.
ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: As Marcas do Tempo e os Tempos Que Marcam os Rituais Enawenê Nawê. / Fernando Dhermam Calixto Maria. - Barra do Bugres, 2026.
261f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino de Ciências e Matemática/BBG-PPGECM - Barra do Bugres - Mestrado Academico, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".
Orientador: Dr. João Severino Filho.

1. Etnomatemática. 2. Cosmologias Indígenas. 3. Rituais Enawenê Nawê. 4. Marcadores de Tempo Indígenas. I. Filho, Dr. João Severino. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 39:51

FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA

ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: As Marcas do Tempo e os Tempos que Marca os Rituais Enawenê Nawê.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Câmpus* Univ. Dep. Est. "Renê Barbour" – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Aprovado em: 28 de abril de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Severino Filho (PPGECM/UNEMAT)
Orientador

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva (PPGECM/UNEMAT)
Examinador Interno

Prof. Dr. Kecio Gonçalves Leite (UNIR)
Examinador Externo à Instituição

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos caminhos que me formaram, às mãos que me sustentaram e às vozes que me ensinaram a escutar

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação não começa com a entrada no mestrado. Ela nasce muito antes, nos caminhos trilhados, nas mãos que nos sustentam e que já sustentaram, nas vozes que nos inspiram e nos corações que acreditam em nós quando até nós duvidamos. Por isso, meus agradecimentos se estendem a todos que, de alguma forma, fizeram parte da minha vida e me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço, antes de tudo, à minha família, alicerce da minha vida. À minha mãe, meu porto seguro, minha primeira professora e eterna inspiração. Foi com você que aprendi o valor da coragem, da fé e do amor que nunca desiste. Cada conquista minha carrega um pedaço seu. Nada disso seria possível sem o seu apoio incondicional e o seu abraço que sempre me devolve ao meu centro.

Ao meu irmão Igor, à minha cunhada e à minha sobrinha Sofia, deixo também um agradecimento especial, marcado pelo afeto e pela saudade. Mesmo não estando presente em tantos momentos quanto gostaria, vocês seguem sendo parte essencial da minha vida. Cada um, à sua maneira, fortalece meus passos e ocupa um lugar único no meu coração. Esta conquista também é atravessada por vocês.

A dona Licina e seu Januário, meus avós (*in memoriam*), merecem uma gratidão eterna. Foram eles que acreditaram no poder transformador da educação e, com o fruto do próprio trabalho, financiaram toda a minha graduação. Mesmo sem compreenderem completamente o que significava o mundo acadêmico, compreenderam o essencial: que estudar era um caminho de dignidade e esperança. Suas mãos calejadas e seus conselhos simples moldaram em mim o valor do esforço, da honestidade e da perseverança. Esta conquista também é de vocês, que semearam em silêncio o sonho que hoje floresce em forma de dissertação.

Aos meus amigos de longa data: Patrícia, Uélis, Loys Lene, minha gratidão por estarem presentes, mesmo quando a distância tentou nos separar. Vocês foram abrigo nos dias difíceis e motivo de riso nas horas em que o cansaço pesava. Obrigado por me lembrarem que, mesmo nas tempestades, há sempre um raio de luz e amizade que aquece o coração.

Ao mestrado e à querida Barra do Bugres, agradeço pelos novos laços que a vida me deu: Isamara, Gilberto, Emily, Luismar, Rafael, Moisés, Decol, Ludmyla, Cris, Adriano, Eunalha, Rose, Márcia, Jeferson, Valdete e tantos outros companheiros de jornada. Cada conversa, cada risada e cada troca de saberes transformaram o percurso em uma travessia mais leve, mais humana e mais bonita.

De forma muito especial, agradeço à Heloiza, minha irmã de mestrado, amiga, parceira e confidente. Sem você, este mestrado seria um caminho árduo e solitário, mas com você, tornou-se uma aventura repleta de aprendizados e afetos.

Aos colegas do programa de mestrado, agradeço pelas trocas sinceras, pelos debates enriquecedores e pela convivência que tornou essa caminhada mais plural e significativa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Severino Filho, dedico um agradecimento cheio de respeito, admiração e carinho. Mais do que um orientador, ele se tornou um verdadeiro amigo e vizinho, alguém com quem compartilhei não apenas ideias acadêmicas, mas também conversas sobre a vida, o cotidiano e os sonhos. Com ele, aprendi que orientar é mais do que indicar caminhos é caminhar junto, com paciência, escuta e sensibilidade. Sua presença, seu incentivo nas horas de dúvida e sua confiança no meu trabalho foram essenciais para que eu acreditasse em mim mesmo e seguisse em frente. Cada diálogo, cada conselho e cada gesto de amizade deixaram marcas profundas na minha formação e na pessoa que me tornei.

Com imenso carinho, agradeço também aos *Sotakatali* e aos professores Enawenê, que me acolheram com sabedoria e generosidade, compartilhando seus conhecimentos e modos de ver o mundo.

As companheiras Maria, Helen e Cláudia, que estiveram ao meu lado durante o tempo em que trabalhávamos com os Cinta Larga, nossa parceria foi marcada por dedicação, aprendizado mútuo e companheirismo. E, da época em que atuávamos junto aos *Rikbaktsa*, meu agradecimento especial à Rose e à Larissa, que com seu apoio e amizade tornaram cada desafio mais leve e cada conquista mais significativa.

Aos companheiros Janesmar, Leonardo, Michel, Ernesta e Marcos, que se tornaram família durante o período em que moramos entre os Enawenê Nawê, nossa convivência foi mais que trabalho, foi aprendizado e irmandade. E, claro, à Priscila, Alex e Vanda, que chegaram depois e completaram esse ciclo com carinho e partilha.

À Iana e ao Fausto, que foram parte fundamental da minha caminhada junto aos Enawenê Nawê, minha profunda gratidão. Cada experiência compartilhada, cada conversa e cada orientação contribuíram de forma significativa para minha formação, tanto acadêmica quanto humana.

À Gisele, minha sincera gratidão pela produção da arte que integra esta dissertação. Seu olhar sensível e sua capacidade de traduzir, em imagem, os sentidos e narrativas deste trabalho conferiram ainda mais profundidade e beleza a esta pesquisa.

À Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), agradeço o apoio institucional que possibilitou vivências fundamentais para a construção desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), expresso minha sincera gratidão pelo apoio financeiro concedido (Código de Financiamento 001), para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) e à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), instituição que acolheu e tornou possível esta trajetória formativa, pela trajetória de aprendizagem construída ao longo deste percurso.

À banca examinadora, agradeço pelas contribuições atentas e generosas, que enriqueceram significativamente esta dissertação. De modo especial, ao professor Dr. Adailton, pelas longas horas de conversa, pelas escutas sensíveis e pelas valiosas contribuições que atravessam este trabalho e ajudaram a amadurecer suas reflexões.

Ao grupo de pesquisa *Warã*, minha gratidão pelas trocas constantes, pelo apoio coletivo e pelos espaços de diálogo que fortaleceram este percurso, tornando-o mais crítico, colaborativo e significativo.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, tocaram minha vida e contribuíram para que esta dissertação se tornasse realidade. Cada palavra de incentivo, cada gesto de carinho e cada presença (silenciosa ou vibrante), deixaram marcas profundas.

Este trabalho é fruto de todas essas mãos estendidas, desses corações solidários e dessas vidas que se entrelaçaram à minha.

RESUMO

Esta dissertação está inserida no campo da Etnomatemática e das Cosmologias Indígenas, abordando o estudo dos marcadores de tempo presentes nos rituais do povo *Enawenê Nawê*, residente na região noroeste de Mato Grosso. O trabalho questiona a ideia de uma matemática universal ao evidenciar um sistema próprio de saberes que articula práticas matemáticas, cosmologias e conhecimentos ecológicos. O propósito central da pesquisa consistiu em compreender os marcadores de tempo e os princípios cosmológicos expressos nos rituais *Eyãokwa, Kateokõ, Derohi* e *Salomã*, realizados pelo povo *Enawenê Nawê*. Para isso, a investigação apoiou-se em um referencial teórico interdisciplinar, fundamentado na Etnomatemática e nos marcadores de tempo (com base em Ubiratan D'Ambrosio e Severino Filho) e em perspectivas antropológicas e etnográficas. O estudo foi desenvolvido na Aldeia *Dolowikwa/Kotakowinakwa*, envolvendo etapas de imersão e observação etnográfica O levantamento das informações ocorreu por meio de entrevistas com os *Sotakatali* e pela observação direta das práticas ritualísticas. Os resultados apontam que a noção de tempo entre os *Enawenê Nawê* está profundamente enraizada na inter-relação entre os ciclos naturais, os movimentos astrais, a espiritualidade e a vida comunitária. Assim, os rituais *Eyãokwa, Kateokõ, Derohi* e *Salomã* assumem papel central na organização do tempo social, funcionando não apenas como celebrações religiosas, mas como sistemas reguladores do calendário anual, das atividades econômicas e da manutenção do equilíbrio cósmico e social.

Palavras-chave: Etnomatemática. Cosmologias Indígenas. Rituais Enawenê Nawê. Marcadores de Tempo Indígenas.

ABSTRACT

This dissertation is situated in the field of Ethnomathematics and Indigenous Cosmologies, addressing the study of time markers present in the rituals of the Enawenê Nawê people, residing in the northwest region of Mato Grosso. The work challenges the idea of universal mathematics by highlighting a unique system of knowledge that articulates mathematical practices, cosmologies, and ecological knowledge. The central purpose of the research was to understand the time markers and cosmological principles expressed in the Eyãokwa, Kateokõ, Derohi, and Salomã rituals performed by the Enawenê Nawê people. To this end, the investigation was based on an interdisciplinary theoretical framework grounded in Ethnomathematics and Time Markers (drawing on Ubiratan D'Ambrosio and Severino Filho), as well as anthropological and ethnographic perspectives. The study was conducted in the Dolowikwa/Kotakowinakwa Village, involving stages of immersion and ethnographic observation. Data collection was conducted through interviews with the sotakatali and direct observation of ritual practices. The results indicate that the notion of time among the Enawenê Nawê is deeply rooted in the interrelation between natural cycles, astral movements, spirituality, and community life. Thus, the Eyãokwa, Kateokõ, Derohi, and Salomã rituals play a central role in organizing social time, functioning not only as religious celebrations but also as regulatory systems of the annual calendar, economic activities, and the maintenance of cosmic and social balance.

Keywords: Ethnomathematics. Indigenous Cosmologies. Enawenê Nawê Rituals. Indigenous Time Markers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Livros de Alfabetização Matemática produzidos no Projeto Haiyô/ Polo de Juína 23
Figura 2 -Aldeia Rio Seco 24
Figura 3 - Ponte de madeira improvisada 24
Figura 4 - Rio transbordando e ponte precária 25
Figura 5 - Primeira turma do Ensino Médio da EEI Eterepuiy 27
Figura 6 - Participando da Festa da Seca, utilizando as pinturas do meu clã 28
Figura 7 - Foto aérea da Aldeia Halataikwa 30
Figura 8 - Caciques Lolawenakwaene e Kolareene explicando sobre os rios e afluentes da Terra Indígena 32
Figura 9 - Sala de aula provisória na Aldeia *Halataikwa* 33
Figura 10 - Construção de salas de Aula provisória na Aldeia *Dolowikwa/Kotakowinakwa* ..34
Figura 11 - Sala de aula improvisada na Aldeia *Kotakowinakwa/Dolowikwa* 34
Figura 12 - Convite da Formatura do Magistério 35
Figura 13 - Primeira Entrevista com os Sotakatali 43
Figura 14 - Entrevista com os *Sotakatali* na *Eyãokwa Hakolone* 45
Figura 15 - Entrevista com o *Sotakatali Kolareene* 47
Figura 16 - Imagem aérea da Aldeia *Dolowikwa/ Kotakowinakwa* 50
Figura 17 - Ilustração do Pica-pau furando a pedra..... 52
Figura 18 - Ilustração Nascido da Pedra..... 53
Figura 19 - Relatos dos Sotakatali sobre fatos históricos das trajetórias do *Povo Enawenê Nawê* 59
Figura 20 - Ritual *Eyãokwa* 70
Figura 21 - Armadilha de Peixe (Mata)..... 72
Figura 22 - Barragem Enawenê 72
Figura 23 - Peixe capturado pela Mata 73
Figura 24 - Indígena *Enawenê Nawê*, representando o *Iyãokwa* 74
Figura 25 - Oloiti sendo oferecida no Pátio..... 75
Figura 26 - Ilustração representando indígenas Enawenê Nawê durante o Ritual Derohi 76
Figura 27 - Ritual *Derohi* 77
Figura 28 - Flauta *Derohi* 78
Figura 29 - Ritual *Salomã*..... 80
Figura 30 - Ilustração representando a pesca com timbó nas Lagoas 81

Figura 31 - Ritual *Kateokõ* 82
Figura 32 - *Ohã* 90
Figura 33 - Pescaria em rios e Lagoas 94
Figura 34 - Ilustração de uma Barragem *Enawenê Nawê* 96
Figura 35 - *Yotatawe* 97
Figura 36 - Ilustração representando o Ritual *Salomã* 98
Figura 37 - Reportagem destacando a Tensão entre os Enawenê Nawê e proprietários rurais de Juína 113
Figura 38 - Reportagem sobre a decisão do DPU 114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os Marcadores de Tempo Indígenas do Povo *Enawenê Nawê* 100
Quadro 2 - Tempo Diário Enawenê Nawê 103
Quadro 3 - Sequência Musical do Ritual *Eyãokwa* 105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AJES	Associação Juinense de Ensino Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
EEI	Escola Estadual Indígena
FUNAI	Fundação Nacional dos povos Indígenas
IA	Inteligência Artificial
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEC	Ministério da Educação
ONGS	Organizações Não Governamentais
PCH	Pequena Central Hidrelétrica.
SEDUC/MT	Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

SEÇÃO 1 17
1. INTRODUÇÃO 17
SEÇÃO 2 20
2. MINHAS MARCAS DO TEMPO: TODOS OS CAMINHOS LEVAM À HALATAIKWA 20
SEÇÃO 3 37
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS 37
3.1. As burocracias da Pesquisa 38
3.2. Caminhos Metodológicos 41
SEÇÃO 4 49
4. ERA UMA VEZ UMA PEDRA 49
4.1. E O Mundo Se Dividiu Em Três 62
4.2. Os Yakailiti 64
4.3. Os Enore Nawê 64
4.4. Os Dakoti 65
4.5. Os seres Humanos e os Enawenê Nawê 66
SEÇÃO 5 67
5. O SER EM RITUAL: A FORMA ENAWENÊ NAWÊ DE HABITAR O MUNDO 67
5.1. Ritual Eyãokwa 70
5.2. Ritual Derohi 76
5.3. Ritual Salomã 79
5.4. Ritual Kateokõ 82
SEÇÃO 6 84
6. FOI CAMINHANDO COM ELES QUE DESCOBRI O TEMPO DOS RITUAIS 84
6.1. O tempo 84
6.2. Os Marcadores de Tempo Indígenas 87
6.2.1. Os Marcadores de tempo naturalmente percebidos no ambiente 89
6.2.1.1. Marcadores de tempo Vegetais 90
6.2.1.2. Marcador de tempo Animal 92
6.2.1.3. Marcadores hídricos, climáticos e astrais. 93
6.2.1.4. Marcadores sociais 95
6.2.1.5. Marcadores Culturais 95

6.2.2. Os rituais como Marcador de tempo 97
6.2.3. Sistematização dos marcadores de tempo dos rituais Enawenê-Nawê 99
6.2.4. Marcadores instrumentais 101
SEÇÃO 7 108
7. QUANDO O MUNDO MUDA, OS RITUAIS RESISTEM – (MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E FUTURO) 108
7.1. O Futuro do Tempo: Propostas e Diálogos para a Educação 116
SEÇÃO 8 123
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS 123
REFERÊNCIAS 130
GLOSSÁRIO 134
INTERLOCUTORES INDÍGENAS 137
TRADUTORES 138
APÊNDICES 139
APENDICE 01 - Registro de Consentimento Livre Esclarecido e Termo de Autorização para uso de Imagem e Som 139
ANEXO 1 - Termo de Consentimento da Comunidade Enawenê Nawê e Carta de Anuências dos Caciques 230
ANEXO 2 - Parecer de Mérito Científico, de Solicitação de entrada em Área Indígena emitido pelo CNPQ 234
ANEXO 3 - Autorização da Funai para ingresso em Terra Indígena Nº 12/AAEP/2025 239
ANEXO 4 - 2ª Autorização da Funai para ingresso em Terra Indígena Nº 170/ PRES/2025 241
ANEXO 5 - Certificado de Conhecimento Tradicional Associado 243
ANEXO 6 - Parecer Consubstanciado da CONEP 244

SEÇÃO 1

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação insere-se no campo da Etnomatemática e das Cosmologias Indígenas, dedicando-se à investigação dos marcadores de tempo existentes nos rituais do povo *Enawenê Nawê,* habitante da região noroeste do estado de Mato Grosso.

A análise concentra-se nos marcadores de tempo utilizados pelo povo *Enawenê Nawê* e nos modos como organiza, percebe e significa a passagem do tempo. Em vez de seguir a cronologia convencional, esses marcadores articulam uma rede de relações que revelam a profunda interconexão com fenômenos naturais e com os rituais. Assim, busca-se compreender como a observação dos astros, os ciclos climáticos, a dinâmica das águas, os ritmos biológicos e as práticas cotidianas funcionam como referenciais temporais que orientam decisões, definem ritmos rituais e estruturam o ciclo anual da comunidade. Tal abordagem desafia a ideia de uma matemática universal ao documentar e analisar sistemas locais de conhecimento que integram práticas matemáticas, cosmologias e saberes ecológicos.

A relevância deste trabalho manifesta-se em diversas dimensões. Primeiramente, em termos científicos, contribui para o campo da Etnomatemática ao registrar os marcadores de tempo indígenas, evidenciando que a matemática é indissociável da vivência cotidiana e do ciclo ritualístico. Já no aspecto cultural e social, a dissertação desempenha papel central para a valorização, legitimação e salvaguarda dos saberes *Enawenê Nawê*, servindo de ferramenta para fortalecer direitos e patrimônios imateriais em contextos de ameaças externas e mudanças ambientais. Além disso, o estudo destaca a sabedoria indígena como referência de sustentabilidade e relação harmônica com o ambiente, apontando caminhos para uma educação mais inclusiva, que respeite o universo epistemológico dos povos originários.

Diante da complexidade do sistema de tempo *Enawenê Nawê* e das pressões externas crescentes que ameaçam a integridade dos seus ciclos ecológicos e ritualísticos, a questão que orienta a pesquisa é: quais são as referências de tempo reconhecidos pelos *sotakatali* e como são utilizados nas práticas ritualísticas do *Eyãokwa, Kateokõ , Salomã e Derohi*? Tal problemática é motivada pela necessidade de entender como esses marcadores estruturam a vida coletiva, as práticas ritualísticas e o manejo dos recursos naturais, especialmente diante das pressões externas crescentes e da ameaça do aquecimento global.

Para responder a essa questão, o objetivo geral da pesquisa consiste em: compreender a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais *Eyãokwa, Kateokõ,*

Derohi e Salomã, do Povo indígena *Enawenê Nawê*. Os objetivos específicos são: 1) Identificar os marcadores de tempo presentes no dia a dia da comunidade *Enawenê Nawê,* relacionados a cada ritual praticado por eles; 2) Registrar as dinâmicas ritualísticas do Povo *Enawenê Nawê* a partir das explicações presentes nas narrativas dos seus praticantes; e 3) Refletir sobre os possíveis diálogos a serem estabelecidos entre os saberes praticados pelo Povo *Enawenê* e os conhecimentos escolares a serem trabalhados na escola da comunidade.

O estudo se ancora em um arcabouço teórico multidisciplinar, partindo dos fundamentos da Etnomatemática e dos marcadores de tempo, notadamente nas obras de D'Ambrosio e Severino Filho, e se estendendo pelas abordagens antropológicas e etnográficas sobre cosmologias indígenas no Brasil, especificamente do Povo *Enawenê Nawê.*

Metodologicamente a pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, com abordagem etnográfica que foi desenvolvida na Aldeia *Dolowikwa/Kotakowinakwa*, envolvendo etapas de imersão e observação participante. O levantamento das informações ocorreu por meio de entrevistas com os *sotakatali* e pela observação direta das práticas ritualísticas. O recorte temporal abrange as fases de imersão, levantamento de campo e pesquisa etnográfica, realizadas em 2024 e 2025.

Para alcançar os objetivos propostos, esta dissertação está organizada da seguinte forma: A Seção 1, Introdução, é onde se estabelece o contexto geral da pesquisa, apresentando o tema central, a problemática a ser investigada, os objetivos propostos e a relevância do estudo, além de delinear a organização das seções subsequentes.

A Seção 2: "Minhas Marcas Do Tempo: Todos Os Caminhos Levam A *Halataikwa*", é de natureza autobiográfica e contextual, e descreve a minha trajetória pessoal e minha imersão no universo *Enawenê Nawê*, detalhando o caminho percorrido até a aldeia *Halataikwa* e a importância dessa vivência para a compreensão do tempo indígena.

Em seguida, a Seção 3, "Caminhos Metodológicos", foi dedicada à metodologia da pesquisa, detalhando os procedimentos adotados para a coleta e análise de informações, e abordando as particularidades do trabalho de campo, as estratégias de pesquisa e as reflexões sobre os desafios éticos e práticos da investigação.

A pesquisa avança para a Seção 4: "Era Uma Vez Uma Pedra", que mergulha na cosmologia e na história de origem do povo *Enawenê Nawê*. Aqui é descrita a narrativa mítica da criação do mundo e sua divisão em três, introduzindo as categorias de seres e a posição dos seres humanos e dos próprios *Enawenê Nawê* nesse universo.

Adiante, na Seção 5, "O Ser Em Ritual: A Forma *Enawenê Nawê* de Habitar o Mundo", focamos na centralidade do ritual, na vida e na organização social, descrevendo os principais

rituais e demonstrando como a vida cerimonial constituiu a própria forma de habitar e interagir com o mundo.

Na Seção 6: "Foi Caminhando com eles que descobri o tempo dos Rituais", onde se encontra desenvolvido o cerne da pesquisa, a qual, novamente, nos dedicamos à análise do tempo e dos indicadores de tempo indígena. Esta Seção explora como o tempo é percebido e medido a partir de elementos naturais (vegetais, animais, hídricos, astrais) e sociais (rituais e culturais), apresentando a sistematização desses marcadores.

Por fim, a Seção 7: "Quando o mundo muda, os rituais resistem (memória, resistência e futuro)", apresenta reflexões sobre a memória, a resistência cultural e as perspectivas futuras do povo *Enawenê Nawê*, sintetizando as descobertas sobre a temporalidade indígena e seu papel na manutenção da identidade e da autonomia.

A partir desta estrutura, a dissertação busca oferecer uma contribuição significativa para a Etnomatemática, valorizando o conhecimento indígena como um sistema complexo, preciso e fundamental para a sustentabilidade e a soberania cultural. Esta jornada, no entanto, não se inicia apenas no rigor da academia, mas na trajetória pessoal que moldou o meu olhar. É por isso que, antes de mergulhar nas informações etnográficas, faz-se necessário revisitar o caminho percorrido, as experiências e as transformações que me trouxeram até aqui. A seção a seguir, portanto, é um convite a reflexão sobre Minhas Marcas do Tempo: Todos os Caminhos Levam à *Halataikwa*.

SEÇÃO 2

2. MINHAS MARCAS DO TEMPO: TODOS OS CAMINHOS LEVAM À HALATAIKWA

Antes de apresentar os procedimentos metodológicos desta pesquisa, considero necessário retomar e analisar em formato (auto)biográfico a minha trajetória pessoal e profissional. Essa escolha não é apenas introdutória, mas epistemológica, pois parte do entendimento de que é pela narrativa que transformamos os acontecimentos e lhes atribuímos organização e sentido.

Dessa forma a narrativa em pesquisa (auto)biográfica possibilita o contato com a memória, a lembrança e a história; permitindo que o sentido da história de vida narrada venha à tona e que passado, presente e futuro se correspondam. Nessa perspectiva Ferreira & França (2025), compreendem que o ser humano é constituído por suas vivências, as quais moldam sua identidade, seus valores e sua compreensão de mundo. Tais experiências adquirem significado à medida que são narradas, compartilhadas e refletidas, pois a narrativa atua como um dispositivo de construção da memória, afirmação da subjetividade e conexão temporal.

A escrita autobiográfica ultrapassa o mero exercício de recordação, configurando-se como um processo formativo e investigativo, no qual o sujeito interpreta sua trajetória à luz de referenciais teóricos e de suas experiências vividas. Essas experiências ganham sentido e valor na medida em que são narradas, compartilhadas e refletidas, pois é por meio da narrativa que se constrói a memória, se reafirma a subjetividade e se estabelece uma conexão entre passado e presente.

Compreender minhas próprias vivências e como as relato é fundamental para situar minha pesquisa no contexto mais amplo da minha existência, garantindo um olhar mais profundo e reflexivo sobre a pesquisa.

Para Santos e Torga (2020, p. 120), a narrativa é o *lócus* em que a vida faz sentido para aqueles que a protagonizam. Nessa linha, pode-se compreender que aquilo que significou ficou, deixou marcas e acomodou-se na constituição heterogênea de um sujeito.

Quando Santos e Torga (2020) mencionam as marcas deixadas, retorno à indagação feita pelo professor doutor Adailton, durante a qualificação do projeto desta dissertação. Na ocasião, ele questionou a diferença entre o tempo que marca e as marcas do tempo.

Em busca de uma resposta para essa indagação, realizei pesquisas teóricas, mas foi durante um momento de orientação que fui instigado pelo Prof. Doutor João Severino a ressignificar a pergunta. Ele propôs que a encarasse não apenas como um problema teórico,

mas como uma oportunidade de realizar uma 'viagem etnográfica' em meu próprio ser. Afinal, como apontam Severino-Filho e Silva (2022, p. 03), “toda viagem é etnográfica, inclusive aquelas que realizamos em nosso interior."

A partir dessa provocação, passei a refletir sobre o significado de cada expressão. O tempo que marca refere-se ao tempo vivido, ao tempo social, às relações entre pessoas e ao vínculo com o ambiente. Já as marcas do tempo correspondem ao olhar retrospectivo que permite reconhecer os vestígios deixados pela passagem desse tempo em nossas trajetórias pessoais e históricas. Em outras palavras, as marcas do tempo são sinais de um processo e das transformações visíveis que revelam o percurso percorrido, enquanto o tempo que marca é o fluxo vital, o tempo da vida em sua plenitude, que imprime significado à experiência.

Essa reflexão, nascida de uma pergunta, tornou-se o eixo estruturante desta seção e deu origem a primeira parte do meu título: **“**Minhas Marcas do Tempo.” Na qual descrevo sobre minha trajetória e o meu tempo vivido, entrelaçando experiências, memórias e os caminhos que me conduziram até este momento.

É justamente ao revisitar esse tempo vivido que retorno à minha infância, período em que se iniciou minha relação com a educação. Acompanhava minha mãe, que foi minha primeira professora, responsável por me ensinar a ler e a escrever.

Nessa época morávamos em uma comunidade rural do interior de Mato Grosso chamada Terra Roxa. Essa comunidade está situada próxima às terras indígenas Serra Morena e ao Parque do Aripuanã, habitadas pelo povo Cinta Larga, além da Terra Indígena *Enawenê Nawê*. Vale ressaltar que essa proximidade geográfica não representava um contato direto nem uma compreensão mútua entre os povos; ao contrário, delineava uma fronteira simbólica e cultural, marcada por tensões e desconhecimento recíproco.

Toda a minha trajetória educacional, do ensino fundamental ao ensino médio, ocorreu nessa localidade e, naquele período, eu tinha medo dos “indígenas”, termo utilizado aqui não de forma pejorativa, mas como expressão da visão limitada e desinformada que possuía à época.

Esse medo, internalizado no imaginário social da fronteira, constituiu meu primeiro “lugar de fala” sobre o indígena: um lugar de alteridade radical e desconhecimento. Tal percepção evidencia como os discursos sociais produzem representações sobre os povos indígenas, muitas vezes marcadas por estereótipos e distanciamentos, o que reforça a importância de problematizar essas construções ao longo da formação docente.

Por se tratar de uma comunidade rural, o local não oferecia condições que possibilitassem o avanço educacional e profissional. Diante disso, precisei me mudar para

Juína, onde iniciei o curso de Licenciatura em Matemática na AJES – Associação Juinense de Ensino Superior.

Com o ingresso no ensino superior, comecei a tensionar minhas concepções iniciais, ampliando meu olhar sobre o outro e reconhecendo a diversidade de modos de vida e de conhecimentos existentes.

Como parte obrigatória do curso, realizei meu estágio em uma escola do campo, localizada na Linha 5, a alguns quilômetros de Juína. Em meados de julho de 2009, a escola foi cedida à extinta Assessoria Pedagógica de Juína para a execução do Projeto *Haiyô* [1].

Durante um dos dias de estágio, fui convocado à direção da escola pela assessora pedagógica da época, Lusmar Goret, que solicitou que eu também estagiasse no projeto e auxiliasse os indígenas nas aulas de informática.

Dessa forma, ocorreu minha primeira experiência com a educação escolar indígena, representando um ponto de inflexão em minha trajetória, pois inaugurou não apenas um novo campo de atuação profissional, mas também um processo de transformação pessoal e epistemológica. O encontro, agora em um contexto de diálogo e proposta profissional, desfez o fantasma do "índio" que habitava meu imaginário, substituindo-o pela presença concreta e política das lideranças.

Quando concluí minha graduação, fui contratado como professor de Metodologia de Ensino de Matemática, no Projeto Haiyô. Foi uma experiência marcante em que produzimos materiais pedagógicos voltados à alfabetização matemática e, nesse processo, tive o privilégio de conhecer uma professora pedagoga, que me ensinou muito sobre alfabetização e sobre a educação escolar indígena. Juntos, elaboramos materiais que uniam matemática e letramento, sempre atentos às especificidades culturais. Como pode ser observado na Figura 1, esses materiais refletem uma proposta pedagógica intercultural construída a partir do diálogo entre saberes.

[1] O Projeto Haiyô foi um curso de magistério intercultural promovido pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc-MT), em parceria com a Fundação Nacional do Índio (Funai), o Ministério da Educação (MEC) e Secretarias Municipais de Educação. O curso atendeu professores indígenas de diferentes etnias, entre elas Xavante, Bororo, Terena, Paresi, Nambikwara, Rikbaktsa, Enawenê-Nawê, Apiaká, Manoki, Irantxe, Bakairi, Kayapó, Tapirapé, Karajá, Umutina, entre outras, totalizando cerca de 31 povos indígenas do estado. As formações foram organizadas em polos localizados nos municípios de Juína, Canarana, Xingu, Campinápolis, Tangará da Serra e Barra do Garças, entre outros, de modo a atender as diferentes regiões. O projeto teve início em 2005, estruturado em dez etapas semestrais com momentos presenciais e não presenciais, concluídas aproximadamente em 2010. As atividades formativas integraram tanto conteúdo da base comum como: Língua Portuguesa, Filosofia, Sociologia, Ecologia, Saúde Indígena e Legislação da Educação Escolar Indígena, quanto saberes e práticas culturais específicos de cada povo participante, visando ao fortalecimento da autonomia e da qualidade da educação escolar indígena.

Figura 1 - Livros de Alfabetização Matemática produzidos no Projeto Haiyô/ Polo de Juína



Fonte: (Midianews, 2021)

A colaboração com essa colega sublinhou a importância do conhecimento prático e da sensibilidade cultural na construção de um currículo intercultural, refletindo sobre a pedagogia do encontro.

Essa abordagem confirma que o encontro é, fundamentalmente, um "espaço de convergência do ser humano na sua relação com o(s) outro(s) e na intenção de gerar o 'Nós' (Martins, 2021, p. 34), transformando a prática educativa em uma potente experiência de construção coletiva.

Com o encerramento desse projeto, fui novamente convocado a participar de uma reunião na extinta Assessoria Pedagógica de Juína. Para minha surpresa, ao chegar, encontrei diversas lideranças e caciques do povo Cinta Larga, vizinhos da comunidade Terra Roxa, que até então eu temia por falta de conhecimento.

Durante a reunião, recebi o convite para atuar como professor na Aldeia Rio Seco, com a missão de implantar os anos finais do Ensino Fundamental na comunidade, cuja imagem está apresentada na Figura 2. Essa responsabilidade não era apenas minha, junto comigo foram convidadas duas colegas: uma formada em Geografia e outra em Letras. Curiosamente, todos nós havíamos iniciado nossa trajetória na educação escolar indígena por meio do Projeto *Haiyô*.

Figura 2 -Aldeia Rio Seco



Fonte: Arquivo do Autor (2015).

Aceitamos o convite e, em parceria com a Assessoria Pedagógica de Juína, Coordenadoria de Educação Escolar Indígena da SEDUC/MT e o próprio povo Cinta Larga, elaboramos uma proposta pedagógica que, após aprovação dos órgãos competentes, iniciamos as aulas na Sala Anexa da Aldeia Rio Seco.

Ali enfrentei um grande choque de realidade: saí de uma escola rural pequena, mas com uma estrutura física e pedagógica razoavelmente boa considerando que era uma escola indígena que não possuía condições físicas adequadas, sustentada quase que exclusivamente pela vontade dos estudantes indígenas em aprender. Além das dificuldades estruturais da escola, as estradas e pontes da região eram precárias, como podemos ver nas Figuras 3 e 4.

Figura 3 - Ponte de madeira improvisada



Fonte: Arquivo do Autor (2013).

Durante o período chuvoso, os córregos e riachos aumentavam muito suas vazantes e isso fazia com que, frequentemente, as pontes ficassem submersas e avariadas, dificultando ainda mais o acesso e a mobilidade, conforme se observa na Figura 4.

Figura 4 - Rio transbordando e ponte precária



Fonte: Arquivo do Autor (2013).

Os estudantes deslocavam de diferentes Aldeias: Serra Dourada, Serra Morena, Rio 21 e Rio Capivara, e ficavam alojados na unidade escolar, assim como nós, os professores.

Foi nesse contexto que conheci a Pedagogia da Alternância, que se apresentou como uma possibilidade de formação escolar e humana alinhada às especificidades do campo, sendo compreendida, segundo Rodrigues (2020), como algo que ultrapassa a ideia de um simples método, configurando-se como um sistema educativo.

Nessa lógica, trabalhávamos 15 dias consecutivos em sala de aula e, depois, retornávamos para a cidade, enquanto os estudantes regressavam às suas aldeias, vivenciando uma dinâmica que articula diferentes espaços formativos.

Na Pedagogia da Alternância, essa organização se caracteriza pela articulação de dois espaços complementares: "a instituição escolar (Tempo Escola) e o seio familiar/comunidade (Tempo Comunidade), havendo equivalência de importância dos dois espaços para a formação integral do alternante" (Rodrigues, 2020, p. 11).

A Pedagogia da Alternância, nesse cenário, emergiu não apenas como método pedagógico, mas como uma estratégia de sobrevivência e adaptação logística à realidade da distância e da mobilidade indígena. Essa vivência prática da Pedagogia da Alternância, que se deu mais por necessidade logística do que por adesão a um modelo teórico pré-estabelecido, constituiu o meu primeiro olhar para a interculturalidade em movimento. Dessa forma, a

experiência vivida ultrapassa o campo da prática pedagógica e se insere em uma compreensão mais ampla da educação como processo relacional, situado e culturalmente mediado.

Os primeiros anos com os Cinta Larga foram extremamente desafiadores. Vivíamos em alojamentos precários, sem energia elétrica, e dependíamos de transportes improvisados. A Assessoria Pedagógica de Juína possuía apenas um carro, modelo Fiat Uno, e muitas vezes era preciso solicitar veículos emprestados da prefeitura de Juína para conseguir chegar até a aldeia.

Uma lembrança marcante foi em um feriado de Páscoa. Havíamos concluído uma etapa presencial e nos preparávamos para retornar à cidade, quando recebemos, via rádio, a notícia de que não teríamos transporte: a Prefeitura Municipal de Juína havia emendado o feriado. Liberamos os estudantes para retornarem para as suas comunidades e nos resignamos a passar a Páscoa na aldeia, longe das nossas famílias.

No entanto, na manhã de Páscoa, ouvimos um carro chegando e imaginamos que fosse algum veículo da saúde indígena, mas, para nossa surpresa, eram a assessora pedagógica e o diretor da escola, que haviam ido nos buscar, há 190 km da cidade de Juína. A cena me marcou profundamente, a assessora, já idosa, deixou o aconchego de sua família em pleno feriado para se preocupar com o bem-estar de três professores não indígenas em território Cinta Larga.

Naquele dia, tive a certeza de que a educação é feita, sobretudo, por pessoas, que se dedicam além do esperado. Ali aprendi que educar também significa enfrentar sacrifícios, mas igualmente colher recompensas que dão sentido à nossa caminhada.

Foram cinco anos de trabalho na Escola Estadual Indígena *Eterepuiy*, período em que implantamos os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, ambos em funcionamento até hoje. A primeira turma a concluir o Ensino Médio, formada em 2012, está representada na Figura 5.

Figura 5 - Primeira turma do Ensino Médio da EEI Eterepuiy



Fonte: Arquivo do Autor (2012).

Durante dois desses anos, elaboramos o Projeto *Pamaré*[2], que trouxe recursos significativos e ampliou as oportunidades na escola. Nesse mesmo período, participamos ativamente de feiras de ciências e intercâmbios com escolas, fortalecendo o interesse dos alunos pela pesquisa e pela produção de conhecimento.

Em 2014, comecei a trabalhar na Escola Estadual Indígena Pé de Mutum, localizada no município de Juara/MT pertencente ao povo *Rikbaktsa*. Lá vivi uma realidade totalmente diferente da que havia experimentado com o povo Cinta Larga, embora a missão fosse semelhante: a implantação do ensino médio. A mudança de campo, do contexto Cinta Larga para o *Rikbaktsa*, foi um ponto de inflexão que exigiu uma nova suspensão de pressupostos e um novo processo de aprendizagem etnográfica, marcando a transposição de fronteiras.

Nessa unidade escolar, atuei como professor, integrador curricular e, por fim, como coordenador pedagógico designado.

Precisei aprender muito sobre o povo *Rikbaktsa* e me vi fascinado por sua pedagogia. Observava com admiração o modo como ensinavam, cheio de sensibilidade e significado e essa experiência foi fundamental para minha trajetória. Nesse sentido, Serschön (2025, p. 18) afirma:

[2] O Projeto Pamaré foi uma iniciativa educativa e cultural realizada nos anos de2011 e 2012, no município de Juína, com o objetivo de valorizar e divulgar a cultura da etnia Cinta Larga no contexto escolar. O projeto foi executado pelos alunos da Escola Indígena *Eterepuiy*, sob a coordenação dos professores Fernando Dhermam e Maria Aparecida de Oliveira Teixeira, por meio de apresentações culturais que envolveram palestras, danças, músicas, relatos, culinária tradicional, artesanato e mitos. A iniciativa foi financiada pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT) e contou com o apoio da FUNAI e da Associação Indígena Eterepuiya. Dessa forma, o projeto se consolidou como uma importante ação de educação intercultural, promovendo a valorização dos saberes tradicionais e o diálogo entre diferentes culturas no ambiente escolar.

> As comunidades indígenas nos ensinam que a educação não se limita às paredes da escola ou aos currículos impostos de fora. As aprendizagens acontecem de forma integrada à vida, respeitando os tempos, espaços e escolhas dos aprendizes. Nesses contextos, o ato de aprender está profundamente conectado à identidade e à coletividade. Essas práticas desafiam a lógica hegemônica da educação ocidental que, muitas vezes, ignora as necessidades individuais dos estudantes e reduz a aprendizagem a um processo padronizado e utilitarista.

A acolhida dos Rikbaktsa foi maravilhosa. Fui recebido de braços abertos; aprenderam comigo e me ensinaram sobre a cultura e seu modo de viver e de ver o mundo.

Alguns anos depois, durante uma atividade de monitoramento pedagógico, fui convidado por um ancião, Ivan (*in memoriam*), que me honrou com o nome *Mapadi* e me afiliou ao clã Arara Cabeçuda. Abaixo, na Figura 6, está registrada a minha participação na Festa da Seca, utilizando a pintura corporal do clã que fui incorporado. Esse gesto foi profundamente marcante, pois simbolizava o carinho e o respeito que tinham por mim, além de reafirmar que eu estava trilhando o caminho certo na educação junto a esse povo.

Figura 6 - Participando da Festa da Seca, utilizando as pinturas do meu clã



Fonte: Arquivo do Autor (2017)

Vale ressaltar que esse foi o primeiro e único nome indígena que recebi em toda a minha trajetória profissional junto aos povos indígenas. Com o novo nome e o pertencimento a um clã, vieram também responsabilidades: o ancião me fez prometer que nunca abandonaria o povo *Rikbaktsa* e que, onde quer que eu estivesse, manteria meus laços com aquela comunidade. Nesse sentido, a experiência vivida reforça a compreensão de que o verdadeiro pertencimento nasce do encontro e da abertura para o outro, como destacam Severino-Filho e Silva ao afirmar que:

> É o conhecimento produzido pelo encontro quando nos situamos entre eles que vai nos possibilitar ser educadores entre eles. E, a eles, serem educadores situados entre nós. A comunicação se dá quando fazemos o movimento de ir para o lugar onde eles estão e nos propusermos a conversar e saber quem eles são. (2018, p. 238).

Essa experiência não se limitou a um gesto simbólico, mas ela expressa um processo profundo de reconhecimento e vínculo como afirma Serschon (2025, p. 16) “entrar em contato com as culturas dos povos indígenas nos proporciona uma reconexão com valores que, frequentemente, são ofuscados pela complexidade da sociedade contemporânea”. Assim, ao receber um nome e ser acolhido por um clã, fui convidado a revisitar valores como compromisso, pertencimento, respeito e responsabilidade coletiva, elementos centrais na organização social dos *Rikbaktsa*.

A promessa feita ao ancião, portanto, não representa apenas uma obrigação pessoal, mas a assimilação de uma ética relacional que se aprende pela convivência e pelo respeito às cosmologias indígenas.

Foram cinco anos de muito aprendizado e afeto. Quando meu tempo ali se completou, recebi outro convite para conhecer o povo *Enawenê Nawê* e acompanhar o processo de implantação da Educação Escolar Indígena junto a essa comunidade.

Assim teve início uma nova etapa da minha trajetória, cheguei à Terra Indígena *Enawenê Nawê* para atuar como coordenador pedagógico e contribuir com a criação de uma unidade escolar na Aldeia *Halataikwa*.

Entre inúmeras idas e vindas à aldeia, sempre acompanhadas de reuniões e diálogos com a comunidade, buscando compreender seus anseios e desejos em relação à educação escolar *Enawenê Nawê.*

Em uma dessas viagens para a Aldeia *Halataikwa*, seguíamos no carro da FUNAI ao lado de uma amiga e servidora, Consuelo Tamiris Cardoso Selva, e estávamos conversando sobre a cultura *Enawenê Nawê*, educação escolar indígena e sobre fatos da vida e ao contemplar a imensidão da estrada principal, ela comentou: “todos os caminhos levam a *Halataikwa*”, essa metáfora pode ser observada na Figura 7, na qual todas as estradas estão ligadas a aldeia.

Guardei essa frase comigo e, ao iniciar a escrita desta dissertação, percebo o quanto ela faz sentido. Contudo, para traduzir minha própria vivência, posso dizer que todos os caminhos me conduziram até aqui.

Figura 7 - Foto aérea da Aldeia Halataikwa



Fonte: Consuelo Tamiris Cardoso Selva (2022).

Na Comunidade *Enawenê Nawê,* a experiência com a escola se apresentou como um espaço de encontro entre diferentes formas de compreender o mundo.

Diferentemente dos outros contextos em que a educação escolar indígena já estava mais consolidada, entre os *Enawenê Nawê* esse processo se constituía de maneira própria, exigindo não a introdução de conceitos, mas o diálogo entre distintas formas de organizar, transmitir e significar os saberes.

Nesse sentido, a compreensão sobre a escola, o papel do professor e os processos de ensino e aprendizagem foram sendo construídos de modo relacional, a partir das experiências, dos tempos e das referências culturais da própria comunidade. Esse processo evidenciou que a escola, nesse contexto, não pode ser compreendida como um espaço de imposição de saberes, mas como um território de negociação e construção intercultural.

Outro aspecto importante foi o início das discussões voltadas à elaboração de um currículo específico e diferenciado, orientado pelos saberes culturais do povo *Enawenê Nawê.* Nesse processo, foram compartilhadas e debatidas informações, concepções e expectativas sobre o que a escola poderia ser nesse contexto, evidenciando também as tensões históricas presentes na escolarização indígena. Tais tensões, no entanto, não indicaram a ausência de saberes, mas reforçaram a necessidade de reconhecer a legitimidade dos conhecimentos próprios e suas formas de existência. Ao pensar na construção de um currículo, implicou afirmar que os saberes Enawenê Nawê constituem sistemas complexos, articulados às dimensões do

ambiente, da espiritualidade, da alimentação, da saúde e da vida coletiva, sendo continuamente atualizados nas práticas e nas relações comunitárias.

Após muitos diálogos, escutas atentas e um processo contínuo de investigação, passamos a incorporar esses conhecimentos às práticas em sala de aula, evidenciando que os saberes ancestrais estão profundamente articulados à vida escolar e ao cotidiano dos estudantes, devendo ocupar lugar central nas práticas pedagógicas. Esse movimento reforçou que os conhecimentos indígenas não são conteúdos a serem incorporados de forma pontual, mas estruturas complexas que orientam a própria organização da vida social daqueles que a inseridos.

A partir dessa mudança, passamos a desenvolver oficinas que buscavam integrar os saberes tradicionais às práticas escolares. Essas atividades envolveram desde diálogos sobre a história do povo até explicações acerca do território, dos ciclos naturais, dos rituais e das práticas cotidianas que estruturam a vida comunitária. Com o tempo, a presença dos *Sotakatali* tornou-se mais constante e participativa, passando de visitantes ocasionais a protagonistas do processo formativo, assumindo um papel essencial na construção de uma educação intercultural.

Tornou-se parte do cotidiano vê-los em sala de aula, difundindo conhecimentos milenares e enriquecendo profundamente o diálogo pedagógico. Suas falas não se limitavam à transmissão de informações, mas expressavam modos próprios de pensar, interpretar o mundo e se relacionar com a terra, com os seres vivos e com o coletivo. Cada oficina configurava-se, assim, como um espaço de partilha, no qual estudantes, professores e lideranças se reconheciam como sujeitos do conhecimento.

Na Figura 8, observamos os caciques explicando sobre os rios e afluentes da Terra Indígena, momento que exemplifica a riqueza dessas interações e a profundidade dos saberes compartilhados. Essas explicações não se limitaram a mapas ou descrições geográficas, mas envolviam também memórias, narrativas ancestrais, experiências de vida e ensinamentos sobre cuidado, respeito e responsabilidade com o território. Dessa forma, a escola se transformou em um espaço de encontro entre diferentes formas de conhecimento, fortalecendo laços comunitários e reafirmando a centralidade da cultura *Enawenê Nawê* no processo educativo.

Figura 8 - Caciques Lolawenakwaene e Kolareene explicando sobre os rios e afluentes da Terra Indígena



Fonte: Arquivo do Autor (2022).

Vale destacar que, antes dessa implantação, várias pessoas haviam passado pela aldeia atuando como professores, vinculados a diferentes instituições e ONGs, dentre elas, uma profissional marcou profundamente a vida dos *Enawenê Nawê*: Gerusa Gertrudes de Sousa, falecida em 2018, e que até hoje é lembrada como uma grande referência na educação escolar desse povo.

Ao falar de educação, me recordo de um episódio que demonstra o quanto os *Enawenê Nawê* são organizados. Antes mesmo da criação da escola, eles relataram que, por iniciativa própria, quando uma pessoa aprendia a ler e escrever, deixava a vaga para outra que ainda não sabia nada, para que também pudesse aprender. Essa prática solidária expressa muito da essência coletiva desse povo.

Essa experiência me permitiu compreender melhor as necessidades, os valores e as formas próprias de pensar da comunidade. Ao invés de buscar adequações, tornou-se fundamental promover diálogos entre diferentes formas de organização do ensino, reconhecendo que o ritmo escolar e a exigência de frequência contínua correspondem a uma

lógica específica, que nem sempre se articula com os tempos e modos de aprendizagem do povo. Assim, as tensões vivenciadas passaram a ser compreendidas como parte do encontro entre diferentes perspectivas educativas, reforçando a importância de pensar a escola a partir das referências e dinâmicas próprias da comunidade.

No primeiro ano de trabalho na aldeia, atuei praticamente sozinho, compartilhando conhecimentos relacionados ao funcionamento da escola e, simultaneamente, aprendendo com a comunidade suas formas de ensinar, aprender e organizar a vida coletiva. Nesse período, exerci múltiplas funções: merendeiro, construtor, professor, coordenador etc., em um contexto que se estruturava de forma gradual, ainda sem uma estrutura física consolidada. Essa multiplicidade de funções evidencia a ausência do Estado e, ao mesmo tempo, a potência da organização comunitária na construção da escola.

Junto com a comunidade, iniciamos a construção das primeiras salas provisórias na Aldeia *Halataikwa*, feitas de madeira e palha (Figura 9), em um processo coletivo que valorizava os saberes locais e as formas próprias de organização do trabalho.

Figura 9 - Sala de aula provisória na Aldeia *Halataikwa*



Fonte: Arquivo do Autor (2021).

Posteriormente, repetimos o processo anualmente na Aldeia *Kotakowinakwa/Dolowikwa*, onde as estruturas passaram a ser erguidas com madeira e lona (Figura 10). O Estado exigia uma escola em funcionamento, mas não oferecia as condições mínimas para garantir uma educação de qualidade. Diante desse cenário, coube à comunidade, com seu esforço coletivo, organização interna e a determinação do povo *Enawenê Nawê*, criar as condições necessárias para iniciar o ano letivo.

Figura 10 - Construção de salas de Aula provisória na Aldeia *Dolowikwa/Kotakowinakwa*



Fonte: Arquivo do Autor (2021)

Ainda assim, conseguimos levantar espaços que, embora simples, atenderam às necessidades das turmas nos primeiros anos. Eram salas improvisadas, quentes e frequentemente superlotadas, não havia cadeiras, apenas alguns bancos improvisados ou, em muitos momentos, o próprio chão batido servia de assento. Os materiais se resumiam a um quadro negro desgastado, sem paredes e a uma cobertura de lona ou palha que, apesar de vulnerável, era sustentada pela força da comunidade. Essas condições podem ser observadas na Figura 11, que ilustra com precisão a precariedade estrutural enfrentada naquele período. Mas, acima de tudo, havia algo que não faltava: a vontade de aprender daqueles jovens e a confiança da comunidade no poder transformador da educação.

Figura 11 - Sala de aula improvisada na Aldeia *Kotakowinakwa/Dolowikwa*



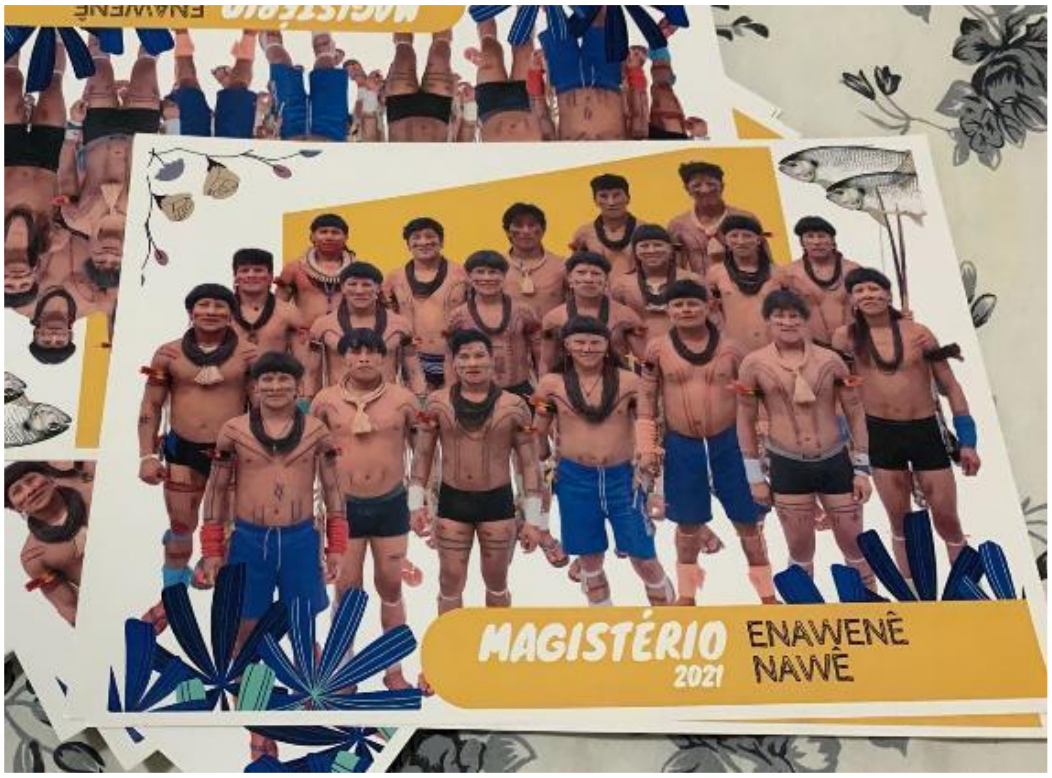
Fonte: Arquivo do Autor (2022).

Com o crescimento da escola, em 2020 foram contratados três professores não indígenas (um formado em Letras e dois em Matemática) para atuarem nas turmas Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em 2021, uma pedagoga passou a integrar a equipe, fortalecendo o trabalho coletivo.

Nesse mesmo período, a Escola Estadual Indígena *Myhyinymykyta* recebeu a responsabilidade de concluir o Curso de Magistério Intercultural, que atendia alguns professores *Enawenê Nawê*. Esse curso foi finalizado em 2021 e a formatura ocorreu em dezembro do mesmo ano.

Por se tratar da primeira turma, os formandos fizeram questão de celebrar a conquista com todos os elementos simbólicos: organização da cerimônia, festa, ornamentações e, claro, convites especialmente elaborados para o evento, como na Figura 12, que apresenta o convite oficial da formatura. Essa atenção aos detalhes expressava não apenas o orgulho da turma, mas também a importância histórica e cultural daquele momento para toda a comunidade.

Figura 12 - Convite da Formatura do Magistério



Fonte*:* Arquivo do Autor (2021)

Durante todo o processo de implantação e execução das aulas, fomos nos adaptando à realidade local, aos rituais e à dinâmica cultural do povo *Enawenê Nawê*. Uma das principais adaptações foi o ajuste do tempo escolar: as aulas passaram a ter três horas em sala e uma hora

dedicada aos rituais, que foram reconhecidos como momento de aprendizagem, quando os ritos se estendem por todo o dia, o período total é contabilizado como letivo.

Foram cinco anos de trabalho árduo, desempenhando diversas funções e acompanhando a luta do povo para se desvincular da Escola Estadual Indígena *Myhyinymykyta Skiripi* e, finalmente, a ativação da Escola Estadual *Enawenê Nawê*. No final de 2023, essa conquista se concretizou com o início do processo de ativação da nova unidade escolar, onde, em reunião, foi decidido que eu assumiria a direção.

Entretanto, a vida é feita de escolhas e surpresas. Nesse mesmo período, fui aprovado no processo seletivo do Mestrado, o que me levou a tomar uma decisão difícil: entre gerir a nova unidade escolar e seguir meu caminho de formação acadêmica, optei por me capacitar, acreditando que o conhecimento adquirido retornará, de alguma forma, em benefício dessa e de outras comunidades indígenas. Essa decisão não representou um afastamento da prática, mas um movimento de aprofundamento teórico que busca qualificar ainda mais minha atuação junto às comunidades indígenas.

SEÇÃO 3

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta seção apresenta os caminhos metodológicos que orientaram a presente investigação, explicitando a abordagem qualitativa, etnográfica, adotada para a compreensão aprofundada dos marcadores de tempo presentes nos rituais *Enawenê-Nawê*. Parte-se do entendimento de que investigar tais marcadores implica não apenas em descrevê-los, mas situá-los no interior das cosmologias, nas práticas ritualísticas e nas dinâmicas socioculturais que lhes conferem sentido.

Taffarel (2018, p. 41) destaca que a metodologia não se estabelece de forma rígida e definitiva antes do início do percurso investigativo, ao contrário, vai se configurando progressivamente na medida em que o pesquisador se aproxima do objeto de estudo. Ainda que exista um direcionamento inicial, o percurso permanece aberto, flexível e suscetível a reorientações, especialmente quando se adota a perspectiva etnográfica, que exige sensibilidade ao campo e disposição para escuta e diálogo constantes.

Nesta seção também são descritos os procedimentos éticos e institucionais que asseguraram a legitimidade da pesquisa em contexto indígena, evidenciando o cumprimento das normativas legais e o respeito aos protocolos comunitários. Do mesmo modo, apresentam-se as estratégias de produção e análise das informações, contemplando a imersão prolongada em campo, a observação participante, a participação em rituais e o registro sistemático das experiências vividas.

Além disso, expõem-se os critérios utilizados para a seleção dos participantes da pesquisa, os procedimentos de coleta das informações e os fundamentos que orientaram a identificação dos marcadores de tempo analisados, bem como o papel desempenhado pelos tradutores durante as interações de campo. O uso de recursos tecnológicos para apoio à transcrição e organização dos dados também é apresentado, ressaltando que tais instrumentos foram empregados exclusivamente como suporte técnico, sempre submetidos à validação humana e orientados pelo respeito à cultura local e às formas próprias de conhecimento do povo *Enawenê-Nawê.*

3.1. As burocracias da Pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como uma investigação de natureza qualitativa, com enfoque interpretativo e descritivo, voltada à compreensão dos marcadores de tempo presentes nos rituais e nas práticas cotidianas do povo *Enawenê Nawê,* bem como de suas relações com os saberes e modos próprios de organização sociocultural. Esse enfoque foi adotado por sua potencialidade em captar a complexidade e as nuances dos fenômenos simbólicos, sociais e culturais observados no contexto estudado.

Para realizar essa pesquisa, a etnografia foi adotada como estratégia metodológica central, conforme propõe Geertz (2008), permitindo, por meio de diferentes instrumentos e técnicas de geração e registro de informações, a interpretação dos significados atribuídos pelo próprio povo aos seus marcadores de tempo.

Praticar a etnografia como estratégia de geração e registro das informações necessárias a uma pesquisa de dissertação de mestrado, pelo grau de envolvimento e dedicação que requer, nos colocou diante de diversas situações às quais precisávamos nos adequar. Na visão de Geertz (2008), a etnografia é como desbravar um manuscrito enigmático, escrito não em palavras, mas em gestos, símbolos e comportamentos efêmeros que se entrelaçam na trama das comunidades. Contudo, temos a convicção de que, para realizar um estudo na Terra Indígena do povo *Enawenê Nawê,* ou em qualquer contexto habitado por grupos culturalmente distintos, é imprescindível fazer imersões, compartilhar espaços e obter o consentimento esclarecido e a concordância da comunidade. Essa necessidade de imersão e diálogo, inerente à prática etnográfica, é indissociável das exigências éticas e legais que regem as pesquisas em contextos indígenas.

Entretanto, para a realização de estudos na Terra Indígena do povo *Enawenê Nawê* ou em qualquer contexto habitado por grupos culturalmente distintos, torna-se imprescindível realizar imersões no cotidiano da comunidade, compartilhar espaços e estabelecer relações baseadas no consentimento esclarecido e no diálogo intercultural. Essa necessidade de imersão, inerente à prática etnográfica, está diretamente associada às exigências éticas e legais que regem pesquisas com povos indígenas.

O desenvolvimento desta pesquisa demandou a observância rigorosa de um conjunto articulado de procedimentos éticos e administrativos, estruturados em etapas sucessivas e interdependentes, que envolveram diferentes instâncias institucionais. Tratou-se de um processo extenso e complexo, cuja finalidade foi assegurar a legitimidade científica, ética e jurídica da investigação em território indígena.

A primeira etapa consistiu na submissão do projeto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), conforme exigido para pesquisas que preveem ingresso em terras indígenas. Nessa fase, o projeto foi encaminhado para análise de mérito científico, observando-se o prazo mínimo estabelecido na normativa vigente. O processo foi instruído por uma coordenação técnica específica e submetido à avaliação de consultores *ad hoc*, incluindo, obrigatoriamente, parecerista da área de Antropologia. O parecer emitido pelo CNPq constitui documento indispensável para a tramitação posterior junto à Fundação Nacional dos Povos Indígenas, atestando a qualidade acadêmica, a relevância e a viabilidade da investigação.

Obtido o parecer favorável de mérito científico, iniciou-se a segunda etapa: a solicitação formal de autorização de ingresso em terra indígena junto à Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), com fundamento na Instrução Normativa nº 01/PRESI/1995. O processo administrativo incluiu o encaminhamento de carta de apresentação institucional, o projeto detalhado com indicação da terra indígena e cronograma de atividades, o currículo do pesquisador, documentação pessoal e demais exigências formais. Toda a documentação foi protocolada por meio do sistema digital oficial, respeitando os prazos estabelecidos. A análise pela FUNAI somente ocorreu após a juntada do parecer favorável do CNPq e a instrução completa do processo.

Paralelamente, considerando que a pesquisa envolveu seres humanos, especificamente povos indígenas, o projeto foi submetido ao sistema CEP/CONEP, por meio da Plataforma Brasil. Assim, além da apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição de vínculo, o processo foi automaticamente encaminhado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), instância responsável pela análise de pesquisas com populações indígenas. Essa etapa implicou revisões, complementações documentais e adequações solicitadas pelos pareceristas, o que prolongou o tempo de tramitação. A morosidade do processo, embora tenha impactado o cronograma inicial, evidencia o rigor institucional na proteção dos direitos, da dignidade e da autonomia dos povos indígenas participantes.

No âmbito da FUNAI, a autorização para ingresso em território indígena condicionou-se, ainda, à consulta às lideranças da comunidade envolvida. Essa consulta, mediada institucionalmente, constitui etapa indispensável, pois reconhece o direito de manifestação da coletividade sobre a realização da pesquisa em seu território.

Somente após a manifestação favorável das lideranças foi emitida autorização formal, com delimitação temporal para permanência em campo.

Adicionalmente, nos casos em que a pesquisa envolva conhecimentos tradicionais associados, registros audiovisuais ou produção de dados sensíveis, são exigidos termos de consentimento livre e esclarecido, bem como compromissos formais quanto ao uso exclusivo das informações para os fins acadêmicos autorizados. Tais exigências reforçam o compromisso com a ética intercultural, a proteção do conhecimento tradicional e o respeito aos protocolos próprios da comunidade.

Desse modo, o percurso institucional da pesquisa configurou-se como um processo em múltiplas camadas: análise de mérito científico pelo CNPq, autorização administrativa e territorial pela Funai, avaliação ética pelo sistema CEP/CONEP e consulta às lideranças indígenas. Longe de representar mera formalidade burocrática, esse conjunto de trâmites constituiu parte integrante da própria metodologia, na medida em que expressa o reconhecimento da soberania territorial, da autonomia coletiva e da centralidade ética na produção do conhecimento em contexto indígena.

Entretanto, acreditávamos que tais trâmites, embora fundamentais, não substituíam o conhecimento prévio sobre o contexto estudado nem o histórico de relacionamento entre o pesquisador e seus interlocutores. Nesse sentido, o fato de já atuar há alguns anos como docente na escola situada na Terra Indígena *Enawenê Nawê*, e de manter uma relação de profunda afetividade e confiança com a comunidade, favoreceu a realização de algumas atividades preliminares de campo ainda durante a tramitação das autorizações formais.

Para evitar qualquer interpretação de tentativa de contorno aos protocolos éticos, fora importante esclarecer que as atividades realizadas antes das autorizações oficiais se limitaram à observação participante passiva e a diálogos informais realizadas durante realização das atividades profissionais, sem registro de informações sensíveis ou realização de entrevistas formalizadas. O consentimento verbal para a presença em campo foi obtido junto às lideranças locais: caciques e membros do conselho escolar, tendo sido documentada em ata de reunião (Anexo 1).

Quaisquer riscos éticos foram mitigados pela não utilização de informações coletadas antes da aprovação do CEP/CONEP (Parecer nº 7.625.869) e da autorização da FUNAI (Autorização nº 12/AAEP/2025). Tal relação prévia de confiança, somada ao conhecimento do campo, foi determinante tanto para a aceitação da pesquisa quanto para a qualidade da interlocução etnográfica.

O projeto foi aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) em 13 de junho de 2025, por meio do Parecer Consubstanciado nº 7.625.869 (Anexo 6). Anteriormente, em 29 de novembro de 2024, havia sido emitido parecer favorável pelo

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Anexo 2), vinculado ao Processo SEI nº 01300.009740/2024-75, conforme os trâmites legais vigentes.

Posteriormente, a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), vinculada ao Ministério dos Povos Indígenas, emitiu a Autorização nº 12/AAEP/2025 (Anexo 3), no âmbito do Processo SEI nº 08620.015944/2024-71, assinada eletronicamente em 24 de janeiro de 2025, com vigência de 1º de março a 29 de agosto de 2025, estabelecendo as condições necessárias para o ingresso e a permanência no território para a realização da pesquisa científica.

Considerando as necessidades de continuidade das atividades de campo e o cronograma de execução, protocolei uma solicitação de ampliação do prazo da autorização junto à FUNAI, que foi devidamente analisada e chancelada, conforme demonstram os documentos em anexos, quais sejam, o Ofício nº 58/2025/AAEP/FUNAI e a Autorização de Ingresso em Terra Indígena Pessoa Física nº 12/AAEP/2025 (Anexo 4).

Embora os trâmites burocráticos para pesquisas em territórios indígenas sejam extensos, eles representam mecanismos fundamentais de garantia da autonomia, da proteção e do respeito aos protocolos próprios dos povos indígenas, assegurando que o trabalho científico seja conduzido de forma ética, responsável e em conformidade com seus valores, tradições e modos de vida.

3.2. Caminhos Metodológicos

A pesquisa foi realizada na Aldeia *Dolowikwa/Kotakowinakwa*, município de Juína, Terra Indígena *Enawenê Nawê*, no noroeste do estado de Mato Grosso, com o povo *Enawenê Nawê*, adotando uma abordagem etnográfica imersiva, que permitiu não apenas observar, mas também participar e vivenciar o cotidiano da comunidade e seus rituais.

A etapa de produção e análise das informações desta pesquisa teve como propósito fundamental compreender os marcadores de tempo indígenas do povo *Enawenê Nawê*, interpretando como esses elementos se manifestam nos rituais. Os marcadores de tempo, nesse contexto, não se restringem à contagem cronológica linear e ocidental, mas refletem uma dimensão cosmológica, na qual o tempo é percebido e sentido como um processo cíclico, relacional e simbólico, profundamente entrelaçado à natureza, aos rituais e às formas de convivência comunitária.

É fundamental ressaltar, contudo, que o conceito de "marcador de tempo" constitui uma categoria analítica externa, utilizada como ferramenta interpretativa e não como uma tradução direta dos conceitos nativos. Dessa maneira, a pesquisa buscou evidências empíricas de que os interlocutores recorrem, explicitamente, a noções de periodicidade, pesquisando citações

diretas que indexam esses elementos como temporais. Desse modo, evitou-se assumir, de forma apriorística, que os rituais funcionam em analogia distintas, preservando a coerência interna dos significados atribuídos pelo próprio povo Enawenê Nawê.

A imersão no cotidiano da aldeia e a participação ativa no ritual *Derohi* possibilitaram uma interação direta com os membros da comunidade, proporcionando uma perspectiva íntima das celebrações. Essa vivência foi fundamental para observar como a estrutura temporal dos rituais influenciava a vida social e espiritual, revelando a indissociabilidade entre tempo, cosmovisão e prática social. A posição como pesquisador foi a de observador-participante, buscando uma inserção respeitosa e atenta ao fluxo do discurso e das práticas culturais.

Os participantes desta etapa da pesquisa foram definidos em diálogo com as lideranças *Enawenê Nawê*, assegurando a participação de *Sotakatali* e de alguns professores indígenas. A escolha desses participantes se fundamenta no fato de que são reconhecidos na comunidade como guardiões dos conhecimentos rituais, responsáveis pela condução, difusão e execução das práticas cerimoniais. Foram priorizados, portanto, os *Sotakatali* que desempenhavam papéis ativos ou de referência nos rituais *Eyãokwa, Kateokõ, Derohi* e *Salomã*, pois detêm uma compreensão aprofundada sobre a temporalidade ritualística e os sinais da natureza que orientam as atividades coletivas.

Cabe destacar que os *Sotakatali* constituem uma das especialidades mais respeitadas entre os *Enawenê Nawê*, sendo também uma das mais complexas de desempenhar. Conforme aponta Rodgers (2006), esses especialistas atuam como mediadores entre os diferentes planos de existência, sendo os seus saberes fundamentais para a singularidade do modo de vida do povo. Já Jakubazko (2003, p. 47) ressalta que os *Sotakatali* são reconhecidos como grandes pensadores daquela sociedade, gozando de elevado prestígio, admiração e autoridade.

A partir desse primeiro momento, as aproximações foram realizadas de maneira progressiva e respeitosa, acompanhando o ritmo da comunidade e priorizando a construção de relações de confiança. O estabelecimento do contato com os participantes ocorreu de forma gradual e mediada pelas próprias lideranças.

Figura 13 - Primeira Entrevista com os Sotakatali



Fonte: Arquivo do Autor (2025)

Os diálogos e as entrevistas semiestruturadas, realizadas individual e coletivamente, constituíram um componente central da pesquisa, permitindo que os interlocutores compartilhassem livremente suas histórias e visões sobre o simbolismo e o funcionamento dos rituais. Em duas ocasiões, a dinâmica de campo transformou o encontro em uma espécie de grupo focal não planejado, o que enriqueceu o diálogo com múltiplas perspectivas e demonstrou a construção coletiva do conhecimento.

Durante algumas entrevistas e conversas realizadas em campo, especialmente quando os interlocutores se expressavam na língua *Enawenê Nawê*, foi necessária a presença de tradutores indígenas. Esses mediadores, em sua maioria professores da escola da comunidade ou membros com domínio da língua portuguesa, desempenharam papel fundamental na mediação linguística e cultural entre o pesquisador e os participantes da pesquisa.

Mais do que realizar uma tradução literal das falas, esses interlocutores auxiliaram na contextualização de termos rituais, expressões cosmológicas e conceitos próprios da língua *Enawenê Nawê* que não possuem equivalência direta em português. Dessa forma, o processo de tradução constituiu também uma mediação cultural, fundamental para garantir maior fidelidade às narrativas compartilhadas e evitar interpretações equivocadas por parte do pesquisador.

As informações foram produzidas principalmente por meio de observação participante, entrevistas semiestruturadas e registros sistemáticos em diário de campo e gravador. A observação participante permitiu acompanhar atividades cotidianas, momentos de preparação ritual, deslocamentos para pescaria e interações coletivas, possibilitando compreender como os

marcadores de tempo se manifestam nas práticas sociais da comunidade. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas de forma individual e, em alguns momentos, coletivamente, respeitando a dinâmica natural das conversas e a participação espontânea de outros membros da aldeia.

É importante destacar que, embora a pesquisa tenha priorizado entrevistas individuais, em duas ocasiões, a dinâmica de campo transformou o encontro em uma espécie de grupo focal não planejado. Durante as entrevistas, outros *Sotakatali* se juntaram à conversa, enriquecendo o diálogo com informações adicionais e perspectivas complementares. Essa ocorrência, que reflete o fluxo natural do discurso social e a natureza pública da cultura *Enawenê Nawê,* foi incorporada como uma informação etnográfica valiosa, pois demonstrou a construção coletiva do conhecimento e a polifonia de vozes sobre o tema. Em todas as interações, a disponibilidade e o contexto de cada participante foram respeitados, resultando em dias de intensa conversação e outros sem entrevistas formais.

Para o registro em áudio, todos os encontros foram gravados mediante autorização prévia. Posteriormente, os áudios foram transcritos com o apoio de ferramentas de inteligência artificial generativa (*TurboScribe, Perplexity.ai, ChatGPT, Manus),* o que otimizou o tempo de trabalho. As transcrições foram, então, organizadas em categorias temáticas: memórias, mitos/narrativas, marcadores de tempo e rituais.

Para os dados que as ferramentas de Inteligência Artificial não reconhecem o tronco linguístico *Aruak*, foi necessária a presença de tradutores indígenas durante as entrevistas e um processo de mediação cultural. Esses mediadores, que eram majoritariamente professores, auxiliaram na contextualização de termos rituais e conceitos cosmológicos sem equivalência direta em português. Além disso, foi imprescindível um processo de verificação crítica, retornando repetidas vezes aos áudios originais para a correção e reescrita de termos, garantindo a fidelidade linguística e cultural dos registros por meio de uma minuciosa revisão e validação humana.

Esse processo de verificação crítica foi essencial para corrigir eventuais imprecisões da ferramenta, garantir a fidedignidade dos relatos, preservar as nuances da linguagem e do contexto cultural indígena e assegurar a integridade das informações que fundamentaram as análises subsequentes. A revisão humana atuou como um filtro qualitativo indispensável, garantindo que a tecnologia fosse uma aliada no processo, sem comprometer a autenticidade e o rigor da interpretação das informações, demonstrando o rigor metodológico adotado.

Nesse sentido, a postura metodológica adotada alinha-se à perspectiva de Geertz (2008), que afirma: “praticar etnografia é situar-se entre os interlocutores, permitindo que a narrativa da cultura seja lida por sobre os ombros daqueles a quem pertence.”

Os marcadores de tempo analisados não foram definidos arbitrariamente, mas identificados a partir das narrativas e observações em campo. A partir das indicações dos próprios interlocutores, foi possível sistematizar tipos recorrentes de marcadores, como sinais biológicos da natureza (floração, comportamento de animais), variações ambientais (nível dos rios) e os próprios rituais que estruturam o calendário coletivo.

Figura 14 - Entrevista com os *Sotakatali* na *Eyãokwa Hakolone*



Fonte: Arquivo do Autor (2025)

A pesquisa foi desenvolvida em três fases complementares. A primeira concentrou-se na cosmologia, mitos e histórias do povo *Enawenê Nawê*. A segunda voltou-se aos marcadores de tempo, com o acompanhamento integral do ritual *Derohi*. A terceira, realizada após a qualificação, consistiu no retorno à aldeia para a produção de ilustrações pelos próprios indígenas e a devolutiva da versão final do trabalho, como parte do compromisso ético de diálogo, reciprocidade e valorização dos saberes locais.

Na segunda fase houve o acompanhamento da chegada do ritual *Derohi* e a observação detalhada de seus momentos, como a espera pelo grupo de pescaria, ocasiões que foram cruciais. Nesse período, os *Sotakatali* observavam a natureza, cuidavam das *Oloiti*, prestavam

atenção aos sons e protegiam dois totens que representavam os *Yakailiti*. Independentemente de quantas vezes presenciado, a chegada dos grupos de pescaria, tanto no *Iyãokwa* quanto no *Derohi*, permaneceu carregada de energia, evidenciando a dimensão espiritual e social que permeia o ritual.

Durante todas as fases da pesquisa, pude imergir no dia a dia da comunidade e acompanhar todo o ritual *Derohi*: a organização, a coleta e distribuição de lenha, a saída para a pescaria, o retorno e os ritos. Essa vivência foi fundamental, pois permitiu observar detalhes que anteriormente não havia percebido e que só se revelam pela permanência no campo.

Minha posição como pesquisador nesse ambiente foi de observador-participante ativo, buscando sempre me situar de forma respeitosa e atento ao fluxo do discurso social e das práticas culturais. No último dia de pesquisa, acompanhei o ritual *Derohi* em um momento de intensa interação social. Em uma de suas etapas, os *Enawenê Nawê* realizam cantos no pátio da aldeia e, em seguida, deslocam-se coletivamente para o interior das casas, dando continuidade ao ritual.

Figura 15 - Entrevista com o *Sotakatali Kolareene*



Fonte: Arquivo do Autor (2025)

Após a qualificação, retornei à aldeia com o propósito de dar continuidade ao processo de construção da pesquisa, especialmente no que se refere à produção de ilustrações elaboradas pelos próprios indígenas, para compor essa dissertação. Esse momento não se configurou apenas como uma etapa complementar, mas como parte fundamental do compromisso ético assumido, uma vez que também realizei a apresentação da versão final da pesquisa à comunidade, conforme previsto no projeto submetido ao comitê de ética. Dessa forma, buscou-se garantir não apenas a participação ativa na produção dos materiais, mas também a devolutiva do conhecimento construído, respeitando os princípios de diálogo, reciprocidade e valorização dos saberes locais.

Com isso, a validação das informações produzidas em campo ocorreu por meio de diferentes procedimentos complementares. Inicialmente, buscou-se a triangulação das fontes, comparando os relatos obtidos nas entrevistas com as observações realizadas durante os rituais

e com os registros sistemáticos no diário de campo. Em diversas ocasiões, informações apresentadas por um interlocutor foram posteriormente discutidas com outros membros da comunidade, permitindo identificar convergências, complementações ou diferenças de interpretação.

As reflexões e teorizações decorrentes da pesquisa foram fundamentadas em autores que discutem, direta ou indiretamente, a relação entre Etnomatemática, cultura e temporalidade indígena. Nesse sentido, os trabalhos de Ubiratan D'Ambrosio, Severino Filho, Silva, entre outros, foram referenciais essenciais para compreender a dinâmica de constituição, sistematização e difusão dos saberes tradicionais associados aos marcadores de tempo. Esses estudos permitem reconhecer que os marcadores de tempo indígenas não se limitam à mensuração de períodos, mas se expressam como saberes integradores, que organizam os ciclos da vida, os rituais, as colheitas e as relações entre humanos e não humanos, constituindo, assim, uma forma própria de compreender e viver o tempo, o que justifica a relevância desta investigação.

SEÇÃO 4

4. ERA UMA VEZ UMA PEDRA

Primeira Aurora
"Kote brilha no céu: é o amanhecer. Hora de se vestir e preparar para o ritual." (Kolareene, 2025)

Nesta seção, mergulharemos na cosmologia do povo *Enawenê Nawê*, compreendendo como suas narrativas de origem, (a da Pedra e do Dilúvio), explicam o surgimento do mundo, orienta e estruturam o modo de viver *Enawenê Nawê* e o tempo.

Nessa perspectiva, o tempo deixa de ser compreendido como um fluxo contínuo e linear e passa a ser entendido como uma trama viva de significados, sons e rituais, na qual cada gesto, cada canto e cada passagem atua como marcador temporal capaz de conectar os mundos, tanto espiritual, terrestre e celeste, evidenciando que, entre os *Enawenê Nawê*, o tempo se constitui fundamentalmente como uma relação entre espírito, ser humano e natureza.

É nesse universo relacional que se insere a organização social desse povo ameríndio que habita a região noroeste do estado de Mato Grosso, vivendo em uma única aldeia formada por 51 casas dispostas em círculo, conforme se observa na Figura 16. Vale destacar que essa aldeia é dividida em dois lados, e recebem o nome de *Dolowikwa* e *Kotakowinakwa*.

O povo *Enawenê Nawê* possui uma população estimada de 1.300 pessoas, que vivem na região do Parque do *Iquê*, na aldeia *Dolowikwa*/*Kotakowinakwa*, na terra indígena *Enawenê Nawê*, município de Juína, Mato Grosso. A comunidade é formada por nove clãs: *Aweresese, Kairoli, Kawekwalise Maroete, Kawinalire, Anihare, Kaholase,nHotakanese e Lolahese Towalinere*, eles são falantes de uma língua da família linguística *Aruak* e desenvolvem uma vida social e ritualística de grande complexidade, em que tempo, espaço e existência se articulam de forma indissociável.

Figura 16 - Imagem aérea da Aldeia *Dolowikwa/ Kotakowinakwa*



Fonte: Arquivo do Autor (2025).

Para compreender sobre povo e sua cosmologia, é fundamental analisar os elementos que estruturam sua visão de mundo, quais sejam seus rituais, sua organização social e sua relação com o território.

Araújo (2026 p. 56) destaca que a cosmologia *Enawenê Nawê* não se configura como um conjunto de crenças isoladas, mas como um sistema de conhecimento integral que orienta e organiza a vida coletiva.

A partir dessa compreensão, apresento uma trama temporal construída com base em fragmentos de narrativas míticas de origem, aqui evocadas pela metáfora “Era uma vez uma pedra”, articuladas a acontecimentos considerados marcantes na memória coletiva. Esses eventos, inscritos na tradição e na experiência histórica do grupo, configuram marcos que estruturam sua própria concepção de tempo.

É nesse horizonte que a pedra emerge como elemento central da narrativa. Longe de ser apenas matéria inerte, ela se apresenta como testemunha de um tempo que não se mede em horas, mas em acontecimentos e memórias e que carrega em si as marcas das chuvas e do sol, o peso das estações e a permanência de quem presencia sucessivas transformações do mundo.

Para os *Enawenê Nawê*, a pedra ultrapassa a condição de elemento da paisagem: ela é guardiã de histórias e depositária de saberes que se revelam àqueles que sabem escutar.

Simboliza, ao mesmo tempo, o início e a permanência, funcionando como ponto de estabilidade em um mundo em constante movimento.

A pedra, enquanto referência simbólica e cosmológica, aproxima-se da noção de "centro" discutida por Mircea Eliade (1992), na qual a manifestação do sagrado funda o mundo ao estabelecer um ponto fixo que orienta a existência. Como afirma o autor:

> É preciso dizer, desde já, que a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma "fundação do mundo". Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, que precede toda a reflexão sobre o mundo. É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o "ponto fixo", o eixo central de toda a orientação futura. Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta [...] A hierofania revela um "ponto fixo" absoluto, um "Centro" (Eliade, p. 17).

A partir dessa compreensão, a pedra deixa de ser apenas um símbolo e passa a operar como um dos eixos organizadores da narrativa desenvolvida nesta pesquisa e é em torno desse "ponto fixo", que articula memória, mito e experiência histórica, que se torna possível estruturar uma leitura do tempo segundo a lógica própria dos *Enawenê Nawê*. Assim, a linha do tempo construída não segue uma cronologia linear ocidental, mas se ancora em marcos significativos que emergem da memória coletiva e da cosmologia do povo.

Desse modo, a linha do tempo proposta busca articular saberes ancestrais e eventos históricos, respeitando uma concepção cíclica de tempo, na qual memória, território e cosmologia se entrelaçam como dimensões indissociáveis da existência, conforme ilustrado na Figura 17.

Nesse contexto, os mitos de origem ocupam lugar central, pois não são apenas narrativas do passado, mas orientações vivas para o presente. Entre os *Enawenê Nawê* é regulado o tempo da vida coletiva, indicando os momentos de plantar, pescar, celebrar ou recolher-se, de forma que passado e presente não se separam, mas se encontram continuamente na prática ritual e na escuta das narrativas. Ouvir um mito é, portanto, entrar em sintonia com o ritmo ancestral que ainda pulsa em cada gesto da comunidade, revelando que os mitos não apenas explicam como tudo começou, mas indicam como tudo deve continuar.

Figura 17 - Ilustração do Pica-pau furando a pedra



Fonte: Walitere Enawene (2026)

É a partir dessa perspectiva que este capítulo se inicia, voltando-se às narrativas de origem dos *Enawenê Nawê* como eixo estruturante de sua cosmologia, identidade coletiva e percepção do tempo. Para explicar sua origem, o povo se apoia em duas narrativas centrais: a da Pedra e a da Grande Enchente, que integram aquilo que pode ser compreendido como tempo fundante ou tempo primordial, o tempo dos ancestrais, dos encantados e do início de tudo.

Essas narrativas de origem são preservadas como saberes centrais e transmitidas por meio da oralidade ao longo das gerações. De acordo com Gallois (1993), nas sociedades ameríndias, mito e história caminham juntos, de modo que os mitos definem a história e, ao mesmo tempo, é pela história que os mitos se perpetuam.

Segundo os Caciques, que também são *Sotakatali*: *Lolawenakwa, Yokwari, Anaori e Lolawena*, em narrativa traduzida por Mayowikwa Enawenê e Yotose Enawenê, a origem do povo *Enawenê Nawê* remonta a um tempo ancestral, quando todos os seres viviam dentro de uma grande Pedra.

A seguir, apresenta-se a narrativa de origem conforme contada em diferentes contextos por alguns *Sotakatali*, tendo sido narrada por Lolawenakwaene, com contribuições de outros participantes que, ao longo da conversa, acrescentavam detalhes à história, conforme representado na Figura 18. Por se tratar de uma narrativa originalmente enunciada na língua indígena, contou-se com a tradução simultânea para o português realizada por Mayowikwa Enawenê, garantindo maior fidelidade aos sentidos e significados expressos.

Figura 18 - Ilustração Nascido da Pedra[3]



Fonte: Gisele de Farias Capitulino (2026).

Sali Hekwatãko

No tempo dos primeiros dias, todas as pessoas viviam dentro de uma grande Pedra, localizada na cabeceira do Horaweñalo. Lá dentro, era escuro e silencioso: não havia sol, nem noite, nem aldeias, nem fogo. Tudo era sombra e som. As pessoas, os animais e os seres espirituais existiam juntos em um mesmo espaço.

Dentro da pedra, jogavam cabeça bol, com a luz do cocar, ele era utilizado como sol. Gritavam e se divertiam, sem saber do mundo que existia lá fora. A vida ali era confinada, com rituais, sem alimentos, sem caça nem pesca.

Certo dia, uma criança brincava, fora da pedra, perto do rio Papagaio quando ouviu um som forte vindo do interior da pedra, ouviu gritos que ecoavam. Assustada, correu para avisar o Kaõhañali hodaihalakwa. Ele escutou o relato e decidiu investigar. Com esforço, jogou um grande raio na pedra, abrindo uma pequena fresta. Por esse buraco, saiu o urubuzinho do cerrado, o primeiro ser a emergir.

O urubuzinho espiou o mundo lá fora e ficou encantado: havia árvores, alimentos, montanhas e uma luz diferente daquela da pedra, que vinha do cocar, fora a luz era mais fraca, mas clareava tudo.

Ao retornar, contou a Wadare, o grande chefe, tudo o que havia visto. Disse que queria viver fora da pedra, onde havia fartura e liberdade.

[3] A obra apresentada foi elaborada pela artista plástica Gisele de Farias Capitulino, a partir de sua interpretação da narrativa que fundamentada na pesquisa. Trata-se de uma representação artística construída com base na leitura sensível da artista sobre os elementos simbólicos, culturais e narrativos presentes no relato. Assim, a imagem não corresponde a uma reprodução literal da narrativa, mas a uma interpretação visual que dialoga com os significados e sentidos atribuídos pela artista. A técnica utilizada na elaboração da obra foi a ilustração em hachuras, recurso gráfico que se caracteriza pelo uso de traços paralelos ou cruzados para criar efeitos de textura, sombra e profundidade.

Preocupado e curioso, Wadare, iniciou os preparativos para a saída. Ele convocou alguns animais e prometeu recompensas para quem conseguisse aumentar a abertura. O primeiro foi um Rato, a quem prometeu uma flauta e veneno, mas ele falhou quebrando os dentes. O segundo foi um pequeno macaco, que também falhou.

Então foi chamado o pica-pau. Com esforço, o pica-pau quebrou a pedra, criando uma abertura em forma de porta. A poeira que caiu dessa quebra transformou-se em veneno, recolhido por Kamado, e usado até hoje pelos Enawenê. E como forma de pagamento o pica-pau recebeu como pagamento uma saia vermelha, um hoxiro e um machado de pedra. A cabeça vermelha do pica-pau ficou marcada pela cor da saia das mulheres, como sinal do presente recebido.

Com a saída aberta, Wadare organizaram os grupos. Os primeiros a emergir foram os Kateokõ , seres femininos. Elas saíram com seus bancos, colares de caramujo, cocares, pentes e saias, sentando-se no novo pátio diante da pedra.

Logo após, vieram os Eyãokwa, figuras masculinas dos rituais, que queriam sair primeiro, mas como queriam sair belos, com as roupas de ritual, demoraram e as mulheres saíram primeiro.

E como ficaram com ciúmes eles iniciaram um embate de ventos: os Eyãokwa sopraram ventos fortes para expulsar os Kateokõ do pátio para eles saírem da pedra, mas elas resistiram. Os Kateokõ responderam com seus próprios sopros e cantos:

— "O vento bem forte chegou, mas não temos medo desse vento forte."

Por fim, os Eyãokwa saíram. Um deles quebrou o cocar ao passar pela pedra, mas logo iniciaram o ritual do Eyãokwa, enquanto as Kateokõ assistiam sentadas. A saída foi como um grande ritual de nascimento, de passagem do mundo espiritual ao mundo terreno.

Durante esse processo, Wadare viu uma mulher muito bonita, com cabelos longos e com corpo fino. Ele a enviou de volta para dentro da pedra com a desculpa de buscar seus pertences. Quando ela entrou, ele fechou a pedra, encerrando o ciclo da criação. Assim, alguns permaneceram lá dentro, selados para sempre.

Fora da pedra, o mundo ainda era incompleto. Havia luz constante e muito frio, pois não existiam o fogo e a noite. Foi então que Wadare buscou os seres capazes de trazer o fogo. A andorinha tentou, mas falhou. O rato conseguiu roubar uma faísca de um vulcão, queimando sua mão, e assim trouxe o fogo à humanidade.

Da pedra não saíram apenas os Enawenê Nawê, mas também todos os povos e por último os brancos, que demoraram a sair. Cada povo foi para uma região.

A primeira aldeia criada fora da pedra recebeu o nome de Wayehetiola, onde teve início a vida social dos Enawenê Nawê. A partir dali o mundo passou a ser como o conhecemos: com aldeias, rituais, fogo, noite e regras de convivência.

A narrativa da pedra, compartilhada pelos *Sotakatali*, representa um poderoso mito de origem que condensa os fundamentos cosmológicos, sociais e espirituais deste povo. Conforme afirma Gleiser (2007, p. 23), “mitos são histórias que procuram viabilizar ou reafirmar sistemas de valores, que não só dão sentido à nossa existência como também servem de instrumento no estudo de uma determinada cultura”. Nessa perspectiva, o mito da pedra não apenas explica

uma origem, mas orienta modos de compreender e viver o mundo, abrindo caminho para a compreensão das transformações que estruturam a existência *Enawenê Nawê.*

O mito evidencia que, antes da vida humana como hoje é compreendida, os *Enawenê Nawê* viviam como espíritos confinados em uma pedra, em uma forma de existência própria, marcada por relações, práticas e modos de ser distintos daqueles que se estabelecem após a saída.

A saída da pedra não representa o surgimento da cultura, mas uma transformação profunda nas formas de viver, que passa a incluir a organização social mais definida, o trabalho, as práticas rituais, a territorialidade e as relações com o mundo exterior.

Essa transição da existência no interior da pedra para a vida no mundo exterior carrega uma simbologia profunda: o mundo exterior, descoberto pelo urubuzinho do cerrado e revelado a *Wadare*, é um espaço de abundância e transformação, mas também de organização e negociação com outros seres.

A forma como os eventos se desenrolam com as conversas com os animais e a contratação de diferentes animais para abrir o buraco na pedra, o pagamento com objetos simbólicos (flautas, cocares, machados, colares) e o surgimento do veneno a partir do pó da pedra, revela não apenas uma mitologia rica em detalhes, mas também estruturas de valores e cosmologias que associam elementos naturais, sociais e espirituais em uma única rede de significação.

Cada personagem do mito, do urubu ao pica-pau, possui um papel arquetípico que contribui para a construção de um mundo habitável, repleto de relações entre humanos, animais, espíritos e objetos.

Nesse contexto, conforme apontado por Eduardo Viveiros de Castro (1996, p. 118), os mitos são habitados por seres cuja forma, nome e comportamento mesclam de maneira indissociável atributos humanos e animais, em um cenário de intercomunicabilidade que se assemelha àquele que define o universo intra-humano contemporâneo.

Essa compreensão cosmológica, na qual humanos, animais e outros seres compartilham uma mesma origem e uma continuidade de existência, também aparece nas reflexões de Ailton Krenak (2020) quando, discutir as narrativas indígenas sobre a origem da vida, o autor destaca que muitas tradições compreendem a humanidade como resultado de sucessivas transformações entre diferentes formas de vida. Nesse sentido, afirma que:

> As diferentes narrativas indígenas sobre a origem da vida e nossa transformação aqui na Terra são memórias de quando éramos, por exemplo, peixes. Porque tem gente que era peixe, tem gente que era árvore antes de se imaginar humano. Todos nós já fomos alguma outra coisa antes de sermos pessoas — essa mensagem atravessa narrativas de

> nossos parentes Ainu, que vivem no norte do Japão e na Rússia, dos Guarani, dos Yanomami, dos parentes que vivem no Canadá e nos Estados Unidos. Quem sabe até os mesopotâmios, aquela gente muito antiga, tivessem histórias dessa natureza? Os ameríndios e todos os povos que têm memória ancestral carregam lembranças de antes de serem configurados como humanos (p. 29).

Assim, tanto nas narrativas míticas quanto nas reflexões contemporâneas de pensadores indígenas, evidencia-se uma concepção de mundo em que a humanidade não ocupa uma posição isolada ou superior, mas integra uma rede ampla de relações e transformações entre diferentes formas de existência. Essa perspectiva amplia a compreensão do mito não apenas como narrativa de origem, mas como expressão de uma cosmologia que reconhece a continuidade entre humanos, animais, plantas e outros seres que habitam o mundo.

A disputa entre os grupos *Kateokõ* e *Eyãokwa* no momento da saída da pedra aponta para a origem da diversidade social e das funções cerimoniais, revelando que a ordem cultural foi instaurada a partir de tensões, escolhas e performances simbólicas. É nesse momento que se dá a emergência da ritualização como um princípio ordenador da vida. A inveja, o canto, o sopro do vento e a ruptura do cocar são símbolos de uma cosmologia onde as emoções humanas, os elementos da natureza e os artefatos culturais estão em constante interação.

A roça coletiva organizada por *Wadare* após a saída também representa a transição da existência espiritual para a vida comunitária, na qual o trabalho e a ritualização se tornam centrais para a manutenção da ordem cósmica e social.

Os *Enawenê Nawê* possuem outra narrativa na qual destacam que são descendentes de um único casal sobrevivente de uma enchente que aconteceu no Rio Juruena, mais precisamente em Fontanillas/MT. Esse dilúvio que ocorreu em tempos imemoriais, praticamente extinguiu a população antiga. Apenas um par de jovens escapou da morte por afogamento, refugiando-se no topo de uma montanha. Com a volta das águas aos níveis normais, esse casal teve muitos filhos, que são os ancestrais da população atual.

Do ponto de vista teórico, essa narrativa pode ser compreendida à luz da etnociência e da antropologia simbólica, que reconhecem os mitos como epistemologias indígenas válidas e complexas, pelas quais os povos organizam o conhecimento, difundem valores e projetam sua existência. Conforme argumenta Lévi-Strauss (1978), os mitos indígenas não buscam apenas explicar o mundo, mas o organizam cognitivamente através de oposições binárias e resoluções simbólicas, pois, para o autor, a originalidade desse pensamento reside em “'desempenhar o papel do pensamento conceptual' através de elementos da natureza que funcionam como 'operadores binários' para resolver problemas lógicos (p. 24)."

A pedra, neste caso, representa o limite entre o não-ser e o ser, entre o tempo primordial e o tempo histórico, entre o coletivo não ritualizado e a sociedade estruturada e é também um símbolo de confinamento e, simultaneamente, de gestação de uma nova ordem.

Por fim, compreender e valorizar esse tipo de narrativa exige uma ruptura com os paradigmas interpretativos ocidentais que frequentemente reduzem o mito à fantasia ou ao folclore. Como afirma Gleiser (2007, p. 17):

> A linguagem é diferente, os símbolos são diferentes, mas, na sua essência, as ideias são as mesmas; podemos discernir uma clara universalidade do pensamento humano". Nessa direção, o autor também ressalta que "os mitos encerram todas as respostas lógicas que podem ser dadas à questão da origem do Universo, incluindo as que encontramos em teorias cosmológicas modernas", sem que isso signifique uma equivalência entre ciência e mito, mas sim o reconhecimento de que, diante das questões fundamentais da existência, diferentes formas de conhecimento expressam, por linguagens próprias, uma mesma busca humana por sentido. Assim, os mitos indígenas constituem expressões legítimas de conhecimento cosmológico, inseparáveis das linguagens, experiências e práticas que os originam, ainda que se diferenciem dos modelos científicos, que se orientam pela testabilidade e pela validação experimental.

Nesse horizonte de compreensão, os mitos deixam de ser vistos como narrativas isoladas ou meramente simbólicas e passam a ser reconhecidos como estruturas fundamentais de organização do pensamento e da vida coletiva. Eles não apenas explicam o mundo, mas também orientam práticas, relações e modos de existência, articulando dimensões cosmológicas, sociais e culturais de forma indissociável.

Os mitos são histórias que procuram viabilizar ou reafirmar sistemas de valores, que não só dão sentido à existência como também se constituem como instrumentos essenciais para a compreensão de uma determinada cultura, revelando seus princípios, suas formas de conhecimento e suas maneiras próprias de habitar o mundo.

Assim, ao escutarmos e sistematizarmos as narrativas *Enawenê Nawê* com o devido respeito à sua complexidade, não apenas contribuímos para o fortalecimento das epistemologias indígenas, mas também ampliamos o escopo do pensamento científico e da compreensão do humano em sua pluralidade. Esta narrativa da pedra, portanto, não é apenas um mito de origem, mas também um mapa ontológico, histórico e cosmológico que fundamenta a existência de um povo e desafia as categorias convencionais de tempo, história e verdade.

Gleiser (2007) em sua obra *A dança do universo*, destaca a necessidade de cautela ao interpretar os mitos originários das culturas indígenas, pois eles estão profundamente ligados a uma linguagem e simbologia próprias, diferentes das tradições ocidentais. Segundo o autor, os

mitos de criação e os modelos cosmológicos de cada cultura fazem parte de uma base fundamental para compreender o universo, muitas vezes com forte componente religioso.

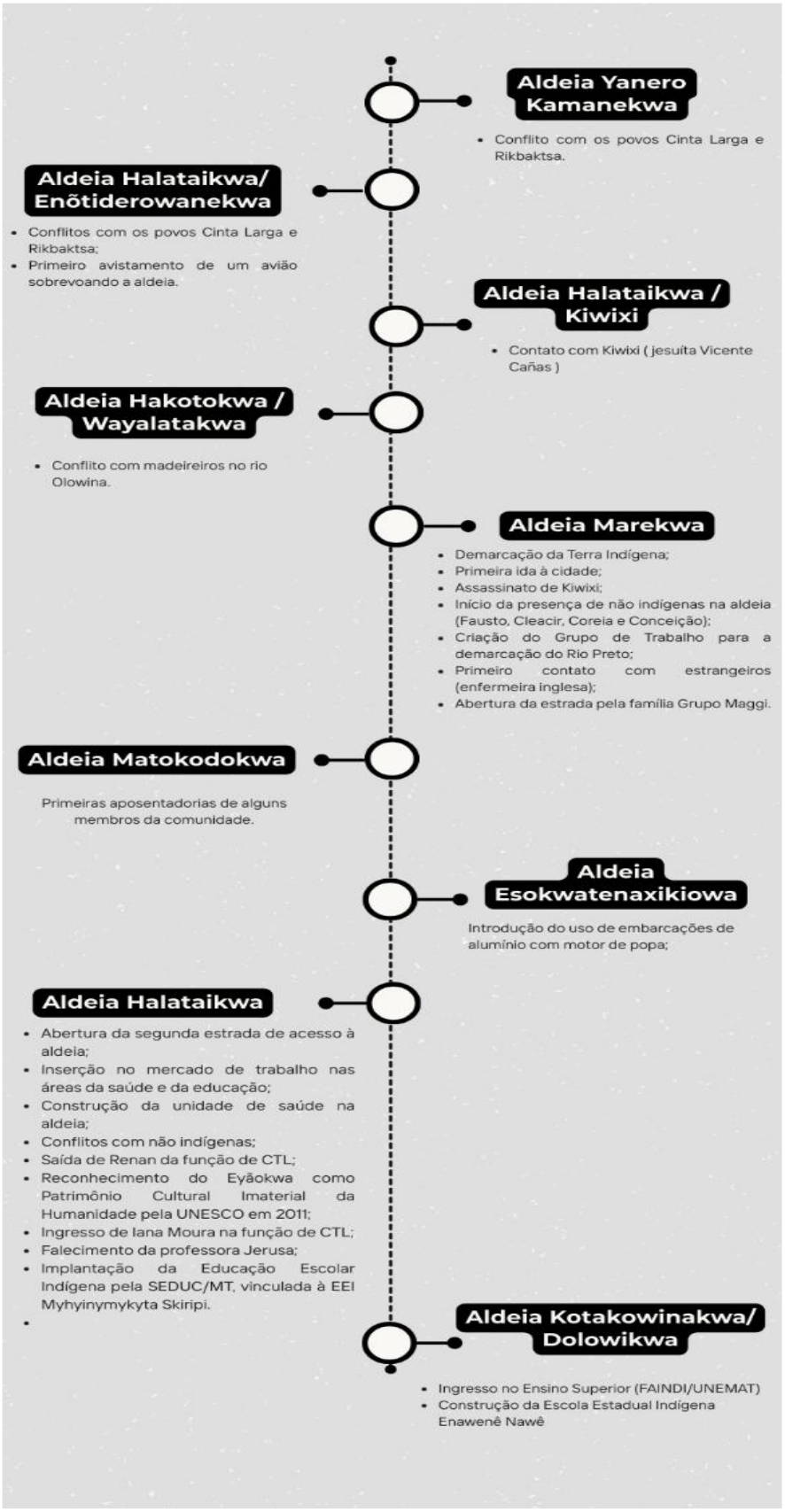
Assim, os mitos de criação, em suas diferentes formas e narrativas, servem para cada povo explicar o mistério do surgimento da vida e do mundo e para interpretar corretamente esses mitos, é essencial estar imerso na cultura que os originou, pois eles refletem modos únicos de existência.

Como mencionado inicialmente, esta seção trata das narrativas de origem e dos acontecimentos marcantes que permaneceram na memória dos *Enawenê Nawê*. Para organizar cronologicamente os *Sotakatali*, os participantes destacaram eventos históricos utilizando como marcadores temporais os nomes das aldeias onde viveram (Figura 19).

Eles não recorreram ao calendário gregoriano, pois essa forma de marcação é característica do tempo ocidental. Em vez disso, reconstruíram a linha do tempo a partir da lembrança da última aldeia habitada até a atual, respeitando assim a lógica temporal própria da cultura indígena.

Através da compreensão dos relatos dos caciques e do estudo dos mitos fundantes, como o da Pedra e da Grande Enchente, evidencia-se que os *Enawenê Nawê* adotam um paradigma temporal cíclico, distinto do linear e cronológico típico da cultura ocidental. Essa temporalidade é marcada por uma memória viva, sustentada por eventos históricos e pela localização espacial das aldeias, que servem como marcadores temporais. Tal abordagem temporal enfatiza a continuidade, a repetição e a ressignificação dos acontecimentos em um ciclo perpétuo, em consonância com sua visão cosmológica tripartida (plano terrestre, celestial e subterrâneo). Isso é justificado por Hartog (2006), que destaca que historicidade de uma coletividade está ligada ao território e à memória, que operam na construção da sua identidade.

Figura 19 - Relatos dos Sotakatali sobre fatos históricos das trajetórias do *Povo Enawenê Nawê*



Fonte: Organizado pelo Autor (2025).

A Figura 19 sintetiza essa lógica ao apresentar uma linha do tempo que não se organiza por datas, mas por deslocamentos, acontecimentos marcantes e transformações vividas em cada aldeia. Cada ponto não representa apenas um momento, mas um conjunto de experiências que articulam território, memória e relações sociais, evidenciando que o tempo é vivido e lembrado a partir dos acontecimentos que impactam a coletividade.

Assim, ao percorrer essa trajetória, das primeiras aldeias até a atual, percebe-se que a história dos *Enawenê Nawê* não é contada em números, mas em vivências, conflitos, encontros e rituais, reafirmando uma temporalidade enraizada no espaço e na experiência. Dessa forma, a linha do tempo construída não apenas organiza eventos, mas revela uma outra forma de compreender o mundo, na qual passado, presente e futuro se entrelaçam continuamente, sustentando a identidade, a memória e a permanência desse povo.

Nesse sentido, a compreensão dessa linha do tempo, construída a partir das trajetórias, dos deslocamentos e das memórias coletivas, não se limita a uma descrição dos fatos, mas abre caminho para uma reflexão mais profunda sobre as formas de produzir suas cosmologias. Ao evidenciar que o tempo, para os *Enawenê Nawê*, está intrinsecamente ligado ao território, às relações e aos saberes transmitidos entre gerações, estabelece-se uma ponte com a dimensão epistemológica da pesquisa, que busca justamente reconhecer essas formas de conhecimento como legítimas, complexas e autônomas, em diálogo, mas não subordinadas, às lógicas ocidentais.

Do ponto de vista epistemológico, esta pesquisa endossa a necessidade de respeitar e reconhecer os saberes tradicionais indígenas como sistemas de conhecimento legítimos e autônomos, especialmente diante da historicidade e das transformações sociopolíticas que este povo enfrentou, desde conflitos interétnicos até o contato com agentes externos e a incorporação de novas tecnologias e instituições. A construção da linha do tempo a partir dos *Sotakatali*, que privilegia a memória coletiva e os espaços sagrados, constitui um importante contraponto à hegemonia das cronologias ocidentais, questionando a universalidade da temporalidade linear e propondo um modelo baseado em experiências vividas e relações comunitárias.

As histórias que emergem nesta pesquisa não estão presas em livros ou arquivos. Elas nascem do encontro com os anciãos, dos momentos em que a palavra flui em meio à fumaça da fogueira ou ao som distante dos cantos cerimoniais. São narrativas colhidas no ritmo da escuta, respeitando pausas, silêncios e repetições que fazem parte do próprio modo de contar. Ao registrar essas vozes, não se pretende aprisionar a história, mas sim criar um espaço para que ela possa continuar ecoando, preservando a força com que sempre circulou na comunidade.

Assim como a pedra marca o lugar e o tempo de onde se parte, este relato é apenas o primeiro passo de uma longa travessia. A partir daqui a narrativa seguirá o caminho deixado pelas vozes mais antigas, atravessando memórias, rituais e marcas sutis deixadas pela natureza. Cada história abrirá portas para compreender não apenas os eventos em si, mas também o sentido mais profundo que eles carregam. Como um viajante que segue as pegadas no chão, avançaremos pelos ciclos, pelos encontros cerimoniais e pelas cosmologias que sustentam a vida. O que começa como um conto se revelará como um mapa vivo do tempo.

É nesse entrelaçamento entre narrativa, memória e cosmologia que se torna possível compreender como os mitos não apenas contam histórias, mas estruturam formas próprias de interpretar o tempo e a experiência, abrindo caminho para o diálogo com as reflexões teóricas sobre mitologia e história.

Lévi-Strauss (1978, p. 30) destaca que há uma oposição simplificada entre Mitologia e História. A mitologia é estática, na qual encontramos os mesmos elementos mitológicos combinados de infinitas maneiras, mas num sistema fechado, contrapondo-se a História, que, evidentemente, é um sistema aberto.

A reflexão de Claude Lévi-Strauss (1978) ilumina profundamente a experiência *Enawenê Nawê* apresentada nesta seção, pois destaca uma oposição clássica onde a Mitologia opera como um sistema fechado e estático, combinando infinitamente os mesmos elementos para garantir a perenidade da ordem, enquanto a História, nas sociedades ocidentais, funciona como um sistema aberto, focado na mudança e no progresso. Para Lévi-Strauss, nas sociedades de tradição oral, o mito tem a finalidade de "assegurar [...] que o futuro permanecerá fiel ao presente e ao passado" (Lévi-Strauss, 1978, p. 63, 64).

Essa teoria se materializa vividamente na narrativa da *Salí ,* quando é reencenada a saída da pedra e as disputas entre *Kateokõ* e *Eyãokwa* através de seus rituais, os *Enawenê Nawê* não estão apenas "lembrando" o passado, mas sim, ativamente, trabalhando para manter a coesão do cosmos, anulando o desgaste do tempo e garantindo que a vida social continue operando conforme as regras estabelecidas por *Wadare*. O mito, aqui, é a âncora que impede a sociedade de derivar para o caos.

Contudo, Lévi-Strauss (1978) também sugere que o "muro" entre Mitologia e História não é instransponível e pode "abrir fendas", de forma que a cronologia apresentada no Quadro 1, baseada na memória dos *Sotakatali*, é a prova viva dessa continuidade. Embora os *Enawenê Nawê* busquem a fidelidade ao tempo ancestral, eles não são imunes aos eventos históricos externos, quais sejam conflitos com madeireiros, a chegada de enfermeiras, a pandemia e a introdução de barcos a motor.

O que observamos, portanto, não é a ausência de história, mas uma história concebida como continuidade da mitologia. Os eventos marcantes (como o contato com os não indígenas ou a morte de lideranças) são absorvidos e espacializados na memória das aldeias (*Yanero Kamanekwa*, *Marekwa* etc.), sendo interpretados através das lentes de sua cosmologia. Assim, a vivência *Enawenê Nawê* confirma e expande a proposição estruturalista e para este povo, a história não substitui o mito, ela é vivida dentro dele, onde o novo é constantemente negociado para que o sentido original da existência, nascido da Pedra e refeito após o Dilúvio, jamais se perca.

4.1. E O Mundo Se Dividiu Em Três

Depois que o mundo saiu da pedra, ele não era inteiro. Era muitos. Era três.
Assim dizem os antigos: há o caminho da terra, onde os humanos plantam, pescam e fazem o fogo.
Há o caminho do céu, onde brilham os olhos dos que se foram.
E há o caminho debaixo, onde os Yakairiti caminham sem que os pés toquem o chão.
Esses caminhos não se cruzam sozinhos.
É preciso que alguém cante.
É preciso que alguém lembre.
É preciso que o saber siga vivo.
(Kolareene e Lolawenakwaene, 2025)

A partir da emergência do mundo primordial da pedra, o cosmos dos *Enawenê Nawê* se configura em uma estrutura tripartida, composta por três planos ontológicos e simbólicos distintos, cada um com sua função e inter-relações específicas. Essa divisão não representa fragmentação, mas sim uma complexa organização espacial e temporal que fundamenta sua cosmologia e a experiência social.

Nessa perspectiva, não se trata de um espaço homogêneo, mas de uma realidade estruturada por princípios cosmológicos que distinguem e, ao mesmo tempo, articulam diferentes níveis do existir, constituindo um cosmos ordenado. Nesse contexto, a reflexão de Mircea Eliade contribui para compreender como, nas sociedades tradicionais, o mundo se organiza a partir da manifestação do sagrado, responsável por instituir ordem, delimitar fronteiras e orientar a vida.

O primeiro plano é o terrestre, espaço habitado pelos humanos, animais e *dakoti*, onde se desenvolvem práticas produtivas como cultivo, caça e pesca, além das interações sociais cotidianas.

De acordo com Silva (2004), ao analisar a divisão dos planos cosmológicos, o plano terrestre constitui o universo dos humanos e se materializa como um espectro imperfeito do patamar celeste, sendo, ao mesmo tempo, permeável aos desígnios e às influências do patamar

subterrâneo. Assim, o mundo dos humanos corresponde a uma combinação de princípios cosmologicamente opostos, mas sociologicamente complementares

O segundo plano corresponde ao plano celeste, domínio dos ancestrais e seres espirituais chamados de *Enore Nawê*. Nesse sentido, Silva (1998) descreve que a perfeição sociológica do mundo celeste se traduz no impecável acabamento arquitetônico da aldeia dos "ancestrais", assim como na pródiga natureza circundante, fonte inesgotável de todos os prazeres gastronômicos, em que tudo cresce e floresce sem precisar ser cultivado, configurando-se em um espaço onde tudo é perfeito e belo.

Por fim, o terceiro plano é o subterrâneo, habitat dos *Yakailiti*, entidades espirituais que simbolizam forças ocultas e participam ativamente da manutenção do equilíbrio cosmológico, influenciando a vida no plano terrestre.

Esses três mundos não operam de forma isolada, ao contrário, encontram-se conectados por meio de práticas simbólicas (canto, narrativa e rituais) que atuam como mediadores da memória e da coesão social.

Essa estrutura cosmológica orienta e equilibra a relação com o meio ambiente e as práticas culturais que conectam o espiritual ao cotidiano (Silva, 2001, p. 60).

Nesse mesmo sentido, Mendes dos Santos detalha que:

> [...] cada uma dessas camadas, por sua vez, é habitada por seres com formas, vidas e poderes distintos. No patamar subterrâneo vivem os yakayriti, no terrestre os dakoti e os atahare-wayate, e no patamar celeste habitam os enore-nawe. Trata-se, na verdade, não de seres individualmente, mas de coletividades, sendo cada patamar habitado por inúmeras dessas entidades, todas podendo deslocar-se até a superfície terrestre, visitar a aldeia, os caminhos, as casas e as pessoas. (2001, p. 52).

A compreensão *Enawenê Nawê* sobre o universo expressa uma profunda interdependência entre todos os planos da existência. O mundo, estruturado em três dimensões (celeste, terrestre e subterrânea), não se apresenta como um espaço homogêneo, mas como uma realidade organizada por princípios cosmológicos que distinguem e, ao mesmo tempo, articulam diferentes níveis do existir. Tais domínios não são realidades isoladas, mas dimensões complementares que se influenciam mutuamente, formando um sistema dinâmico e equilibrado.

Nessa cosmologia, cada ser, visível ou invisível, desempenha um papel fundamental na manutenção da ordem cósmica e na continuidade da vida. Essa lógica relacional também se expressa na compreensão da morte: ao falecer, corpo e espírito não se extinguem, mas se desdobram em três dimensões, dando origem aos *Enore Nawê, Yakailiti* e *Dakoti*, reafirmando

a continuidade da existência em outros planos, ou seja, vida e morte não são finais, mas etapas de um ciclo contínuo de presença e influência.

Assim, ao adentrarmos na descrição dos principais seres espirituais e humanos que habitam esses níveis, torna-se possível perceber como espiritualidade, território e vida social se entrelaçam, revelando uma concepção de mundo complexa, integrada e orientada por um cosmos ordenado.

4.2. Os Yakailiti

Os *Yakailiti* são seres sobrenaturais, oniscientes, onipresentes, impiedosos e insaciáveis, que tratam os humanos como meros mortais. Existem diferentes tipos, com características físicas e poderes específicos. Cada clã possui o seu, responsável por influenciar diretamente a saúde e o bem-estar de seus membros.

Habitam locais profundos e liminares, como encostas, morros, cachoeiras, pedras e margens de rios, distribuindo-se por pontos geográficos precisos. Cada lagoa, montanha ou localidade possui seu *Yakailiti* correspondente, como a Lagoa *Hone*, cujo nome é associado ao som produzido por uma flauta durante práticas rituais.

Além de donos ou intermediários de quase todos os recursos naturais, esses espíritos são descritos como gananciosos, agressivos, preguiçosos, perversos e insaciáveis. A dependência dos *Enawenê Nawê* em relação a eles é inevitável, pois os *Yakailiti* controlam a produção de alimentos e, consequentemente, a reprodução da vida social.

A relação com os *Yakailiti* exige submissão e diplomacia, mediada por cantos, danças e oferendas. Durante as cerimônias são ofertados mingau, sal, peixe, batata-doce e são oferecidos e absorvidos pela terra, de modo que os *Yakailiti* recebam seu alimento sem precisar trabalhar. Caso essas obrigações não sejam cumpridas, os espíritos subterrâneos se tornam hostis, ameaçando a comunidade com doenças ou até a morte. Cada flauta musical utilizada em rituais está associada a um *Yakailiti* específico e à sua terra, reforçando a ligação entre território, espiritualidade e clã.

Os *Yakailiti* contrastam com os *Enore Nawê*, espíritos celestes que habitam o plano superior e mantêm relações harmônicas com os humanos.

4.3. Os Enore Nawê

Os *Enore Nawê* habitam o plano celeste e mantêm uma relação próxima e harmoniosa com os *Enawenê Nawê.* São vistos como ancestrais consanguíneos, descritos como belos,

perfumados e perfeitos, vivendo em uma aldeia ideal, cercados de fartura. Diferentemente dos *Yakailiti*, que são essencialmente patogênicos e exigem cuidados ritualísticos para controlar sua ira. Enquanto os *Enore Nawê* são protetores, terapêuticos e associados à cura**.** Ambos os grupos exigem oferendas, mas enquanto os *Yakailiti* impõem tensão e alteridade, os *Enore Nawê* transmitem afeto, liberdade e segurança.

Aliado a isso, Silva (1998, p. 36) destaca que "Os *Enawenê Nawê* se referem aos espíritos celestes como seus ancestrais, com eles estabelecendo relações que definem com as mesmas categorias de parentesco que empregam para os 'avós' e a eles tributam um poder extraordinário de prevenção e cura das enfermidades."

A relação dos *Enawenê Nawê* com os *Enore Nawê* é marcada pela realização dos rituais *Salomã* e *Kateokõ*, nos quais se estabelecem vínculos de proximidade, afetividade e respeito. Esses espíritos auxiliam na proteção contra perigos, na mediação de conflitos e na cura de doenças, muitas vezes provocadas pelos próprios *Yakailiti*. Para que mantenham sua função, é necessário que os humanos cumpram obrigações e preceitos, caso contrário, os *Enore Nawê* podem até se associar a um *Yakailiti* e causar doenças graves, mostrando a importância da submissão ritual e da diplomacia no cotidiano da comunidade.

4.4. Os Dakoti

Os *Dakoti* são assombrações, diferentemente dos *Yakailiti* e dos *Enore Nawê*, que residem nos planos subterrâneo e celeste, os *Dakoti* permanecem próximos ao mundo terrestre, circulando pela floresta, nas margens dos rios e nas áreas próximas às aldeias e roças. São descritos como espectros silenciosos, muitas vezes imperceptíveis, que podem gerar apreensão ou perigo se não forem tratados com cuidado e respeito.

Os *Dakoti* exigem atenção ritual. Ao se aproximarem das aldeias, é necessário que um pajé realize o "sopro", uma cerimônia que orienta os espectros a retornarem ao seu lugar correto, evitando que perturbem os vivos ou abram portais perigosos. Essa prática reforça a necessidade de mediação constante e ressalta o papel do pajé como guardião do equilíbrio espiritual.

Durante uma entrevista com Fausto Martins Campoli (2024), ele destacou que: "*Os* Dakoti simbolizam as sombras do mundo humano, conectando passado, presente e futuro, sua presença requer vigilância, respeito e rituais específicos, reafirmando que a vida no plano terrestre está sempre em diálogo com os domínios celeste e subterrâneo.

Embora não sejam naturalmente maléficos como os *Yakailiti*, os *Dakoti* podem provocar dificuldades se negligenciados. Eles recordam os vivos sobre a presença dos mortos e a

importância de manter relações equilibradas com todos os planos espirituais. Sua atuação discreta e silenciosa enfatiza o respeito à vida, aos ancestrais e ao território, funcionando como um lembrete permanente da interdependência entre humanos e espíritos.

4.5. Os seres Humanos e os Enawenê Nawê

No plano intermediário do cosmos *Enawenê Nawê*, entre o *Eno* e o Plano subterrâneo, vivem os humanos, os próprios *Enawenê Nawê* e os animais, que segundo a cosmovisão desse povo, também já foram humanos em tempos ancestrais.

Nesse plano, a vida se manifesta de forma concreta, envolvendo práticas produtivas, sociais e culturais, como a caça, a pesca, o cultivo e os rituais coletivos. Os seres humanos ocupam, portanto, um lugar central, mediando as relações entre os planos celeste e subterrâneo, e participando ativamente da manutenção do equilíbrio cósmico.

O termo *Enawenê Nawê* designa o próprio ser humano, independentemente de raça ou origem, e carrega consigo a identidade, a memória e a tradição da comunidade.

Os *Enawenê Nawê* vivem em constante interação com os *Yakailiti* e com os *Enore Nawê* que influenciam a produção de alimentos, a saúde, a segurança e as relações sociais. Cada ação humana repercute nos planos espiritual e natural, tornando a vida diária um conjunto de responsabilidades e cuidados, exigindo diplomacia, atenção e respeito aos seres espirituais.

Ser *Enawenê Nawê* é estar integrado a um mundo relacional, no qual os humanos não apenas habitam o espaço terrestre, mas também participam de um ciclo contínuo de influência e aprendizado, interagindo com ancestrais, espíritos protetores e forças naturais que garantem a sobrevivência e a continuidade da comunidade. A experiência humana, portanto, está indissociavelmente ligada à compreensão e ao cumprimento de preceitos que regulam a coexistência harmoniosa entre os três planos do universo.

SEÇÃO 5

5. O SER EM RITUAL: A FORMA ENAWENÊ NAWÊ DE HABITAR O MUNDO

Esta seção aborda os rituais que compõem o ciclo ritualístico do povo *Enawenê Nawê*, buscando destacar informações importantes sobre cada ritual. O foco principal está na descrição dos quatros rituais: *Eyãokwa*, *Derohi*, *Salomã* e *Kateokõ*, que estruturam o calendário espiritual e social do grupo, revelando, assim, a forma singular de habitar o mundo dos *Enawenê Nawê.*

Para Heidegger (2011), o ato de habitar transcende a mera ocupação mecânica de um espaço físico. Para o autor trata-se de um processo dotado de complexidade e subjetividade, fundamentado na criação de laços afetivos com o lugar.

Nesse contexto Severino-Filho e Silva afirmam que:

> Habitar determinado espaço (território/lugar) vai além da ocupação, da transformação e utilização do solo, das florestas e dos rios. Ao ocupar um lugar como seu território um grupo cultural, dependendo de sua visão de mundo, irá produzir os modos de se relacionar com a natureza e com outros grupos, a partir de diferentes justificações. Habitar esse território é entender que não se trata de elementos dissociados. Trata-se de espacializar esse lugar, ou seja, estabelecer relações (2023, p. 13).

Ao aproximar as reflexões fenomenológicas de Heidegger (2011) da perspectiva apresentada por Severino-Filho e Silva (2023), é possível compreender que habitar não se reduz à presença física em um espaço, mas constitui um gesto profundo de ligação com o mundo. Se, para os primeiros, habitar implica construir vínculos afetivos e simbólicos que conferem sentido ao lugar, para os segundos esse gesto se expande para a compreensão das relações que um grupo cultural estabelece com a natureza, com os outros e consigo mesmo.

Habitar, portanto, envolve reconhecer o território como um tecido vivo, onde espaço e existência se entrelaçam, produzindo modos próprios de relação, cuidado e pertencimento. Nesse entrelaçamento, o lugar deixa de ser cenário e passa a ser expressão concreta das cosmologias, histórias e justificações que orientam a vida coletiva.

O ato de habitar como um vínculo profundo com o território permite compreender a forma como os *Enawenê Nawê* se relacionam com o espaço em que vivem. Habitar, para eles, não é apenas estar na aldeia ou circular pelas matas e rios, mas perceber, observar e interpretar o lugar como parte constitutiva de sua existência. É a partir dessa leitura sensível do território que os rituais ganham forma, pois cada ritual depende do tempo, do ambiente e dos sinais que o próprio espaço oferece. Assim, os *Enawenê Nawê* organizam sua vida em torno de um ciclo

ritualístico complexo, que não se limita a celebrações pontuais, mas se constitui como um modo de vida que orienta o trabalho, a vivência, a convivência comunitária e as relações com o cosmos.

> Os modos de vida praticados pelos seres humanos descrevem sua construção teórico filosófica para a relação entre o tempo e espaço. O modo como cada povo produz significados para o fenômeno do tempo faz dele elemento determinante na distinção entre as culturas. Concebido como sinônimo de mudanças ou transformações, em suas diversas manifestações, o tempo ocupa diferentes lugares e significações na vida de uma sociedade, dependendo da sua visão de mundo (Severino-Filho & Silva, 2023, p. 9).

Nesse contexto, as práticas rituais não se configuram como eventos isolados, mas como dimensões estruturantes da vida social, profundamente integradas ao cotidiano da comunidade. Segundo Kolareene: "*a vida dos Enawenê Nawê é ritual, para acalmar os Yakailiti, para alegrar os Enore Nawê",* ou seja, eles vivem para realizar os rituais e podemos afirmar que a vida deles é um ritual.

Essa compreensão encontra eco na reflexão de Araujo (2026, p. 77), ao afirmar que, para o povo *Enawenê Nawê*, os rituais constituem uma teia contínua e harmônica, na qual cada gesto e cada cerimônia se entrelaçam com os ciclos da vida, da natureza e das forças invisíveis. Cada rito, nesse sentido, carrega a essência do anterior e prepara o seguinte, formando uma trama imaterial que conecta passado, presente e futuro. Assim, a profundidade dos rituais não reside apenas em sua execução, mas na consciência de que estão profundamente enraizados na dinâmica de todo o universo.

Para Santos (1995), esses rituais são essenciais para a manutenção do elo entre a sociedade e o cosmos. Através deles, a comunidade busca harmonia e uma vida plena, integrando práticas agrícolas e de pesca com a distribuição e o consumo dos principais alimentos em sua cultura, como a mandioca, o milho, o peixe e o mel.

Rodgers (2006) destaca que esses rituais não apenas estruturam o calendário cerimonial, mas também regulam as atividades econômicas e sociais dos *Enawenê Nawê*, inclusive, o ciclo anual é dividido em quatro períodos rituais principais que articulam as relações sociais, econômicas e ambientais. Alguns membros da comunidade ainda mencionam a existência de um quinto e sexto ciclos rituais, chamados de *Menolila* e *Menolilaokose,* que são realizados em períodos intercalados aos demais cerimoniais.

O tempo ritual, portanto, não mede o ciclo anual: ele o faz acontecer. É por meio das celebrações que se instauram as estações, os períodos de fartura, de escassez e de equilíbrio entre o mundo humano e o espiritual.

Silva (1998) afirma que a esfera cerimonial é complexa, mas pode ser subdividida em dois períodos no calendário ritualístico, respeitando as conexões com os espíritos e as fases de cheia, seca e vazante dos rios. Para o ritual dedicado aos espíritos celestes, há uma flexibilidade que pode variar conforme as necessidades práticas do cotidiano. No entanto, o ritual destinado aos espíritos subterrâneos requer rigorosidade, pois a vida e a saúde da comunidade dependem disso.

Contudo, o termo "calendário" é insuficiente para traduzir essa lógica, pois trata-se de um tempo ecológico, regulado por sinais naturais, como por exemplo a cheia e a vazante dos rios, as chuvas, a reprodução dos peixes, e pelos próprios rituais que o atualizam.

Durante a estação dos espíritos subterrâneos, realizam-se os rituais *Eyãokwa* e *Lerohi*. Os clãs anfitriões permanecem na aldeia com as mulheres, enquanto os demais empreendem longas expedições de pesca. Os peixes capturados são oferendas e veículos de comunicação com as entidades subterrâneas. Ao regressar, realiza-se a cerimônia de apaziguamento dos espíritos, marcada pela oferta de sal e mingau de mandioca, dos quais parte é devolvida à terra, gesto que traduz a circulação vital entre humanos e não humanos.

Segundo o IPHAN (2018) esses rituais trazem impresso um caráter de obrigatoriedade, do qual não se pode escapar, negar ou furtar-se a esses deveres. Da execução destes compromissos depende a própria vida e a ordem social; deixar de cumpri-los, como avisam os próprios *Enore Nawe,* é estar exposto e vulnerável ao infortúnio, à calamidade, com consequências que podem tomar dimensões trágicas. Esses ciclos rituais são a única maneira de manter a harmonia com os *Enoli e Yakailiti*.

Os ritos envolvem danças, cantos e instrumentos musicais, especialmente flautas produzidas pelos próprios participantes. A música, segundo Rodgers (2006), estrutura-se segundo idade, aprendizado e posição social, funcionando como linguagem ritual e forma de transmissão das narrativas míticas fundantes.

Yokwari, uma das principais referências locais, explica que "*Salomã é marido de Kateokõ, e ela possui dois irmãos, o Eyãokwa e o Derohi*". Essa formulação não é metáfora, mas expressão de uma ontologia relacional, na qual os rituais se ligam por laços de parentesco. O parentesco ultrapassa o humano e vincula as próprias cerimônias, revelando uma rede de reciprocidades entre mundos.

Nessa perspectiva, os rituais não apenas expressam a espiritualidade dos *Enawenê Nawê*, mas constituem o próprio modo como o mundo se mantém em relação.

Assim, pode-se afirmar que os rituais não são apenas práticas cerimoniais, mas verdadeiros mecanismos que articulam produção, socialidade e espiritualidade, integrando a comunidade *Enawenê Nawê* ao seu território e ao cosmos que os circunda.

5.1. Ritual Eyãokwa

O Eyãokwa é o mais complexo e significativo ritual do povo *Enawenê Nawê*, representado pela Figura 20. Ele é realizado durante a cheia/ vazante dos rios. Este ritual, pode se estender por aproximadamente sete meses e ocorre anualmente durante o período da seca.

Figura 20 - Ritual *Eyãokwa*



Fonte: Arquivo do Autor (2023).

Em 2011 foi incluído na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO. Esse reconhecimento internacional reforça a importância já destacada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ao registrar o ritual como patrimônio cultural brasileiro:

> O reconhecimento do Ritual Yaokwa como Patrimônio Cultural do Brasil é a demonstração do respeito à cosmologia dos *Enawenê Nawê* e ao seu modo de viver. Sua ampla divulgação e promoção pretende apresentar para a sociedade em geral a importância da preservação ambiental e cultural para a manutenção da rica diversidade cultural de nossa Nação (IPHAN, 2011, p. 11).

Para realizar o *Eyãokwa*, os clãs se organizam em dois grandes grupos: os *Eyãokwa* (que também dá nome ao ritual e ao clã que o realiza) e os *Harikare* (os anfitriões). Vale ressaltar que quando os *Enawenê Nawê* estão executando os rituais, eles passam a assumir a identidade correspondente ao nome da cerimônia em andamento. Por exemplo, durante as atividades do ritual *Salomã*, um grupo se identifica como *Salomã*, durante as atividades do *Derohi*, um grupo se identifica como *Derohi*, ou seja, o nome está diretamente ligado à cerimônia que está sendo realizada.

Esse ritual segue um ciclo bienal, em que os grupos se revezam nas responsabilidades da pescaria e da organização. No primeiro ano do biênio, o grupo anfitrião é responsável por abrir a roça, realizando a derrubada da mata, a queimada e o plantio, principalmente de mandioca. No segundo ano, a dedicação é voltada para a renovação do plantio e o cuidado com a produção, que servirá de alimento tanto para os participantes humanos quanto para os espíritos durante o ritual.

Enquanto os *Eyãokwa* são responsáveis pela condução dos ritos realizados no pátio e pelas excursões de pesca, os anfitriões assumem funções complementares essenciais para a sustentação do ritual, especialmente no que se refere à manutenção das roças que garantem o alimento necessário. Cabe a eles o preparo e a oferta do mingau e do sal, além da responsabilidade de manter a lenha e as fogueiras acesas durante as noites no pátio, assegurando a continuidade das atividades ritualísticas.

Entre as principais atividades relacionadas aos *Eyãokwa*, destaca-se a pescaria de barragem, uma prática tradicional, coletiva e essencial para a subsistência do grupo. Nesse contexto, os participantes constroem enormes estruturas de pesca, elaboradas com madeira e cipó, instaladas em diferentes rios da Terra Indígena, *como Kolixiwina, Tinõliwina, Adowina*[4]*, Wadanawina* e *Olowina*, evidenciando um profundo conhecimento técnico e uma complexa organização coletiva, conforme representado na Figura 22.

[4] O Adowina (Rio Preto) não foi incluído no processo de demarcação e homologação da Terra Indígena Enawenê Nawê. Dessa forma, territórios sagrados essenciais para esse povo ficaram de fora da delimitação oficial, o que tem gerado conflitos com agentes externos, como fazendeiros, madeireiros e outros interesses econômicos, além de intensificar tensões relacionadas ao uso, à proteção e ao reconhecimento desses espaços tradicionais.

Paralelamente, também confeccionam as chamadas “Mata”, armadilhas de pesca utilizadas durante o ritual, conforme ilustrado na Figura 21, compondo um conjunto articulado de práticas que integram saberes, técnicas e dimensões simbólicas do *Eyãokwa*.

Figura 21 - Armadilha de Peixe (Mata)



Fonte: Arquivo do Autor (2022).

Figura 22 - Barragem Enawenê



Fonte: Arquivo do Autor (2022).

Vale ressaltar que a participação direta dos *Harikare* nessas atividades é expressamente proibida, uma vez que se acredita que sua presença pode comprometer a abundância de peixes (Figura 23) e provocar a ira dos *Yakailiti*.

Figura 23 - Peixe capturado pela Mata



Fonte: Arquivo do Autor (2025).

As barragens são construídas com o objetivo de capturar os peixes que retornam da piracema, sendo posteriormente assados e preparados nos próprios acampamentos de pesca. Ao final desse processo, as estruturas são cuidadosamente destruídas, permitindo que os peixes continuem seu percurso para a desova no ciclo seguinte, o que evidencia um profundo respeito pelos ritmos e pela regeneração da natureza.

Após a captura, os peixes são defumados e transportados para a aldeia, onde passam a integrar o conjunto de oferendas rituais. O ritual envolve, ainda, a oferta de diversos alimentos,

como a mandioca proveniente da roça do *Eyãokwa*, peixes, chichas e bijus, além da circulação de recursos essenciais, como a lenha, reforçando os princípios de reciprocidade, partilha e interdependência que estruturam a vida coletiva.

Um dos momentos mais intensos e simbólicos do ritual ocorre com a chegada dos *Eyãokwa* à aldeia, quando se reencena um conflito mítico no qual os *Enawenê Nawê* enfrentaram a ira dos espíritos após a quebra das flautas. Nesse instante, os anfitriões cobrem os *Eyãokwa* com oferendas, em um gesto de apaziguamento das forças espirituais, sendo fundamental que mulheres e crianças mantenham o silêncio, evitando gritos que possam desencadear reações agressivas dos *Yakailiti*. Na Figura 24, observa-se um indígena *Enawenê Nawê* representando o *Eyãokwa*, imagem que evidencia a densidade simbólica e a tensão ritual desse momento.

Figura 24 - Indígena *Enawenê Nawê*, representando o *Iyãokwa*



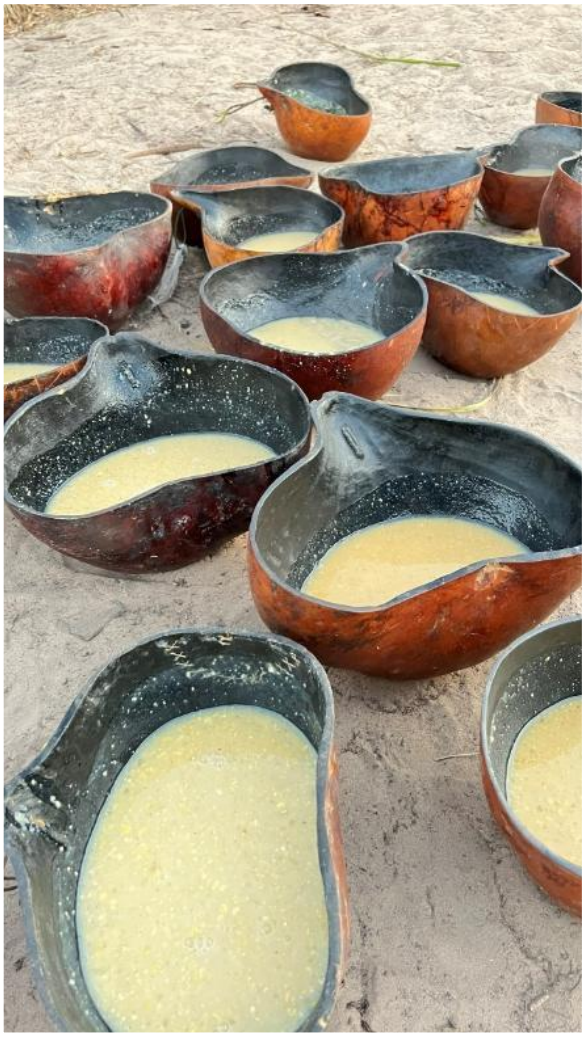
Fonte: Arquivo do Autor (2023).

O *Eyãokwa* configura-se como um ritual de profunda dimensão espiritual, no qual os alimentos preparados são oferecidos aos *Yakailiti* como forma de agradecimento e de manutenção do equilíbrio entre os diferentes planos da existência, garantindo a continuidade

dos recursos naturais e o bem-estar coletivo. Conforme destaca *Kolareene*, “a comida é ofertada no pátio, e quando comemos, o espírito também come e fica feliz”, evidenciando a partilha simbólica entre humanos e espíritos.

Na Figura 25, observa-se a *Oloiti* sendo ofertada no pátio durante o ritual, o que materializa esse gesto de cuidado, respeito e reciprocidade que sustenta as relações cosmológicas do povo. Entre as oferendas, destaca-se o sal vegetal, considerado um dos alimentos mais importantes para os espíritos, funcionando como forma de retribuição pelos peixes obtidos durante o ritual.

Figura 25 - Oloiti sendo oferecida no Pátio



Fonte: Arquivo do Autor (2023).

Para a realização do *Eyãokwa*, os pajés desempenham um papel central, atuando como mediador entre os mundos ao ouvir os *Yakailiti*, que indicam quando devem realizar o ritual

além de alertar sobre perigos e indicar a necessidade de ampliação ou redução do tempo ritualístico.

5.2. Ritual Derohi

O *Derohi* constitui um ritual subsequente ao *Eyaõkwa*, dedicado às entidades espirituais *Yakailiti*. A grafia desse ritual pode variar entre *Lerohi*, *Lerohe*, *Derohe* ou *Derohi*, conforme diferentes registros e transcrições. No entanto, Almeida (2015, p. 210) descreve-o com a grafia *Lerohi*, afirmando que "o *Lerohi* — também grafado pelos *Enawenê-Nawe* como *Lerohe*, *Derohe* ou *Derohi* — [...]".

Figura 26 - Ilustração representando indígenas Enawenê Nawê durante o Ritual Derohi



Fonte: Arquivo do Autor (2023).

Esse ritual pode ser compreendido como uma extensão do *Iyaõkwa*, à medida que avança na estação seca. Durante sua execução, procede-se ao plantio do milho, que simboliza o encerramento do ciclo anual dedicado aos *Yakailiti* . No decorrer do ritual, assim como ocorre no *Eyãkwa*, todos os homens, com exceção dos *Harikare*, participam de excursões de pesca, no

Eyaõkwa as pescas são feitas através de barragens, já no *Derohi* são feitas em lagoas com auxílio do timbó[5].

O *Derohi* distingue-se pelo uso de uma flauta de pequenas dimensões, provida de cinco furos, e pela participação gradativa das mulheres ao final da celebração, momento em que elas dançam de olhos fechados em um gesto de profunda entrega espiritual, conforme ilustrado na Figura 26 e 27.

Figura 27 - Ritual *Derohi*



Fonte: Arquivo do Autor (2023)

[5] Oliveira e Daly (2001) apontam que várias espécies pertencentes às famílias Leguminosae, Asteraceae, Sapindaceae e Sapotaceae são conhecidas como timbó. O cipó timbó contém compostos como rotenona e timboína, substâncias que atuam especificamente sobre animais de sangue frio e, conforme a quantidade liberada na água, podem apenas deixar os peixes entorpecidos, fazendo com que subam à superfície e possam ser facilmente capturados.

Sua execução musical envolve dois conjuntos de instrumentistas: aqueles que tocam as flautas do *Derohi* e aqueles que utilizam trompetes ou as flautas *yayrina*. Embora as flautas do *Derohi* (Figura 28) sejam guardadas nas casas residenciais, elas permanecem associadas aos *Yakailiti*, reforçando o vínculo espiritual que estrutura todo o ciclo ritual.

Figura 28 - Flauta *Derohi*



Fonte: Arquivo do Autor (2025).

Lima Rodgers (2014, p. 334) descreve o rito do *Derohi* da seguinte forma:

> Sua dança é composta de duas fileiras compridas de músicos, uma com cada instrumento, as quais cortam a praça da aldeia de uma casa à outra sempre do lado oposto no perímetro aldeão. Uma vez dentro das casas passam a dançar em círculo dentro da residência em volta dos fogos de cozinha principais (dos dois lados da casa residencial) por horas seguidas, até que saiam novamente e se dirijam a uma outra casa. Em certo momento, meninas novas, recém-casadas ou em idade de casar, juntam-se à fila de homens de modo sempre intercalado entre os sexos; elas devem estar bem paramentadas, com seus densos colares de madrepérola (*dalaelati*) e de olhos semifechados

Durante as entrevistas descobri que o ritual *Derohi* também é considerado um ritual de cura, realizado pelos *Enawenê Nawê* para amenizar os problemas de saúde causados pelos *Yakailiti*. Conforme relatam os próprios *Enawenê Nawê*: Assassanikwa: *"Quando termina o Eyãokwa e tem muita gente doente na aldeia, temos que fazer Derohi"*

Nessa mesma linha, Holikiare Enawene conta: *"Mês passado, meu pai ficou muito ruim, né? Aí o pajé falou: precisa fazer oloiti para passar Derohi. Derohi está precisando muito de*

chicha." Aí, quando toma chicha, pode fazer pescaria. Aí nós dá chicha para Derohi, aí ele recupera a saúde."

Dessa forma, o *Derohi* revela-se não apenas como a continuidade do ciclo ritualístico que sucede ao *Eyãokwa*, mas também como um momento de profunda restauração da vida coletiva e espiritual do povo *Enawenê Nawê.* Assim, o *Derohi* sintetiza a essência da cosmologia *Enawenê Nawê*, em que o ato ritual é, simultaneamente, celebração, cura e reafirmação da ordem vital que sustenta o mundo.

5.3. Ritual Salomã

O Ritual *Salomã* marca o início do período das chuvas, geralmente entre os meses de outubro e novembro.

O termo "*Salomã*", é carregado de significados e ocupa um papel multifacetado na cosmologia e na organização social dos *Enawenê Nawê*. Em primeiro lugar, *Salomã* é o nome de seres celestes *(Enore Nawê),* considerados ancestrais e avós do povo (*Atore Nawê*), o que confere ao ritual uma dimensão sagrada e espiritual. Em segundo lugar, o *Salomã* constitui uma das fases rituais do ciclo cerimonial dos *Enawenê Nawê,* ao lado do *Eyãokwa*, do *Derohi* e do *Kateokõ*. Em terceiro lugar, o termo também designa uma linha onomástica e populacional ligada a dois dos nove clãs *Enawenê Nawê (Kaholase e Lolahese*), identificados como descendentes dos *Salomã Nawê,* um povo de caçadores cuja origem é distinta daqueles que, segundo a cosmogonia, emergiram da pedra primordial.

Os cantos e danças do *Salomã* evocam a força e a valentia dos seres celestes, considerados invencíveis nas batalhas e detentores das flechas, símbolos de proteção e poder espiritual. Na Figura 29, observa-se um momento do ritual *Salomã*, evidenciando a intensidade simbólica dessa celebração e a profunda conexão entre música, movimento e cosmologia *Enawenê Nawê.*

Figura 29 - Ritual *Salomã*



Fonte: Arquivo do Autor (2023).

O *Salomã* também é compreendido como um rito de proteção e prevenção coletiva, atuando como um contraponto à prática individual do xamã que realiza curas pessoais com o auxílio dos *Enore Nawê*. Durante o ritual, a coletividade se une em cânticos, danças e oferendas que buscam afastar doenças e males trazidos pelos *Yakailiti*

Assim, o *Salomã* cumpre uma função estética, espiritual e terapêutica, garantindo a presença constante dos seres celestes e assegurando a harmonia entre os planos do universo.

O ciclo cerimonial do Salomã ocorre durante a *Onekioniwa*, entre outubro e o início de dezembro, sucedendo as fases do *Eyãokwa* e do *Derohi*, dedicadas aos espíritos subterrâneos, e precedendo o Kateokõ, um ritual feminino também voltado aos *Enore Nawê*. Há uma complementaridade entre o Salomã e o *Kateokõ*: no primeiro, as mulheres são as protagonistas do rito, oferecendo alimentos e ornamentos, enquanto os homens cantam e dançam; no segundo, essa dinâmica se inverte, e as mulheres assumem o protagonismo das celebrações. Cada uma das quatro fases do ciclo possui repertórios musicais e coreografias próprias, refletindo o equilíbrio entre os papéis sociais e espirituais.

A comida é uma oferenda sagrada e a abundância alimentar é vista como uma forma de fortalecer o corpo e o espírito da comunidade. Os alimentos ofertados aos seres celestes privilegiam sabores adocicados, menos ácidos e, tradicionalmente, incluem aves, peixes, mel,

batata-doce, frutas, mingaus e bebidas fermentadas de mandioca e milho. Com o tempo, novos elementos foram incorporados às oferendas, como doces, pães, refrigerantes e outros produtos trazidos pelo contato com os não indígenas.

As flechas, presentes em todos os momentos do ritual, ajudam a afastar os males e reforçam o sentido protetor da cerimônia.

As atividades produtivas associadas ao *Salomã* incluem a pescaria com timbó em lagoas marginais do rio Juruena (Figura 30), especialmente na grande lagoa *Hone*, próxima ao território *Rikbaktsa*, além da caça de aves e da coleta de mel.

Figura 30 - Ilustração representando a pesca com timbó nas Lagoas



Fonte**:** Lolawenakwa Koxiro Enawene (2026).

O período cerimonial do *Salomã* inicia-se de forma mais discreta, com cânticos e danças menos intensos e trocas simbólicas entre os participantes. Em seguida, os *Enawenê Nawê* partem em expedições de pesca e coleta fora da aldeia, retornando com alimentos que serão utilizados nas oferendas. Esse retorno marca o ponto culminante do ritual, quando os cânticos, as danças e as celebrações atingem seu ápice, reafirmando a comunhão entre o povo, os espíritos e a natureza.

O *Salomã*, portanto, é muito mais do que um simples ritual, é uma síntese da cosmovisão *Enawenê Nawê* que expressa a circularidade da vida, a reciprocidade entre mundos visíveis e

invisíveis e a interdependência entre humanos, natureza e seres espirituais. Ao mesmo tempo, é um rito de proteção, de cura e de celebração da vida, preservando a memória ancestral e reafirmando a identidade coletiva de um povo que vive em constante diálogo com o cosmos. Esse ritual expressa a relação de troca e equilíbrio que a sociedade *Enawenê Nawê* estabelece entre os seres humanos e os seres celestes *(Enore Nawê).*

5.4. Ritual Kateokõ

O *Kateokõ* configura-se como um ritual de caráter predominantemente feminino, conforme ilustrado na Figura 31, sendo dedicado aos *Enore Nawê*, as divindades celestiais. Nesse contexto, as mulheres assumem papel central, conduzindo as danças, os cantos e a organização das oferendas, enquanto os homens participam como receptores dos alimentos e das expressões rituais, evidenciando uma dinâmica específica de complementaridade.

Diferentemente de outros rituais marcados pela solenidade e maior rigor, suas celebrações se destacam pela leveza, pela alegria e pelo espírito de cooperação que permeia toda a comunidade.

Figura 31 - Ritual *Kateokõ*



Fonte: Dokotene Enawene (2025).

O *Kateokõ* ocorre no período de transição entre o final da seca e o início das chuvas, momento considerado singular, no qual o ritual atua como um elo fundamental para a

manutenção do equilíbrio entre o plano humano e o sobrenatural. Assim, fortalecem-se as conexões invisíveis que sustentam a prosperidade e o bem-estar coletivo, reafirmando a continuidade das relações entre humanos e divindades, conforme destaca Araujo (2026, p. 57).

Um dos aspectos importantes sobe o ritual *Kateokõ* é sua relação de complementaridade com o ritual *Salomã*. Essa alternância entre os ritos expressa o equilíbrio e a reciprocidade que caracterizam a cultura *Enawenê Nawê.* Enquanto no *Kateokõ* as mulheres detêm o rito e recebem alimentos dos homens, no *Salomã* ocorre o inverso: os homens conduzem as celebrações e retribuem as mulheres com comida e oferendas. Tal dinâmica revela a importância das trocas simbólicas e materiais como forma de fortalecer os vínculos sociais e espirituais da comunidade.

Durante o *Kateokõ*, são ofertados diversos tipos de alimentos que simbolizam abundância e partilha. O mel ocupa lugar de destaque entre esses alimentos, sendo considerado um dos mais importantes nas oferendas e celebrações. Além dele, outros produtos naturais como manga, frutas diversas e raízes também são oferecidos aos espíritos e aos participantes do ritual. Nos últimos anos, observam-se transformações influenciadas pelo contato com o mundo não indígena, e passaram a ser incluídos produtos industrializados, como salgadinhos, refrigerantes, pães, pipocas doces, bolachas recheadas e pacotes de suco. Essa mudança reflete um processo de adaptação cultural, em que elementos externos são incorporados ao ritual sem que sua essência espiritual e comunitária seja perdida.

A periodicidade do *Kateokõ* varia conforme as fontes, podendo ocorrer de forma anual ou bienal, geralmente associada à época da colheita do mel.

SEÇÃO 6

6. FOI CAMINHANDO COM ELES QUE DESCOBRI O TEMPO DOS RITUAIS

6.1. O tempo

O tempo é uma das dimensões mais profundas e misteriosas da existência humana. Embora pareça algo objetivo e universal, ele é, em verdade, uma construção cultural que molda nossa maneira de compreender o mundo, organizar a vida em sociedade e reconhecer nosso lugar no cosmos. Assim, diferentes sociedades elaboram maneiras próprias de perceber, interpretar e marcar a passagem do tempo, articulando conhecimentos, práticas e relações com o ambiente.

O modo como as sociedades constroem formas de contar, marcar e compreender o tempo resulta de processos históricos de observação, experimentação e interação com a natureza, envolvendo diferentes culturas e seus próprios sistemas de produção e transmissão de conhecimentos. Essas práticas, articuladas às relações com elementos naturais como o sol, a lua e outros astros, contribuíram para a organização das atividades cotidianas e influenciaram os sistemas de medição do tempo utilizados na atualidade (Taffarel & Rodrigues, 2023, p. 1).

Na concepção de Severino Filho e Silva (2023), o tempo indígena é entendido como uma forma de solidariedade entre os povos e o ambiente que habitam, caracterizando-se como um fenômeno etnográfico. Sua existência se manifesta nos relacionamentos estabelecidos entre as pessoas e entre estas e o ambiente com o qual coabitam. Nessa perspectiva, o tempo não se restringe a uma contagem cronológica, mas emerge das interações sociais, das observações da natureza e das práticas culturais compartilhadas.

Complementando essa perspectiva, Severino-Filho e Januário (2011) aprofunda a compreensão do tempo indígena, concebendo-o não apenas como uma dimensão da solidariedade, mas como um elemento intrínseco ao "saber matemático" e às respostas às necessidades de transcendência espiritual e teórica dos seres humanos. Eles argumentam que, na visão da Etnomatemática de D'Ambrosio, essa dinâmica de relações é central, acomodando a ideia de que ambiente e sociedade são partes de um corpo de pesquisa único e indissociável sobre os saberes produzidos por grupos culturalmente distintos

> O tempo, caracterizado como resultante da construção e da expressão dos modos de vida de uma sociedade, é concebido a partir do 'saber matemático' e das respostas às necessidades de transcendência espiritual e teórica dos seres humanos. O saber matemático, na perspectiva do Programa Etnomatemática, de D'Ambrosio, perpassa toda essa dinâmica de relações e acomoda em seus fundamentos a compreensão de

> que ambiente e sociedade fazem parte de um único e indissociável corpo de pesquisa sobre os saberes produzidos por grupos culturalmente distintos, bem como sobre o processo dinâmico de produção, organização intelectual e social e disseminação desse conhecimento, além dos processos de adaptação e reelaboração que a acompanham (Severino-Filho e Silva, 2023, p. 37).

Nesse sentido, o tempo indígena pode ser compreendido como um conhecimento socialmente construído e continuamente transmitido entre as gerações, articulando observação da natureza, práticas culturais e experiências coletivas.

> As informações produzidas sobre esses tempos estão impregnadas de saberes e fazeres, frutos da observação, da reflexão e da prática de várias gerações e são atualizadas, socialmente, pelas gerações do presente. São conhecimentos produzidos e praticados, independentemente do reconhecimento ou certificação das academias. Expandir os limites do estatuto científico traz, como principal resultado, a ampliação do nosso mundo, por proporcionar o alargamento do nosso discurso sobre esse mundo e, por conseguinte, da nossa capacidade de nos comunicar com o outro e com o ambiente coabitado (Severino-Filho e Silva, 2023, p. 17).

Essa compreensão do tempo como construção social também dialoga com reflexões da sociologia. Como as desenvolvidas por Elias (1998), que entende o tempo como um quadro de referência criado pelos grupos humanos para organizar e interpretar os processos de mudança. Nesse sentido, o autor afirma:

> O que chamamos de tempo consiste em um quadro de referências utilizado por um grupo humano e, posteriormente, pela humanidade inteira, para estabelecer limites reconhecidos em meio a uma sequência contínua de mudanças. Esse quadro serve para comparar fases dentro de um fluxo de acontecimentos com outras fases de fluxos distintos, além de diversas outras funções. Por isso, o conceito de tempo é aplicável a diferentes tipos de contínuos evolutivos (p. 60).

Além das abordagens sociológicas, a reflexão sobre o tempo também aparece na tradição filosófica e mitológica ocidental. De acordo com Arantes (2015), na mitologia grega o tempo é representado por dois deuses de naturezas opostas: *Chrónos* e *Kairós*. Essa dualidade reflete concepções filosóficas distintas sobre a experiência temporal, conforme descrito a seguir.

> A partir da mitologia grega, *Kairós* significa momento oportuno, ocasião certa, oportunidade; enquanto que *Chronos* significa o tempo físico e cronológico, compreendido como anos, meses, dias, horas, minutos e segundos. *Kairós* se refere a uma experiência temporal, na qual percebemos o momento oportuno em relação a determinado objeto, processo ou contexto. *Kairós* revela o momento certo para a coisa certa, a melhor oportunidade, o momento crítico para agir, a ocasião certa e apropriada. Chronos se refere a um espaço ou intervalo de tempo, daí vem o termo cronômetro, e, às vezes, é usada para transmitir a ideia de demora. É o tempo medido pelo relógio, pelo calendário; o tempo determinado dentro de um limite (p. 4).

Embora essa distinção entre tempo quantitativo e tempo qualitativo tenha sido elaborada na tradição filosófica ocidental, ela permite estabelecer um diálogo com outras formas culturais

de compreender a temporalidade. Em contraste com a rigidez associada ao tempo de *Chrónos*, as cosmologias indígenas oferecem outra compreensão do tempo: cíclica, relacional e viva. Para muitos povos originários, o tempo não se mede por relógios, mas pelos sinais da terra e do céu. Esses marcadores de tempo inserem o ser humano na dinâmica cósmica, onde o passado não desaparece, mas retorna continuamente nas memórias e nos rituais. O tempo indígena é qualitativo e ecológico: cada instante possui densidade, pois traz a presença dos ancestrais e anuncia a renovação da vida.

Sob o domínio do tempo cronológico e quantificado, a poesia de Mário Quintana faz ecoar uma crítica profunda à alienação moderna diante do tempo.

O Tempo

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal…
Quando se vê, já terminou o ano…
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado…
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas…
Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo…
E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

Em seus versos, a vida se converte em dever e o cotidiano em uma sequência de compromissos e prazos. A expressão “Quando se vê” traduz essa vertigem em que o instante é engolido pela rotina e o tempo, em vez de espaço para a experiência, torna-se um tirano que dita a pressa e a produtividade. O tempo linear, ao medir tudo, esvazia o sentido dos momentos e nos conduz à dolorosa percepção de perda, quando se vê, já é tarde demais.

Essa concepção cíclica oferece uma resposta profunda à angústia expressa por Quintana. Se o tempo ocidental é percebido como uma sequência de perdas, o tempo indígena se manifesta como renovação constante. O que importa não é a duração, mas a intensidade do *Kairós*, o momento em que o ser se alinha ao ritmo da vida. Quando o poeta afirma que “jogaria pelo

caminho a casca dourada e inútil das horas", ele convoca à descolonização do tempo: abandonar a obsessão por medi-lo e reencontrar o prazer de vivê-lo em plenitude.

A redenção do tempo passa, assim, pela recuperação da presença. Segurar "o amor que está à frente" é um gesto de resistência ao império de *Chrónos*, é reatar o vínculo com o instante vivido, com o agora onde o existir acontece. Entre os povos indígenas, o tempo também não é posse, mas convivência: o ritmo da natureza orienta o ritmo da vida e nele se inscreve uma ética da reciprocidade entre humanos e não humanos.

Entretanto, tanto *Kairós* quanto as tradições indígenas nos lembram que existem tempos que não se medem com o relógio, mas com o sentido e observação, tempos de encontro, criação e transformação. São esses instantes que revelam o verdadeiro valor do tempo vivido: aquele que não se conta em horas, mas se reconhece na intensidade da experiência e na harmonia com o fluxo da vida.

Para muitos povos indígenas, o tempo se constitui na relação de interdependência entre as comunidades e o ambiente que habitam. Nesse contexto, a ideia de solidariedade refere-se a uma rede de relações que conecta seres humanos, natureza e cosmos. Assim, o tempo não é compreendido como uma medida abstrata ou puramente cronológica, mas como um processo vivido e construído nas interações que os sujeitos estabelecem entre si e com o mundo que os circunda. Trata-se, portanto, de um tempo que não se reduz à quantificação matemática convencional, sendo antes experienciado na prática cotidiana, nas atividades coletivas, nos ciclos da natureza e nas manifestações culturais e espirituais.

6.2. Os Marcadores de Tempo Indígenas

Um marcador de tempo pode ser compreendido como um elemento da natureza ou um fenômeno cultural utilizado para orientar a organização da vida em sociedade.

> Os tempos indígenas, interpretados a partir da relação das sociedades indígenas com o ambiente, mais que um sistema padronizado de transformações do espaço, representam o principal elo entre o ambiente e os povos que o habitam, a partir do qual ambos se reconhecem, se constituem, se transformam. Os Marcadores de Tempo Indígenas são a síntese desta relação, testemunhos da solidariedade entre ambiente e povos, expressa pela concepção de tempo e de viver (Severino-Filho, 2012, p. 04).

Funciona como um sinal que indica a chegada de determinado período, seja no ciclo das estações, no tempo de plantar e colher, de pescar, ou ainda no momento de realizar rituais e para estudar essa prática, nos apoiaremos na perspectiva do Programa de Pesquisa Etnomatemática, com enfoque nos marcadores de tempo.

> O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios sua cultura (D'Ambrosio, 2011, p.22).

Para os povos indígenas, os marcadores de tempo são, em grande parte, definidos pela observação da natureza, como o florescimento de plantas, o comportamento dos animais, a variação no nível dos rios ou a observação das constelações. São elementos fundamentais que vão além das técnicas de sobrevivência, incorporando-se à rica teia de crenças e cosmologias que sustentam as culturas indígenas, como elucida Suruí & Silva, "Os marcadores de tempo são elementos da própria natureza como; os animais, pássaros e características das folhas, flores e frutos das árvores que indicam toda essa organização do tempo" (2021, p. 87).

Cada marcador de tempo é enraizado em uma lógica específica que reflete a visão de mundo dessas comunidades, servindo como uma resposta sistemática e estruturada a questões científicas, filosóficas, epistemológicas, didáticas, cognitivas, éticas, políticas e culturais, desempenhando um papel fundamental na expressão cultural e na representação do entendimento indígena sobre a vida. Nesse sentindo Mampuche e Silva (2021, p. 122) afirma:

> [...] não se descobre ou aprende que uma lua, uma planta, um peixe, uma flor, uma arvore, uma fruta ou a chuva e a seca são marcadores de tempo se não der importância e passar a observar por um bom período, é preciso ter paciência de ouvir os anciões, dominar seus interesses de aprendizagem e treinar para não se perder no tempo.

Esses sinais permitem estabelecer uma espécie de calendário, no qual o tempo não é contado apenas por datas fixas, mas pela interação contínua entre seres humanos, natureza e cosmos, evidenciando uma percepção integrada do mundo.

Em outras palavras esses sistemas de marcação de tempo refletem as visões de mundo, valores morais e estéticos das sociedades indígenas, mostrando como essas comunidades interagem com o mundo de forma significativa e transcendental.

> Para as etnias indígenas, cada marcador de tempo tem sua origem e sua lógica baseadas nas crenças e nas cosmologias, as quais durante toda a vida sistematicamente explicaram e responderam às perguntas e aos problemas de ordem científica, filosófica, epistemológica, didática, cognitiva, ética, política e cultural, surgidos do relacionamento entre os povos e dos povos com a natureza (Severino-Filho; Januário, 2011).

Esses marcadores são, portanto, não apenas métodos para medir o tempo, mas também instrumentos através dos quais as sociedades indígenas explicam e compreendem sua existência e o mundo ao seu redor. Eles emergem do relacionamento íntimo que esses povos mantêm entre

si e com a natureza, formando um sistema de conhecimento que é continuamente atualizado e difundido de geração em geração. Essa abordagem multifacetada demonstra como os marcadores de tempo indígenas são integrados em todas as esferas da vida, evidenciando a complexidade e a profundidade do pensamento indígena.

Ao abordar a relação com o tempo, os indígenas não se limitam a atender às necessidades imediatas de sobrevivência, mas também integram esse conhecimento em um contexto mais amplo de significado e transcendência. Esses marcadores são parte de vários sistemas complexos de conhecimento, que foram sendo produzidos, difundido e atualizados ao longo do tempo, em resposta tanto às necessidades práticas quanto ao desejo humano de compreender e ir além do presente. Isso mostra como as sociedades indígenas têm uma visão holística da vida, onde o tempo não é apenas uma sequência de eventos, mas um componente integral da sua filosofia e espiritualidade.

Severino-Filho e Januário (2011, p. 43) classificam os marcadores de tempo em duas categorias: os "marcadores de tempo naturalmente percebidos no ambiente" e os "marcadores instrumentais". Os marcadores pertencentes à primeira categoria estão relacionados às pistas que o próprio ambiente oferece, como os ritmos de crescimento das plantas, os hábitos e movimentações dos animais e as mudanças nas fases lunares. Já os marcadores instrumentais dizem respeito a recursos construídos pelo ser humano para medir e acompanhar a passagem do tempo

6.2.1. Os Marcadores de tempo naturalmente percebidos no ambiente

Os marcadores de tempo naturalmente percebidos no ambiente são elementos naturais na qual o ser humano observa e coloca mensural temporal e eles, eles integram todo o ambiente e podem ser classificados em: vegetais, animais e astrais/climáticos/hídricos, entre outros.

Nas comunidades tradicionais, especialmente aquelas que vivem em estreita relação com a natureza, esses marcadores orientam sua vida social, econômica, ritualística e sua subsistência.

Os marcadores vegetais se baseiam nas fases de floração, frutificação ou perda de folhas das plantas, indicando períodos de abundância ou escassez de alimentos. Os marcadores animais envolvem o comportamento de certas espécies, baseando-se na migração, no canto, na reprodução ou o aparecimento sazonal. Já os marcadores astrais, climáticos e hídricos estão relacionados às variações observadas no céu, no clima e nos corpos d'água, como o movimento das estrelas, o início das chuvas ou a cheia dos rios.

Esses sistemas de observação compõem uma forma espécie de calendário, difundido por meio da experiência e da oralidade, e revelam uma percepção de tempo profundamente ligada ao equilíbrio entre pessoas, cultura e natureza.

6.2.1.1.Marcadores de tempo Vegetais

Os marcadores de tempo vegetais são plantas ou fenômenos ligados a flora, que funcionam como sinais naturais para marcar o tempo e orientar as atividades humanas.

Um aspecto relevante é que esses marcadores não se limitam a funções práticas; eles estão inseridos em uma cosmovisão em que seres humanos, animais, plantas e elementos naturais formam um sistema interconectado. Um exemplo é a *Ohã*, (Figura 32) planta da família das gramíneas que aparece em uma das mitologias do povo *Enawenê- Nawê*: *Datamari*, ao se transformar em Pacu, alerta os peixes para observarem a *Ohã*. Assim, o florescer de uma planta ou o amadurecimento de um fruto não é percebido apenas como um evento biológico, mas como uma mensagem da natureza que orienta comportamentos e decisões.

Figura 32 - *Ohã*



Fonte**:** Arquivo do Autor (2026).

Os Marcadores de tempo estabelecem uma conexão cultural, pois muitos estão ligados a histórias, mitos e rituais, fortalecendo a identidade e a memória coletiva. Esses sinais também possibilitam a criação de um verdadeiro calendário ecológico, no qual o tempo não é medido

apenas por datas fixas, mas pela observação atenta e pela interação contínua com o ambiente, conforme destacado por Lolawenakwaene (2025): *Os espíritos e os Enore Nawê mostram a hora certa dos rituais pelas plantas. Quando a planta floresce ou dá fruto, é sinal de que é o momento de fazer o que precisa"*.

Em síntese, os marcadores de tempo vegetais não são apenas plantas, mas verdadeiros mensageiros da natureza, integrando conhecimento científico, ecológico e cultural e orientando de forma precisa e sensível as atividades e rituais do povo *Enawenê Nawê.*

Na cultura *Enawenê Nawê*, há inúmeros marcadores de tempo para definir os períodos ritualísticos e irei destacar os principais:

- ***Ohã***: é uma gramínea encontrada nos cerrados da região, cujo ciclo define a saída para as barragens. Este saber está ligado ao período de descida dos cardumes, inserido no cabedal mitológico deste povo, onde *Datamari*, conversa com os peixes lhes falando para olharem para essa gramínea para saber o momento de sua saída das áreas alagáveis para calha do rio. É possível observar a importância desse bioindicador para o povo *Enawenê Nawê,* na medida em que o seu florescer é o sinal de que os peixes estão descendo o rio e é o momento da saída para as barragens de pesca do Ritual *Eyãokwa*;
- ***Alola*****:** Quando a semente começa a brotar, anuncia o tempo de iniciar o ritual do *Eyãokwa*. Conforme cresce e amadurece, caindo ao chão e amolecendo, indica também o período propício para as atividades de pesca.
- ***Atacê*****:** Essa fruta é utilizada como referência temporal para o ritual Eyaõkwa. Quando começa a florir e cair na água, é o indicativo de que se pode dar início ao ritual e às pescarias. Antes de a fruta amadurecer totalmente, são construídas as barragens nos rios. Após a maturação, os peixes já se alimentaram bastante do *Atacê* e descem com o rio, sendo então aprisionados pelas barragens de Pesca do Ritual *Eyãokwa*;
- ***Kolito*****:** Desempenha um papel essencial na marcação do tempo e na organização social e espiritual do povo *Enawenê Nawê.* Seu plantio indica o início de um novo ciclo produtivo e ritual, conectando o calendário agrícola ao sagrado. Geralmente, o *Kolito* é plantado na primeira queda de temperatura do ano, sinalizando que a terra está pronta para receber as sementes. Este momento dá início ao Ritual *Derohi*.
- ***Kete*****:** É plantada no final do Ritual e *Eyaõkwa*.
- ***Alolise*** **e** ***Esokate***: são palmeiras nativas da região que servem como Marcadores do tempo para o povo *Enawenê Nawê.* O ciclo de frutificação dessas espécies orienta o início do período cerimonial dos rituais *Kateokõ* e *Salomã*. A maturação de seus frutos, perceptível pela cor e textura ideais para o consumo, funciona como um relógio natural,

indicando que a natureza completou uma fase e que o tempo de fartura se aproxima. Quando a *Alolise* e o *Esokate* estão plenamente maduros, esse é o sinal de que chegou o momento de iniciar os rituais.

- ***Tiwãleili*:** O amadurecimento dos frutos de manga, perceptível pela cor intensa e pelo aroma característico, sinaliza que a natureza alcançou um estágio de fartura e que os rituais do Kateokõ e Salomã podem ser iniciados. Além de indicar o tempo ritual, a Tiwãleili é ofertada pelos anfitriões durante essas celebrações, sendo um alimento sagrado que reforça a reciprocidade e a conexão com os espíritos. Os frutos são cuidadosamente coletados, muitas vezes a quilômetros de distância da aldeia, em cidades vizinhas, demonstrando a dedicação e a importância atribuída a esse marcador de tempo dentro das práticas cerimoniais.
- ***Kolowali* e *Akani*:** começam a amadurecer em dezembro e quando muitos frutos estão caídos no chão, sinaliza o início da construção da barragem para o ritual *Eyãokwa*. Vale ressaltar que esse marcador de tempo, em conjunto com *Ohã* e *Koke* (marcadores celestes), define o período adequado para iniciar a construção da barragem de pesca, integrando os sinais da natureza terrestre e celestes

6.2.1.2.Marcador de tempo Animal

Entre os *Enawenê Nawê,* os marcadores de tempos animais têm papel central na organização das atividades cotidianas e rituais, pois indicam, através de seus comportamentos e aparições, os momentos certos para agir em harmonia com a natureza. A saída das *Kota*, o surgimento do mel nas colmeias e o nascimento de filhotes de papagaios e araras são exemplos marcantes desses sinais, observados com atenção e respeito pela comunidade.

- ***Kota***: A saída das *Kota*, ocorre após as primeiras chuvas, anunciando o início de um novo ciclo produtivo e a renovação da terra. É um fenômeno que indica fertilidade e abundância, inspirando o preparo das roças e a coleta de alimentos. As *Kota* não são apenas alimento, mas também sinal do equilíbrio entre o solo e o clima, revelando o momento em que está acontecendo o *Kateokõ* e o *Salomã*.
- ***Mahã***: O mel das abelhas constitui um dos mais significativos marcadores naturais para os *Enawenê Nawê.* A observação atenta do comportamento das abelhas orienta não apenas a coleta, mas também o respeito aos ciclos de regeneração da natureza. A coleta de mel acontece durante o ritual *Salomã* . O mel, além de alimento sagrado, torna-se um elo simbólico entre humanos, espíritos e floresta. No encerramento do ritual

Kateokõ, esse mel é ofertado às mulheres, gesto que expressa gratidão e equilíbrio, reafirmando a importância da partilha e da continuidade da vida em comunidade.

- **Kohase**: A observação atenta dos ciclos migratórios e reprodutivos dos peixes, como *Walaco, Hoxikia, Kayare, Hodoli Watala, Madodore, Ewehe,* constitui um importante marcador temporal para o início dos acampamentos de pesca entre os *Enawenê Nawê*. Esse conhecimento ecológico tradicional orienta o deslocamento até os locais de pesca, onde são organizadas expedições coletivas e construídas as barragens, fundamentais para a captura dos peixes durante determinados períodos do ano. Cabe destacar que essas expedições ocorrem tanto no período chuvoso quanto no período de estiagem, evidenciando uma adaptação refinada às dinâmicas ambientais. Durante a estação chuvosa, quando os rios estão cheios e os peixes em processo migratório, utilizam-se barragens de pesca (*Eyãokwa*) estrategicamente posicionadas nos cursos d'água. Já no período seco, com a redução do volume hídrico e o isolamento de peixes em lagoas, recorre-se ao uso do timbó, uma técnica tradicional que utiliza substâncias naturais extraídas de plantas para facilitar a captura.

Assim, o comportamento desses animais não é visto apenas como fenômeno biológico, mas como linguagem sagrada da natureza. Através deles, os *Enawenê Nawê* leem o pulsar do mundo, ajustam seus tempos ritualísticos. Os marcadores de tempo animais, portanto, transmitem não só conhecimento ecológico, mas também espiritual, lembrando que cada ser carrega lições sobre o equilíbrio e a continuidade da vida.

6.2.1.3.Marcadores hídricos, climáticos e astrais.

Os marcadores astrais e climáticos dos *Enawenê Nawê* fundamentam-se na observação detalhada das constelações, das fases da lua, da posição do sol e das variações de chuva, estiagem, ventos e temperatura.

Esses elementos articulam as práticas humanas aos ciclos do ambiente e do cosmos, refletindo uma concepção de tempo relacional, simbiótica e profundamente ecológica. Entre os marcadores de tempo astrais, a estrela *Coqui* destaca-se como um ponto de referência essencial. Seu surgimento progressivo no céu anuncia o início de um novo ciclo anual e, à medida que se eleva, indica a aproximação da estação seca, momento em que as águas dos rios refluem e os peixes descem, acompanhando o ritmo natural da estiagem e marcando o início da pescaria do *Eyãokwa*.

Além dos sinais astrais, os marcadores climáticos e hídricos desempenham papel central no calendário do povo *Enawenê Nawê.* O regime climático funciona como um indicador natural de tempo, orientando tanto as práticas cotidianas quanto os rituais cerimoniais, dessa forma a comunidade distingue duas grandes estações: a primeira, associada aos espíritos do patamar subterrâneo, abrange os períodos de cheia, vazante e seca e a segunda, vinculada aos espíritos do patamar celeste, corresponde ao tempo das enchentes. Cada estação desdobra-se em fases cerimoniais, como os rituais *Eyãokwa e Derohi*, ligados aos espíritos subterrâneos, e os rituais *Salomã e Kateokõ,* relacionados aos espíritos celestes.

Na estação seca os *Enawenê Nawê* realizam o plantio de mandioca e de milho, seguido por uma breve cerimônia do *Derohi*. Em seguida, partem para as pescarias do *Derohi,* praticadas nas calhas dos rios e lagoas, que se prolongam até o fim da estação seca.

Figura 33 - Pescaria em rios e Lagoas



Fonte**:** Lolawenakwa Koxiro Enawene (2026).

Já na chegada das chuvas ocorre a cerimônia do *Salomã*, seguida por novas expedições de pesca e coleta de mel, e por um período prolongado de rituais.

No estado de Mato Grosso, a estação chuvosa, de outubro a março, caracteriza-se pelo aumento das precipitações e pelo crescimento dos rios, marcando o período de reprodução dos peixes, preparo das roças e fortalecimento das atividades comunitárias. Já a estação seca, de abril a setembro, apresenta diminuição das chuvas e rebaixamento dos cursos d'água, configurando o momento adequado para a construção de barragens, pescarias e manejo sustentável dos recursos naturais. Esses ciclos evidenciam a compreensão indígena do tempo como uma trama viva, em que ambiente, sociedade e cosmos se interconectam de maneira dinâmica e simbiótica.

6.2.1.4.Marcadores sociais

Os Marcadores de tempo social podem ser compreendidos como um complemento do tempo natural, pois se constitui a partir da observação e incorporação dos marcadores de tempo ambientais, como os ciclos astrais, climáticos, vegetais e animais, transformando-os em referências simbólicas que orientam a vida coletiva. Entre o povo *Enawenê Nawê*, essa dinâmica alcança uma dimensão singular: o tempo social não apenas se apoia nos marcadores naturais, mas também se converte em um marcador de tempo em si, uma vez que a vida social e espiritual do grupo é estruturada em torno dos rituais.

Nessa perspectiva, o viver e o ritualizar se confundem, pois os *Enawenê Nawê* não realizam rituais como eventos isolados, eles vivem o próprio ritual e é por meio dele que o tempo adquire sentido, ritmo e continuidade. Para desenvolver melhor, dividi os marcadores de tempo social em marcadores musicais, onde a sequência musical rege a fase do ritual, os marcadores de tempo cultural e os próprios rituais como marcador de tempo.

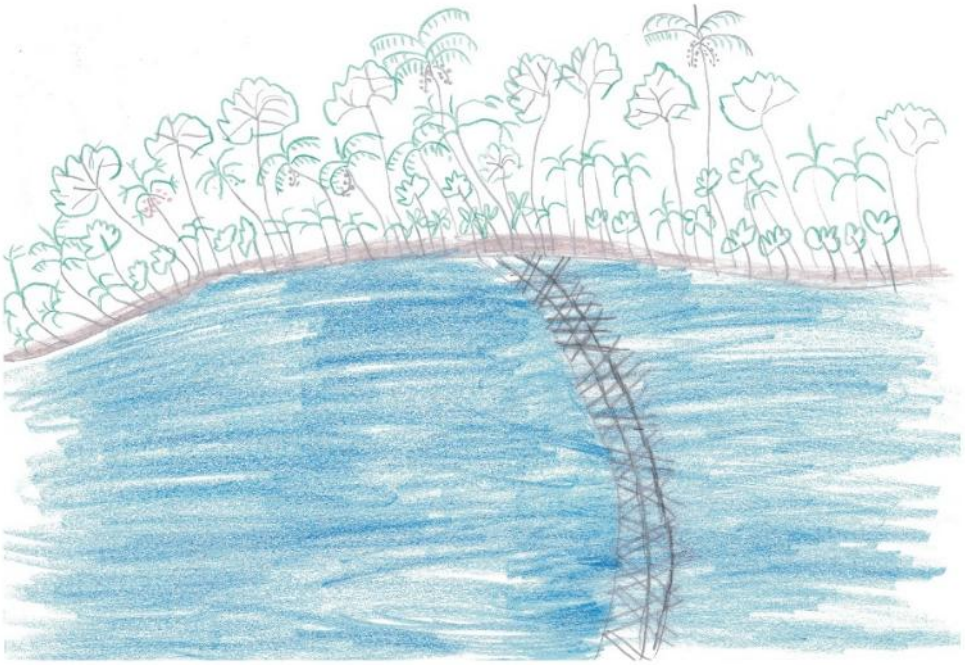
6.2.1.5.Marcadores Culturais

Os marcadores culturais do povo *Enawenê Nawê* são elementos materiais e simbólicos que estruturam e orientam as suas práticas sociais e espirituais. Profundamente enraizados na cosmologia e no modo de vida comunitário, estes marcadores funcionam como referências essenciais para a organização do tempo, das atividades quotidianas e dos complexos rituais. É crucial notar que, na cultura *Enawenê Nawê,* existem ações e objetos de uso restrito a contextos rituais específicos, como é o caso do *Yotatawe*, cuja confecção e utilização carregam significados espirituais particulares e são salvaguardados por tradições ancestrais.

Entre os elementos que se destacam como marcadores culturais, encontram-se:

- ***Wati***: construída coletivamente durante o período de pescaria ritual, simboliza a cooperação entre os clãs e a harmonia com os espíritos da natureza, sendo um pilar da subsistência e da coesão social.

Figura 34 - Ilustração de uma Barragem *Enawenê Nawê*



Fonte**:** Dokohi Enawene (2026).

- ***Cabeça Bol***: elemento cerimonial que marca a preparação e a ornamentação dos participantes, simbolizando a sua transformação e o seu papel durante os rituais. O jogo de *Cabeça bol* inicia no final do ritual *Kateokõ* e no início do Ritual *Eyãoka*. Nessa partida há 2 times distintos na qual não pode tocar a bola de seringa com mãos, pés, só é permitido com a cabeça. É um esporte tradicional praticado pelos indígenas *Enawenê Nawê*, utilizando apenas a cabeça para tocar uma bola de seiva de mangabeira, os jogadores demonstram habilidade física ao mergulhar no chão, sendo uma prática que simboliza a mente dominando o corpo e o encontro espiritual;
- ***Yotatawe***: São artefatos sagrados (Máscaras), representada na Figura 35, utilizados exclusivamente em contextos ritualísticos, associado diretamente à comunicação com os espíritos e à manutenção do equilíbrio cósmico. As *Yotatawe* são utilizadas apenas no Ritual *Eyãokwa*.

Figura 35 - *Yotatawe*



Fonte**:** Dokohi Enawene (2026).

Estes marcadores revelam a intrínseca relação entre cultura, espiritualidade e o cotidiano no universo *Enawenê Nawê*, evidenciando que cada ação ritualística é, simultaneamente, uma forma de manter o equilíbrio entre o humano, o natural e o sobrenatural.

6.2.2. Os rituais como Marcador de tempo

Além dos elementos materiais e simbólicos, os próprios rituais também se constituem como importantes marcadores de tempo para os *Enawenê Nawê*, pois operam segundo uma lógica cíclica e rigorosamente ordenada. A vida ritual desse povo é tão densa e contínua que, ao longo de todo o ano, há sempre alguma atividade em curso: ora performances músico-coreográficas na aldeia, ora expedições para diferentes pontos do território. Mesmo durante essas expedições, aqueles que permanecem na aldeia continuam realizando performances cotidianamente.

Essa constância ritualística evidencia que o tempo para os *Enawenê Nawê* não se reduz a uma linha sucessiva de dias e estações, mas constitui uma rede viva de ações que estruturam a vida social, espiritual e produtiva.

Nesse contexto, os rituais *Eyãokwa* e *Derohe*, associados aos *Yakailiti* (espíritos subterrâneos), regulam o calendário agrícola e pesqueiro, marcando o início e o encerramento

de ciclos produtivos. Já os rituais *Salomã* e *Kateokõ*, relacionados aos *Enoli* (espíritos celestes), orientam as práticas de coleta de mel, as pequenas pescarias familiares e as pescarias coletivas com timbó nas lagoas marginais dos rios. Em conjunto, essas ações constituem o coração do sistema ritual *Enawenê Nawê*, um movimento contínuo que articula de maneira indissociável as dimensões econômica, espiritual e social.

Figura 36 - Ilustração representando o Ritual *Salomã*



Fonte: Kawali Enawene (2026).

Como explica Silva (1998, p. 15), "[...] o calendário cerimonial estabelece as condições sociais (e cósmicas) da produção [...]", mostrando que a economia e a espiritualidade caminham lado a lado, reguladas pelas práticas rituais que garantem o equilíbrio entre os diferentes planos do universo.

Nessa mesma perspectiva, Santos (2003) afirma que:

> [...] o extenso e complexo calendário ritual Enawenê Nawê é organizado em função de suas cerimônias devotadas a estas e outras subjetividades, em que o peixe aparece como item catalisador. Balizador das pescas de caráter coletivo, seu calendário é formalizado nos rituais [...] (p. 171).

Assim, compreender o tempo entre os *Enawenê Nawê* implica reconhecer que ele não se mede apenas pelo passar dos dias, mas pelo pulsar dos rituais que organizam a vida coletiva. Cada cerimônia, cada deslocamento, cada canto e cada oferta inscrevem o grupo em uma temporalidade própria, onde natureza, espiritualidade e trabalho se entrelaçam. O tempo, portanto, não é uma medida externa, é uma experiência vivida, renovada e reafirmada

continuamente por meio das práticas rituais, que sustentam a memória, a coesão social e a permanência do modo de existir *Enawenê Nawê*.

6.2.3. Sistematização dos marcadores de tempo dos rituais Enawenê-Nawê

Para compreender essa lógica temporal, é necessário reconhecer que cada indicador observado pelos *Enawenê Nawê* opera não de forma isolada, mas em interdependência com os demais. A maturação de um fruto, o surgimento de um inseto, a mudança no comportamento das águas ou o aparecimento de uma estrela no céu não são eventos aleatórios, eles constituem sinais que se articulam entre si e orientam decisões coletivas fundamentais, como o início das pescarias, o preparo das roças, a coleta de mel ou o deslocamento pelo território.

Esses marcadores, difundidos pela observação minuciosa dos mais velhos e pela participação constante dos mais jovens nos rituais, configuram um sistema de conhecimento altamente refinado, no qual natureza, espiritualidade e trabalho formam um mesmo campo de percepção.

Nesse sentido, a sistematização apresentada a seguir não pretende reduzir a riqueza desse conhecimento, mas tornar visível, de forma analítica, a lógica que organiza esse complexo sistema temporal. A tabela sintetiza os principais marcadores utilizados pelos *Enawenê Nawê* e evidencia como cada fenômeno natural, social ou ritual, opera como parte da dinâmica que estrutura o viver e o ritualizar. Trata-se de um recurso complementar para compreender a articulação entre fenômenos ambientais, práticas cotidianas e o calendário cerimonial que sustenta a vida desse povo.

Quadro 1 - Os Marcadores de Tempo Indígenas do Povo *Enawenê Nawê*

Categoria	**Marcador**	**Descrição do Fenômeno**	**Função como Marcador de Tempo**	**Rituais Associados**
Vegetal	*Ohã*	Florescimento da gramínea nos cerrados.	Sinaliza a descida dos cardumes e o momento de iniciar a saída para as barragens de pesca.	Ritual *Eyãokwa*
Vegetal	*Alola*	Brotação da semente e posterior amadurecimento e queda do fruto.	Brotação anuncia o início do ritual. Amadurecimento indica o período propício para as atividades de pesca.	Ritual *Eyãokwa*
Vegetal	*Atacê*	Floração e queda da fruta na água, seguida pelo amadurecimento total.	Floração indica o início do ritual e das pescarias. Amadurecimento total ocorre após a construção das barragens.	Ritual *Eyãokwa*
Vegetal	*Kolito* (Milho)	Plantio da semente, geralmente na primeira queda de temperatura do ano.	Indica o início de um novo ciclo produtivo e ritual.	Ritual *Derohi*
Vegetal	*Kete* (Mandioca)	Plantio da mandioca.	É plantada no final do ritual.	Ritual *Eyãokwa*
Vegetal	*Alolise* (Bacaba) e *Esokate* (Buriti)	Ciclo de frutificação e maturação dos frutos (cor e textura ideais).	Orienta o início do período cerimonial, indicando a aproximação do tempo de fartura.	Rituais *Kateokõ* e *Salomã*
Vegetal	*Tiwãleili* (Manga)	Amadurecimento dos frutos (cor intensa e aroma característico).	Sinaliza que a natureza alcançou um estágio de fartura e que os rituais podem ser iniciados.	Rituais *Kateokõ* e *Salomã*
Vegetal	*Kolowali* (Pequi do cerrado) e *Akani* (Pequi do mato)	Amadurecimento dos frutos em dezembro e queda no chão.	Sinaliza o início da construção da barragem de pesca.	Ritual *Yãokwa*

Animal	Tanajura	Saída das tanajuras após as primeiras chuvas.	Anuncia o início de um novo ciclo produtivo, o preparo das roças e a coleta de alimentos.	Rituais *Kateokõ* e *Salomã*
Astral	Estrela *Coqui*	Surgimento progressivo no céu e elevação.	Anuncia o início de um novo ciclo anual e a aproximação da estação seca, marcando o início da pescaria.	Ritual *Eyãokwa*
Climático	Regime Climático (Estações)	Variações de chuva, estiagem, ventos e temperatura.	Orienta práticas cotidianas e rituais. Estação Seca (abril a setembro) para barragens e pescarias. Estação Chuvosa (outubro a março) para reprodução dos peixes e preparo das roças.	*Eyãokwa* e *Derohi* (Espíritos Subterrâneos); *Salomã* e *Kateokõ* (Espíritos Celestes)

Fonte: Organizado pelo Autor (2025)

O quadro acima demonstra, de forma clara, que o calendário ritual não existe isolado, ele é inseparável do comportamento das plantas, dos animais, do céu e da terra. Assim, o tempo para os *Enawenê Nawê* não é um recurso externo à vida, mas uma dimensão incorporada às relações que mantêm com o ambiente e com os seres espirituais. Ao compreender esses marcadores como parte de uma engrenagem que articula o mundo visível e o invisível, torna-se possível reconhecer a profundidade e a coerência interna desse sistema.

Conclui-se, portanto, que a temporalidade *Enawenê Nawê* é construída por meio de uma rede de observações, práticas e significados que se reforçam mutuamente. Ela sustenta o equilíbrio com os *Yakailiti* e com os *Enore Nawe*, organiza o trabalho nas roças e nas pescarias, orienta a circulação entre aldeia e território e, sobretudo, garante a continuidade dos rituais que estruturam a vida social.

6.2.4. Marcadores instrumentais

Os marcadores de tempo instrumentais representam ferramentas elaboradas pelos povos indígenas com o propósito fundamental de planejar, registrar e acompanhar o ritmo dos ciclos e dos eventos significativos, estabelecendo uma conexão intrínseca entre as decisões práticas da comunidade e o seu contexto ambiental e social. A confecção e a escolha desses instrumentos são processos meticulosos, orientados pelo sentido específico que terão para a comunidade e

pelo tipo de tempo que se deseja observar, seja ele um ciclo natural, ritualístico, agrícola ou social.

Os marcadores instrumentais como cordões, pedaços de madeira, são testemunhos materiais e simbólicos das formas indígenas de compreender, organizar e viver o tempo, evidenciando a originalidade e a complexidade dos saberes ancestrais.

Entre o povo *Enawenê Nawê*, o tempo não é apenas contado, ele é vivido, sentido e acompanhado em harmonia com os movimentos da natureza. Quando falamos dos marcadores de tempo instrumentais, estamos nos referindo àqueles elementos que não apenas anunciam as transformações do mundo natural, mas que são escolhidos ou confeccionados com a intenção de observar, medir e planejar as atividades da comunidade.

Esses marcadores nascem dentro de um contexto que lhes dá sentido. Eles têm ritmo, duração e propósito. Por exemplo, quando alguém escolhe um cacho de banana para observar o amadurecimento, não está apenas olhando a fruta crescer, ele está acompanhando o tempo que passa, percebendo o momento certo de realizar determinada tarefa, de iniciar um ritual, ou de preparar um alimento. Esse cacho se torna, então, um instrumento de mensuração do tempo, um guia silencioso que orienta as decisões cotidianas.

Em contraste, o marcador de tempo instrumental é aquele que é ativamente incorporado como um instrumento de mensuração, de decisões, de acompanhamento do tempo e de planejamento. Sua utilização implica um propósito deliberado de gerenciar o tempo.

Os marcadores instrumentais podem ser:

- ***Confeccionados***: criados pelo ser humano com um ritmo e duração específicos para a finalidade desejada. Como por exemplo, os nós em uma cordinha (nós em cordas ou barbantes) que são feitas para contar dias, ciclos ou intervalos, onde cada nó representa uma unidade de tempo definida pelo usuário.
- ***Escolhidos/Selecionados***: elementos da natureza que possuem um padrão observável e previsível, e que são selecionados para serem usados como instrumento de medição. O cacho da banana, onde a contagem das pencas ou o estágio de maturação de um fruto específico pode ser usado para marcar o tempo até uma colheita ou evento futuro.

A característica central do marcador instrumental é sua função de acompanhar, medir e organizar as ações humanas. No entanto, como esta dissertação se dedica especificamente aos marcadores que regulam os rituais, concentrarei a análise apenas neles. Ainda assim, é importante destacar que a definição dos horários tanto dos rituais quanto das atividades

cotidianas da comunidade se baseia na observação dos astros: estrelas, sol, lua e das alternâncias entre dia e noite. Conforme descrito á baixo:

Quadro 2 - Tempo Diário Enawenê Nawê

Horário Não-Indígena	**Termo em *Aruak* (*Enawenê Nawê*),**	**O que se observa (Marcador)**	**Detalhes/Significado Cultural**.
04:00	*Eyaõkwa Darakalase*	Observa a posição da estrela *Koke*	A tradução desse termo é "o horário do ritual". O nome desse horário varia conforme o período ritualístico; se for na época do *Salomã*, recebe a denominação *Salomã Darakalase*.
05:00	*Okanatena*	Começando a amanhecer	-
06:00	*Ximakolako*	Tendo um pouco de neblina	-
06:00 às 07:00	*Horalilta*	O sol começa a subir no céu	-
08:00 às 09:00	*Enokasakolise*	-	-
09:00 às 10:00	*Atetoliwase*	-	-
11:00 às 13:00	*Atetowali*	O sol está no meio do Céu	-
14:00 às 16:00	*Tepeokwali*	O Sol começa a descer	Nessa fase, os Enawenê Nawê dizem que o sol está "quase dormindo", metáfora que também é usada para representar alguém que, tomado pela vergonha, caminha com a cabeça baixa.
17:00	*Datinase*	-	-
18:00	*Matekwana* ou *Mekiakwana*	Começa a escurecer	-
19:00 às 24:00	*Hakakeyowa* ou *Emakati*	Começa a dormir e o sono fica pesado	A vida na comunidade *Enawenê Nawê* começa muito cedo, e, por isso, eles também se recolhem para dormir mais cedo.
01:00 às 03:00	*Eyãokwa Arakana Aetako*	Antes do Ritual	-

Fonte: Organizado pelo Autor (2025)

O quadro apresentado sistematiza a forma como os *Enawenê Nawê* organizam e acompanham o andamento do dia por meio de marcadores de tempo instrumentais, revelando que a noção de horário na comunidade não se apoia em medições abstratas, mas em observações diretas dos fenômenos naturais e dos ciclos rituais. A relação entre cada termo em *Aruak*, o fenômeno observado e o significado cultural correspondente expressam precisamente aquilo que Severino Filho (2012, p.13) destaca a natureza contextual desses marcadores: "Um marcador de tempo instrumental é escolhido ou confeccionado sempre dentro de um contexto

no qual faça sentido a sua utilização. O tempo que se quer observar e a partir do qual se queira tomar decisões, terá o ritmo e a duração de seu marcador."

Assim, cada momento do dia, o brilho da estrela *Koke*, a elevação gradual do sol, a formação da neblina, o escurecer, torna-se um instrumento que orienta decisões práticas e ritualísticas. Esses marcadores não apenas descrevem o movimento do céu e da terra, eles funcionam como guias de ação que regulam o início dos rituais, organizam as atividades coletivas, indicam momentos de descanso e estruturam o cotidiano.

Ao reunir tais informações, o quadro demonstra que, para os *Enawenê Nawê*, contar o tempo significa interpretar o mundo, incorporando ao viver diário um conjunto de saberes ancestrais que integra observação, cosmologia e prática social. Essa articulação evidencia a função propriamente instrumental desses marcadores e justifica sua centralidade no estudo aqui desenvolvido.

Além dessas observações também considero a sequência musical como um marcador instrumental, pois as músicas presentes nos ritos do *Eyãokwa, Kateokõ, Derohi* e *Salomã*, são intrinsecamente guiadas por sequências sonoras específicas que ditam o ritmo e a progressão de cada etapa.

Cada melodia, cântico e ritmo serve como um guia temporal preciso, indicando aos membros da comunidade o momento exato para a realização de movimentos, ações e interações rituais. A música, portanto, atua como um elemento sincronizador vital, garantindo a coesão e a correta execução das complexas coreografias rituais. Contudo, o seu alcance como marcador temporal estende-se para além do pátio cerimonial, permeando toda a preparação que antecede e acompanha o ritual. Desde a limpeza e organização do espaço físico até a mobilização e coordenação das famílias e clãs envolvidos, a música funciona como um marcador social que articula a vida coletiva, transformando o tempo ritual num tempo vivido e partilhado por toda a comunidade.

Esta abordagem da música como um sistema de organização temporal sublinha a riqueza da etnomatemática e das cosmologias indígenas, onde os saberes não são compartimentados, mas sim integrados numa visão holística do mundo. A compreensão da sequência musical e das suas variadas vibrações, como observado no ritual *Eyãokwa*, revela não apenas a estrutura interna das cerimónias, mas também a adaptabilidade e a profundidade do conhecimento *Enawenê Nawê* sobre o tempo e a sua relação com o ambiente e o sagrado.

Na cultura *Enawenê Nawê*, o conhecimento, especialmente aquele ligado às práticas rituais e às suas manifestações musicais, é intrinsecamente valorizado e considerado um poder que não pode ser indiscriminadamente partilhado, baseando-se nisso, em entrevista com

Holikiare Enawene, ele definiu que apresentaria apenas a sequência musical do Ritual *Eyãokwa*, pois as outras sequencias são mantidas como segredo e só podem ser compartilhadas entre os familiares ou membros do clã.

Existe uma rigorosa salvaguarda de certos saberes e práticas, que são difundidos apenas a membros específicos do clã ou da família, de acordo com linhagens e responsabilidades tradicionais. As sequências musicais de outros rituais, como o *Kateokõ* , *Derohi* ou *Salomã*, são consideradas segredos que constituem parte essencial do património cultural e espiritual exclusivo desses grupos. A divulgação desses conhecimentos para indivíduos externos à família ou ao clã, ou mesmo para membros da própria comunidade que não possuam o direito de acesso, seria uma violação grave das suas tradições e da sua cosmologia.

Assim, a decisão de não detalhar as sequências musicais de outros rituais reflete um compromisso ético com a preservação da integridade cultural e a autonomia do povo *Enawenê Nawê* sobre os seus próprios conhecimentos. Reconhece-se que a partilha seletiva de informações é uma forma de proteger e perpetuar a riqueza e a complexidade da sua cultura, onde o conhecimento é um bem precioso, detido e difundido com responsabilidade e dentro de contextos socialmente definidos.

A sequência musical dos rituais do povo indígena *Enawenê Nawê*, especialmente no ritual *Eyãokwa*, segue uma ordem específica e intrincada que reflete tanto aspectos sociais quanto cosmológicos. Esse roteiro de músicas é fundamental para a organização das cerimônias e integra funções como convite, distribuição de alimentos e trocas entre os clãs. Cada música tem um nome próprio, está relacionada a determinada tarefa ou momento do ritual, e é interpretada pelo grupo responsável, chamado *Eyãokwa*. É importante destacar que a quantidade de repetições das músicas depende do número de clãs envolvidos, pois cada clã deve cumprir sua parte no ciclo ritual, mas não a estrutura da sequência musical.

Quadro 3 - Sequência Musical do Ritual *Eyãokwa*

Ordem	Nome da Música/Ação	Contexto/Significado
01	*Kayokolala*	Cantada pelos *Eyãokwa*
02	*Watinane*	Cantada pelos *Eyãokwa*
03	*Yanaloli*	Cantada pelos *Eyãokwa*
04	*Ehodawakwa*	Cantada pelos *Eyãokwa*
05	*Kaxe erexowata*	Cantada pelos *Eyãokwa*
06	*Enehete*	Cantada pelos *Eyãokwa*
07	*Wakolawa*	Cantada pelos *Eyãokwa*
08	*Tawalo holowekwa*	Cantada pelos *Eyãokwa*
09	*Erololi kixowane*	Cantada pelos *Eyãokwa*
10	*Natolokati owalinali*	Cantada pelos *Eyãokwa*, foi pega emprestada do Clã do *Kawinariri.*

11	Aokwanetowena-*alikiakana*	Cantada pelos *Eyãokwa*, Música de buscar xixá
12	*Terenene-eneraka*	Cantada pelos *Eyãokwa*, nessa fase do ritual os anfitriões servem a xixa e convida os *Eyãokwa* para beber
13	*Eyakali deta derane* (*Emarema Kane*)	Buscam Lenha
14	*Watakakwati*	Ritual do pilão
15	*Ewakonera howali*	O Ritual passa por todas as casas e as mulheres da organização entregam *Oloiti*
16	*Emakati*	-
17	*Erokasero*	As mulheres do Anfitrião entregam Sal vegetal para os *Eyãokwa*
18	*Meriheiro*	-
19	*Amanena* howali	Anfitrião dança e depois entrega lenha para os *Eyãokwa*
20	*Enetola horawakala*	Ritual o dia todo
21	*Kasalila oliti*	Anfitrião entrega peixe
22	*Dawerati dekaka*	Os *Eyãokwa* devolvem o cocar amarelo para os Anfitriões, finalizando o Ritual *Eyãokwa*

Fonte: Organizado pelo Autor (2025)

Esta sequência musical e ritualística é específica do primeiro ano do ritual *Eyãokwa*, um dos rituais centrais do povo *Enawenê Nawê* e reflete a sua organização social, a sua relação com o ambiente e a sua rica cosmologia. A música, as ações e as interações entre os participantes são elementos indissociáveis que garantem a continuidade cultural e espiritual da comunidade.

No segundo ano do ritual, algumas músicas e ações sofrem modificações ou são combinadas, refletindo a dinâmica e a continuidade da tradição. Nesse período, a música/ação 18 (*Meriheiro*) é retirada da sequência, enquanto a música 9 (*Erololi Kixowane*) é unida à música 10 (*Natolokati Owalnali*). Da mesma forma, a música/ação 21 (*Kasalila Oliti*) é combinada com a música/ação 17 (*Erokaṣero*), e a música/ação 22 (*Dawerati Dekaka*) passa a integrar-se à música/ação 20 (*Enetola Horawakala*).

Vale destacar que a quantidade de repetições das músicas varia de acordo com o número de clãs participantes do ritual. Se houver dois clãs, por exemplo, cada música será executada duas vezes. Essa variação, contudo, não altera a cosmologia que sustenta o ritual, mas adapta sua execução às condições sociais e à composição entre os *Enawenê Nawê* grupos.

A incorporação da música como marcador temporal instrumental justifica-se pelo modo como, a organização dos rituais depende de sequências sonoras que funcionam como verdadeiros algoritmos culturais. Nos ritos *Eyãokwa, Kateokõ, Derohi e Salomã*, cada canto estabelece um momento preciso, orientando a progressão das ações e delimitando passagens entre etapas, funções e responsabilidades.

A sequência musical não é um ornamento estético, mas um mecanismo técnico de coordenação coletiva, ela é que sincroniza deslocamentos, define quando um grupo deve entrar ou se retirar, marca o instante de distribuir alimentos, convoca clãs específicos ou determina o momento exato de realizar tarefas ritualísticas, como buscar lenha, organizar o pátio, servir xixa ou executar o ritual do pilão. Ao funcionar como uma matriz temporal que regula movimentos, pausas e interações, a música cumpre uma função instrumental comparável a um calendário sonoro, não porque mede o tempo abstratamente, mas porque organiza práticas concretas.

SEÇÃO 7

7. QUANDO O MUNDO MUDA, OS RITUAIS RESISTEM – (MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E FUTURO)

Os rituais (*Eyãokwa, Kateokõ, Derohi, Salomã)* não apenas marcam a passagem do tempo como um calendário, mas o reencenam, trazendo o tempo mítico da criação e o tempo dos ancestrais para o presente. Ao realizar o ritual, a comunidade se insere novamente no fluxo temporal que garante a renovação da vida e a manutenção da harmonia com o plano celeste e com o plano subterrâneo. Nesse processo, eles acalmam os *Yakailiti* e alegram os *Enore Nawê*.

Essa compreensão do tempo como retorno e atualização do tempo primordial aproxima-se da noção de tempo mítico discutida por Mircea Eliade, para quem os rituais não apenas recordam a origem, mas reatualizam o momento da criação. Nesse sentido, ao realizar os rituais, os *Enawenê Nawê* não rememoram o passado, mas o tornam novamente presente, reafirmando a continuidade entre origem, existência e futuro.

O tempo, neste contexto, é uma estrutura viva que se manifesta na prática ritual e na vida coletiva, e nessa manifestação os *Sotakatali* têm um papel central, pois são reconhecidos como guardiões dessa memória e de inúmeros outros conhecimentos. A precisão na observação dos marcadores de tempo e a correta execução dos rituais dependem da sua sabedoria ancestral. Assim, são eles que orientam a comunidade na leitura dos sinais da natureza e na organização das práticas rituais que mantêm o equilíbrio cosmológico.

A difusão desse saber, essencialmente oral e prático, é o que preserva a "matemática" do tempo que por sua vez, não se expressa por números abstratos, mas por relações, ritmos e observações sistemáticas da natureza. Essa prática reafirma que a Etnomatemática 'não condiciona seus estudos a uma validação das práticas e conhecimentos de um grupo cultural, diferente do nosso, ao cânone da ciência e lógica da nossa cultura' (Severino Filho; Silva, 2024, p. 148)."

Trata-se de um sistema lógico próprio, estruturado por padrões ecológicos, ciclos rituais e relações cosmológicas, evidenciando que o pensamento matemático se manifesta de múltiplas formas para além da tradição ocidental. Nessa perspectiva, a etnomatemática busca reconhecer e valorizar esses modos diversos de produzir conhecimento. Como afirmam Severino-Filho e Cichoski, “a etnomatemática manifesta o interesse em tornar visível o saber de grupos socialmente invisíveis, trazendo como princípio a valorização do conhecimento matemático que estudantes e suas famílias praticam em seus contextos culturais” (2021, p. 7).

Nessa mesma linha, Severino-Filho e Silva (2023, p. 5) argumentam que não há sentido em submeter a pluralidade de mundos a uma única matemática, pois "existem diferentes povos, vivendo em diferentes contextos culturais, com diferentes visões de mundo, produzindo e praticando diferentes saberes, fundamentados em diferentes epistemologias".

Nesse sentido, a Etnomatemática é compreendida como um “programa de pesquisa que se dedica a compreender e dar visibilidade à diversidade de modos e estilos de geração, atualização e difusão de conhecimentos, em contextos culturais distintos” (Severino-Filho; Silva, 2024, p. 147).

Esse reconhecimento dialoga com reflexões de Antônio Bispo dos Santos (2023) ao afirmar que as relações entre os seres e a terra constituem uma rede de compartilhamento e reciprocidade. Como observa o autor: "O nosso povo também dizia que a terra dá e a terra quer. Quando dizemos isso, não estamos falando da terra em si, mas da terra e de todos os seus compartilhantes" (p. 59).

Assim, os marcadores de tempo e os rituais não podem ser compreendidos apenas como instrumentos de organização temporal, mas como parte de uma cosmologia relacional, na qual natureza, espiritualidade e vida coletiva se entrelaçam. Essa interdependência é o que Severino-Filho e Silva (2023, p. 10) definem como a essência do tempo indígena: "o tempo é a solidariedade entre os povos e o ambiente que habitam", uma relação em que os seres humanos e natureza se solidarizam orientados pela troca de cuidados e significados."

O tempo, neste contexto, é uma estrutura viva que se manifesta na prática e nessa manifestação os *Sotakatali* tem um papel central, na qual são, os guardiões dessa memória e de inúmeros outros conhecimentos.

A precisão na observação dos marcadores de tempo e a correta execução dos rituais dependem da sua sabedoria ancestral. A difusão desse saber, essencialmente oral e prático, é o que preserva a "matemática" do tempo.

Essa “matemática do tempo” não se expressa por números abstratos, mas por relações, ritmos e observações sistemáticas da natureza. Trata-se de um sistema lógico próprio, estruturado por padrões ecológicos, ciclos rituais e relações cosmológicas, evidenciando que o pensamento matemático se manifesta de múltiplas formas para além da tradição ocidental. Como observa Antônio Bispo dos Santos, "O nosso povo também dizia que a terra dá e a terra quer. Quando dizemos isso, não estamos falando da terra em si, mas da terra e de todos os seus compartilhantes" (2023, p. 59)

A memória do tempo passado é constantemente atualizada no tempo presente através do ciclo cerimonial, assim, ele não se perde, mas se acumula e se manifesta na repetição

ritualística. A cultura, assim, não é estagnação, mas a continuidade da vida em sua plenitude, garantindo que o futuro seja uma extensão do passado e do presente, e não uma ruptura. O tempo-ritual é a prova de que o tempo *Enawenê Nawê* é um tempo de permanência e renovação simultâneas.

A análise dos marcadores de tempo *Enawenê Nawê* revela que a manutenção do seu sistema cosmológico não é um ato isolado, mas uma poderosa forma de resistência cultural e política. O tempo *Enawenê Nawê* (cíclico, ecológico, ritualístico) se coloca em confronto direto com o tempo ocidental (linear, cronológico, capitalista).

Esse confronto pode ser compreendido como expressão da colonialidade do tempo, na qual a imposição de uma temporalidade linear, produtivista e universalizante busca deslegitimar outras formas de experiência temporal, como aquelas baseadas na circularidade, na relação com a natureza e na espiritualidade. Este movimento de resistência insere-se no que Severino-Filho e Silva (2023, p. 4) chamam de uma "natureza genuinamente decolonial", que se opõe ao pensamento científico colonial para dar visibilidade a outras formas de emergência das matemáticas e saberes."

Porém esse conhecimento milenar e as execuções dessas práticas ritualísticas estão ameaçadas, tantas por pressões externas como por questões climáticas associadas ao aquecimento global. Tais intervenções e os fenômenos climáticos não afetam apenas o ambiente físico, mas atacam diretamente os marcadores de tempo naturais (hídricos, animais, vegetais) que estruturam o calendário ritual, podemos perceber isso, no fragmentado da entrevista do Kolareene *"Neste mês, que é o período das chuvas, a chuva ainda não caiu. Nas plantações, muitas plantas já estavam morrendo; algumas morriam logo ao nascer, outras pouco depois. Está muito quente, pois a terra está muito quente. Na minha plantação, alguns brotaram, mas outros já morreram"*

O desmatamento, a alteração dos ciclos hídricos e as mudanças climáticas extremas desorganizam o tempo, e a desorganização do tempo é uma forma sutil, mas eficaz, de desterritorialização. Essa percepção também aparece nas reflexões de Ailton Krenak (2020), ao observar que os povos da floresta testemunham diretamente o desaparecimento progressivo dos seres que sustentam os ciclos da vida. Segundo o autor:

> Nós estamos, devagarzinho, desaparecendo com os mundos que nossos ancestrais cultivaram sem todo esse aparato que hoje consideramos indispensável. Os povos que vivem dentro da floresta sentem isso na pele: veem sumir a mata, a abelha, o colibri, as formigas, a flora; veem o ciclo das árvores mudar. Quando alguém sai para caçar tem que andar dias para encontrar uma espécie que antes vivia ali, ao redor da aldeia, compartilhando com os humanos aquele lugar. O mundo ao redor deles está sumindo (Krenak, 2020, p. 53).

Ou seja, para os *Enawenê Nawê*, constitui também uma dimensão do território, não se tratando apenas de ocupar um espaço, mas de habitar ritmos, ciclos e relações que dão sentido à existência. Desorganizar o tempo, portanto, é também uma forma de expropriação territorial.

Ao desregular o tempo da pesca ou da colheita, o sistema de subsistência e, consequentemente, a autonomia cultural são comprometidos.

Isso ocorre porque, para os *Enawenê Nawê*, o território não é apenas um espaço físico, mas uma rede viva de relações temporais, onde rios, peixes, plantas e espíritos operam como marcadores que orientam a existência coletiva então, objetivamente, quando esses elementos são alterados, não é apenas o ambiente que se transforma, mas o próprio modo de viver, conhecer e existir no mundo. Como observa Krenak (2020), a relação entre humanidade e natureza não deve ser compreendida como separação, mas como interação profunda entre corpo e mundo. Para o autor:

> na floresta não há essa substituição da vida, ela flui, e você, no fluxo, sente a sua pressão. Isso que chamam de natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno, em que a gente soubesse de onde vem o que comemos, para onde vai o ar que expiramos. [...] o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida (Krenak, 2020).

A relação do povo *Enawenê Nawê* com a natureza está profundamente ligada às suas tradições e crenças, de modo que o território é compreendido não apenas como um espaço físico, mas como a base de sua identidade cultural. Revisitemos mais uma vez as reflexões de Ailton Krenak (2020), ao afirmar que muitos povos reconhecem a profunda continuidade entre o corpo humano e o organismo da Terra:

> Muitos povos, de diferentes matrizes culturais, têm a compreensão de que nós e a Terra somos uma mesma entidade, respiramos e sonhamos com ela. Alguns atribuem a esse organismo as mesmas suscetibilidades do nosso corpo: dizem que esse organismo está com febre. Faz sentido: nós não somos constituídos de dois terços de água e depois vem o material sólido, nossos ossos, músculos, a carcaça? Somos microcosmos do organismo Terra, só precisamos nos lembrar disso (Krenak, 2020, p. 38).

Nesse contexto, a preservação do ambiente ultrapassa a dimensão ecológica, pois o equilíbrio entre a terra e as práticas tradicionais é essencial para a continuidade de seus rituais e modos de vida (Araújo, 2024, p. 48). Ou seja, a proteção desse ambiente vai além de uma preocupação ecológica: trata-se de uma necessidade cultural, pois o equilíbrio entre a terra e as práticas tradicionais é vital para a continuidade de seus rituais e modos de vida.

A desorganização do tempo rompe a previsibilidade necessária para a realização dos rituais, fragilizando a articulação entre o plano humano, o plano celeste e o plano subterrâneo.

Nesse sentido, a crise ambiental não pode ser compreendida apenas como um problema ecológico, mas como uma ruptura cosmológica profunda.

Dessa forma, não é apenas o ambiente que entra em colapso, mas o próprio sistema de conhecimento que organiza a vida coletiva, revelando que a crise ambiental é, simultaneamente, uma crise epistemológica e cosmológica.

A influência do aquecimento global e dos impactos ambientais causadas pelas grandes lavouras e pelo complexo de PCHs no Alto Juruena[6], na realização dos rituais é objetiva e devastadora.

Carvalho (2024, p. 3) destaca que a instalação de Pequenas Centrais Hidrelétricas no alto curso do rio Juruena provocou impactos no ecossistema aquático, comprometendo áreas de desova e interrompendo as rotas migratórias das espécies de peixes exploradas pelos *Enawenê-Nawê.*

Tal informação é destacada na fala do Cacique Kolareene, durante as entrevistas: *"Aquecimento global está atrapalhando o ritual. Por exemplo, mudar ritual agora por causa de tempo, a fruta demorando a cair, orã demorando a crescer, faltando peixe. Quando eu estava na barragem, fazendo barragem, não pega muito peixe não, só pouco....O rio tá secando, por causa de PCH, não tem peixe, porque o rio já tá seco, o peixe já tá contaminado também, o rio também já tá contaminado, por causa da lavoura, tá sujo. Já tem muito lodo. Já tem, esse peixe já tá contaminado, já tem, o peixe não conseguiu descer, esse no rio, água não tá cheia não mais, então quando cheia um pouquinho, já tá secando de volta. Tá diferente já, mudando muito".*

Além dos impactos provocados pela instalação de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) em seu território, o povo *Enawenê-Nawê* também vem enfrentando conflitos recorrentes com não indígenas, especialmente produtores rurais da região do rio Preto, no estado de Mato Grosso (Figura 37). Tais tensões se intensificam em torno da realização do ritual Yaokwa, prática central na cosmologia e no modo de vida desse povo.

---

[6] O complexo de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) no Alto Juruena, situado no estado de Mato Grosso, configura-se como um conjunto de empreendimentos voltados à geração de energia. Inserido no contexto de expansão das fontes renováveis na região. Esse Complexo Energético do Juruena abrange, originalmente, nove PCHs (Divisa, Ilha Comprida, Segredo, Jesuíta, Rondon, Parecis, Sapezal, Cidezal e Telegráfica), além de duas Usinas Hidrelétricas (UHEs), Juruena e Cachoeirão. Esses empreendimentos estão majoritariamente localizados ao longo do curso do rio Juruena, com exceção da PCH Divisa, instalada em um de seus afluentes, o rio Formiga. Nesse contexto, as cinco PCHs que integram o Projeto Juruena, inicialmente administradas pela Hydria Participações e Investimentos S.A., passaram também a ser controladas pela família Maggi, assim como outros empreendimentos situados no alto curso do rio Juruena, incluindo as PCHs Jesuíta, Ilha Comprida, Segredo e Divisa.

Figura 37 - Reportagem destacando a Tensão entre os Enawenê Nawê e proprietários rurais de Juína[7]



Fonte: Brasil de Fato (2024).

Em diferentes momentos, produtores rurais têm acionado órgãos como a Fundação Nacional dos Povos Indígenas e o IBAMA para denunciar a construção das barragens pelos indígenas no rio Preto, alegando supostos impactos ambientais.

Recentemente, as associações de proprietários rurais chegaram a exigir licenças ambientais para a realização do ritual, o que gerou questionamentos por parte de instituições de defesa dos direitos indígenas, como a Defensoria Pública da União (Figura 38).

[7] https://www.brasildefato.com.br/2024/03/07/proprietarios-rurais-tentam-impedir-ritual-de-indigenas-de-recente-contato-no-mt/

Figura 38 - Reportagem sobre a decisão do DPU



POLÍTICA

Quarta-feira, 28 de fevereiro de 2024, 09:08 - A | A

POLÍTICA / CULTURA INDÍGENA

DPU recomenda que agricultores evitem dificultar ritual indígena Enawenê-Nawê

Aos indígenas, foram exigidas licenças e autorizações ambientais para fazer ritual considerado patrimônio cultural do Brasil

Da Redação

A Defensoria Pública da União (DPU) recomendou que a Associação dos Proprietários Rurais do Rio Preto (APRRP), em Juína, no Mato Grosso (MT), evite dificultar a prática do ritual do povo Enawenê-Nawê, chamado Yaõkwa. A atuação extrajudicial, feita no dia 20 de fevereiro, ocorreu após os indígenas serem cobrados de apresentar licenças ambientais para execução da manifestação cultural. Em ofício enviado à DPU, as lideranças indígenas pedem atuação do órgão para diminuir as dificuldades de diálogo e acordos com a APRRP.

"É central essa recomendação para que o povo Enawenê-Nawê não sofra mais um dano espiritual, porque infelizmente percebemos uma verdadeira violação de Direitos Humanos. O ritual é a identidade do povo", disse o defensor regional de Direitos Humanos, Renan Sotto Mayor, que atua no caso.

Fonte: A Bronca Popular[8] (2024).

O órgão destacou que impedir ou dificultar a realização do ritual configura violação de direitos humanos, uma vez que o *Yaokwa* é reconhecido como patrimônio cultural brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e constitui elemento essencial da existência física, cultural e espiritual desse povo.

Além disso, a DPU recomendou que associações rurais, como a Associação dos Proprietários Rurais do Rio Preto, se abstenham de exigir autorizações estatais para a realização do ritual, enfatizando que práticas espirituais indígenas não dependem de licenciamento ambiental. A instituição fundamenta sua posição no Artigo 231, da Constituição Federal, que garante aos povos indígenas o direito à preservação de seus costumes, crenças e tradições. Nesse sentido, o ritual *Eyaõkwa* não é apenas uma manifestação cultural, mas um elemento central da

[8] https://www.abroncapopular.com.br/politica/dpu-recomenda-que-agricultores-evitem-dificultar-ritual-indigena-enawene-nawe/26697

organização social e cosmológica dos *Enawenê-Nawê*, envolvendo etapas indispensáveis como a construção de barragens para pesca, atividade que também assegura a alimentação e a continuidade dos ritos tradicionais.

A Defensoria ainda ressaltou que a imposição de barreiras externas pode provocar não apenas prejuízos materiais, mas também danos espirituais profundos, considerando que, na ontologia *Enawenê-Nawê*, o não cumprimento do ritual pode gerar desequilíbrios na vida coletiva e possíveis punições pelos espíritos. Dessa forma, a recomendação reforça a necessidade de respeito à autonomia indígena e ao reconhecimento de seus sistemas próprios de conhecimento, evitando práticas que reproduzam relações de dominação e invisibilização cultural.

Dessa forma, observa-se que os *Enawenê-Nawê* vivenciam simultaneamente pressões estruturais decorrentes de grandes empreendimentos, como as Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs), e conflitos territoriais e culturais diretos com setores da sociedade não indígena, que frequentemente desconsideram seus modos de vida, conhecimentos tradicionais e direitos assegurados constitucionalmente. Nesse contexto, o *Eyaõkwa* torna-se particularmente vulnerável, pois depende da construção de barragens de pesca em profunda sintonia com os períodos específicos do ciclo hídrico.

Quando o regime de cheias e secas é alterado por barragens hidrelétricas a montante ou por eventos climáticos extremos, rompe-se a correspondência entre o tempo ritual e o tempo ecológico. Para além das dificuldades de acesso, os *Enawenê-Nawê* enfrentam crescentes obstáculos para sincronizar suas práticas com os ciclos naturais, evidenciando um descompasso que compromete não apenas a realização do ritual, mas sua própria eficácia simbólica e cosmológica. A degradação ambiental e a imprevisibilidade climática afetam diretamente a leitura dos marcadores hídricos e animais, impedindo que o ritual seja iniciado no tempo cosmológico adequado.

Nesse sentido, a desregulação do tempo imposta por agentes externos pode ser compreendida como uma forma de violência estrutural, que opera de maneira silenciosa ao desarticular os fundamentos temporais que sustentam a vida coletiva. Trata-se de um processo de desterritorialização que não necessariamente expulsa fisicamente os indígenas de seu território, mas desestabiliza as condições que tornam possível habitá-lo de forma plena. Assim, a agressão ao meio ambiente configura-se também como uma agressão ao tempo e ao sagrado, forçando a comunidade a adaptar ou, em situações extremas, suspender práticas essenciais para a manutenção do equilíbrio cósmico e social.

Dessa maneira, resistir ultrapassa a dimensão territorial e assume também um sentido temporal: é lutar pela integridade dos ciclos naturais, pela restauração dos ritmos e pela continuidade das relações entre natureza, ritual e existência.

Resistir, nesse contexto, não significa apenas permanecer no território físico, mas sustentar a continuidade dos ciclos que tornam a vida possível. Trata-se de uma resistência ontológica, na qual defender o tempo é defender a própria existência. Como afirma Antônio Bispo dos Santos (2015), os povos tradicionais resistem não apenas protegendo suas terras, mas preservando seus modos próprios de viver, produzir conhecimento e se relacionar com a natureza, mantendo vivos sistemas de existência que desafiam a lógica colonial dominante.

A luta ambiental, portanto, é inseparável da luta pela permanência do tempo indígena, pois é nele que se inscrevem a memória, a espiritualidade e a própria possibilidade de continuidade da vida coletiva dos *Enawenê-Nawê*. Proteger esse tempo é, ao mesmo tempo, garantir a reprodução de seu sistema cosmológico e afirmar seu direito de existir segundo suas próprias formas de compreender, viver e organizar o mundo.

7.1. O Futuro do Tempo: Propostas e Diálogos para a Educação

As reflexões apresentadas conduzem, inevitavelmente, à dimensão do futuro — não como uma projeção abstrata, mas como continuidade viva dos modos de existir e conhecer. Esse futuro não se constrói pela simples preservação da tradição, mas pela capacidade de estabelecer diálogos consistentes entre os saberes tradicionais e os conhecimentos escolares, conforme proposto nos objetivos desta pesquisa. Trata-se, portanto, de pensar a educação como um espaço de encontro entre diferentes formas de conhecimento, no qual os saberes ancestrais não sejam substituídos, mas reconhecidos e fortalecidos.

Nesse sentido, o futuro do tempo entre o povo *Enawenê Nawê* passa, necessariamente, por sua inserção qualificada e valorizada no espaço escolar da própria comunidade. A escola pode tornar-se um território de fortalecimento cultural quando reconhece e integra os sistemas de conhecimento locais. Nesse contexto, a Etnomatemática deixa de ser apenas um programa teórico, tal como formulado por Ubiratan D'Ambrosio, e passa a se constituir como uma prática pedagógica transformadora, voltada ao fortalecimento da identidade, da autonomia e da soberania cultural.

Essa perspectiva também dialoga com as reflexões de Paulo Freire sobre o papel libertador da educação, no tocante a ideia de que o processo educativo não deve tratar os sujeitos

como receptores passivos de conhecimento, mas como participantes ativos na construção do saber. Aliado ainda ao autor:

> "A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres 'vazios' a quem o mundo 'encha' de conteúdos; não pode fundar-se numa consciência especializada, mecanicamente dividida, mas na consciência em sua relação com o mundo." (Freire, 1987, p. 39).

Essa reflexão reforça a ideia de que a educação escolar para os *Enawenê Nawê* não deve ser um "depósito" de conhecimentos externos, mas sim um processo que parte da relação desse povo com o mundo, expressa em seus ciclos naturais, rituais e sistemas próprios de saber.

Nessa mesma direção, Ubiratan D'Ambrosio (2002) afirma que os saberes constituem uma forma de conhecimento dinâmica e multifacetada, moldada pela cultura, pela experiência e pelo contexto de cada comunidade. Para o autor, reconhecer, valorizar e integrar esses diferentes saberes ao ensino da matemática é fundamental para ampliar a compreensão do próprio conhecimento matemático. Partindo dessa perspectiva, a Etnomatemática busca promover uma compreensão mais ampla e inclusiva da matemática, reconhecendo que o saber matemático é uma construção cultural e social que se manifesta de maneiras distintas nas diversas realidades humanas. Como afirma o autor:

> Indivíduos e povos têm, ao longo de suas existências e ao longo da história, criado e desenvolvido instrumentos de reflexão, de observação, instrumentos materiais e intelectuais [que chamo *ticas*] para explicar, entender, conhecer, aprender para saber e fazer [que chamo *matema*] como resposta a necessidades de sobrevivência e de transcendência em ambientes naturais, sociais e culturais [que chamo *etnos*] (D'Ambrosio, 2002, p. 60).

Conforme proposto por D'Ambrosio, a Etnomatemática reconhece que diferentes culturas produzem seus próprios modos de matematizar o mundo. Nesse sentido, os marcadores de tempo do povo *Enawenê Nawê* constituem um sistema legítimo de organização, mensuração e interpretação da realidade, pois articulam observações da natureza, práticas coletivas e conhecimentos tradicionais que orientam a vida social, ritual e produtiva desse povo.

Entre os *Enawenê Nawê*, o tempo não se reduz à linearidade cronológica ensinada na matemática escolar convencional: baseada na contagem de dias, meses e anos. Trata-se de uma experiência profundamente enraizada nos ciclos da natureza, nos rituais, nas atividades coletivas e na espiritualidade.

O tempo é vivido, observado e transmitido na prática cotidiana: na pesca, nos rituais, na leitura das águas, das estações e dos sinais da floresta. Dessa forma, os processos de aprendizagem estão profundamente ligados ao território e às relações estabelecidas com o

ambiente. Como afirma Serschon (2025, p. 126), “os conhecimentos indígenas são inseparáveis dos rios, florestas, animais e ciclos climáticos. O currículo é a própria vida, e a sala de aula se estende por todo o território. Essa abordagem cultiva uma consciência ecológica radical, onde proteger a biodiversidade é um modo de existir”.

Ao integrar esse entendimento ao ambiente escolar, rompe-se com a ideia de que existe apenas um tempo legítimo ou “correto”, historicamente associado à matriz ocidental, abrindo espaço para uma educação plural, situada e culturalmente significativa. Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Paulo Freire sobre o diálogo como fundamento do processo educativo. Para o autor: "Não há diálogo se não há humildade. O pronunciamento do mundo, com o qual os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante." (Freire, 1987, p. 45).

A reflexão de Freire evidencia a necessidade de uma relação horizontal no processo educativo. Assim, ao questionar a imposição de um único tempo considerado “correto”, combate-se a forma de arrogância pedagógica denunciada pelo autor e afirma-se a importância do diálogo entre diferentes saberes. Dessa maneira, reconhecer os marcadores de tempo *Enawenê Nawê* no contexto escolar significa não apenas valorizar um conhecimento tradicional, mas também promover uma educação intercultural baseada no respeito, na escuta e na reciprocidade entre os sistemas de conhecimento.

Nessa perspectiva, a Etnomatemática assume um caráter prático e político, ao reconhecer a legitimidade de diferentes formas de contar, medir, organizar e compreender o tempo. O conhecimento matemático indígena não se configura como inferior ou complementar, mas como um sistema próprio, completo e coerente, produzido em contextos específicos e dotado de plena validade epistemológica, conforme destacado por D’Ambrosio (2005, p. 101-102):

> Uma cultura é identificada pelos seus sistemas de explicações, filosofias, teorias, ações e pelos comportamentos cotidianos. Tudo isso se apoia em processos de comunicação, de representações, de classificação, de comparação, de quantificação, de contagem, de medição, de inferências. Esses processos se dão de maneiras diferentes nas diversas culturas e se transformam ao longo do tempo. Eles sempre revelam influências do meio e se organizam com uma lógica interna. Assim nasce o conhecimento.

A incorporação desses conhecimentos ao currículo escolar fortalece a identidade das crianças, que passam a se reconhecer nos conteúdos aprendidos. Esse movimento contribui diretamente para a valorização da autoestima cultural e para a continuidade dos saberes tradicionais. A escola, nesse sentido, deixa de operar como espaço de imposição externa e passa

a se constituir como território de encontro, diálogo e produção compartilhada de conhecimentos.

Nesse processo, torna-se fundamental reconhecer o papel da comunidade, especialmente dos anciãos, como detentores e transmissores de conhecimentos essenciais para a organização do tempo, para a realização dos rituais e para a interpretação dos sinais da natureza. A construção de um currículo intercultural exige, portanto, a participação ativa da comunidade no planejamento das práticas pedagógicas, garantindo que os saberes tradicionais não sejam apenas conteúdos escolares, mas práticas vivas de conhecimento.

Essa valorização também possui implicações políticas fundamentais. Ao legitimar seus próprios modos de conhecer e organizar o mundo, a comunidade reafirma sua autonomia e sua soberania cultural. O ensino do tempo, portanto, não é neutro: ele se configura como prática de resistência frente a processos históricos de apagamento, padronização e subalternização dos saberes indígenas.

Pensar o futuro do tempo Enawenê Nawê na escola também implica a construção de práticas pedagógicas interculturais vinculadas ao território. Conforme destaca Serschon (2025), no universo ameríndio os modos de aprender estão profundamente relacionados ao território, à vida coletiva e à integração com o ambiente, além dos desafios constantes de manter suas identidades culturais no contato com outros povos e culturas externas.

Outro aspecto fundamental para a consolidação dessas propostas diz respeito à formação de professores indígenas. Para que a escola se constitua como espaço de valorização dos saberes tradicionais, é necessário que os educadores estejam preparados para mediar o diálogo entre os conhecimentos da comunidade e os conteúdos escolares. A formação docente, nesse sentido, deve reconhecer e valorizar os saberes culturais dos próprios professores indígenas, permitindo que atuem como pesquisadores e intérpretes de suas próprias tradições.

Nesse sentido, uma possibilidade pedagógica é a elaboração de calendários escolares fundamentados nos ciclos rituais do povo *Enawenê Nawê*. Essa proposta permitiria que os estudantes relacionassem as diferentes fases do ano com fenômenos ecológicos observados em seu território, articulando os saberes tradicionais com conteúdo escolares, como estações do ano, ciclos da água e movimentos da Terra.

Trata-se de estabelecer pontes entre diferentes concepções de tempo (o indígena e o da sociedade envolvente) sem que uma anule a outra. Isso pode se concretizar, por exemplo, na elaboração de calendários escolares articulados aos ciclos tradicionais ou no desenvolvimento de atividades matemáticas fundamentadas nas observações ambientais realizadas pela comunidade.

Desse modo, o ensino do tempo deixa de ser um conteúdo abstrato e passa a se constituir como experiência vivida, expressão identitária e mecanismo de continuidade cultural, um caminho para que a escola se consolide como espaço de pertencimento e fortalecimento coletivo.

O futuro do tempo *Enawenê Nawê* não está apenas na preservação dos rituais, mas na capacidade de continuar atualizando o mundo por meio deles. Enquanto houver canto, dança, pesca e memória, o tempo não se rompe: ele se refaz.

Além disso, iniciativas de registro e sistematização dos conhecimentos tradicionais, realizadas em parceria com a comunidade, podem contribuir para fortalecer os processos educativos e garantir a continuidade desses saberes entre as novas gerações. Esses registros não devem substituir a transmissão oral, mas funcionar como instrumentos complementares de preservação e valorização cultural.

Essas iniciativas também dialogam com as políticas públicas de educação escolar indígena no Brasil, que reconhecem o direito dos povos indígenas a uma educação diferenciada, bilíngue, intercultural e comunitária. Nesse contexto, a valorização dos sistemas próprios de conhecimento contribui para a construção de práticas educativas alinhadas aos princípios da autonomia cultural e da autodeterminação dos povos indígenas.

Dessa forma, a escola indígena deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos externos e passa a atuar como território de resistência cultural, no qual os saberes tradicionais são preservados, atualizados e transmitidos às novas gerações.

Assim, educar para o futuro do tempo significa formar sujeitos capazes de transitar entre diferentes mundos, sem perder suas referências, fortalecendo uma educação que não apenas ensina conteúdos, mas sustenta modos de vida, reafirma identidades e projeta, com dignidade, a permanência dos saberes indígenas nas gerações que virão.

Nessa perspectiva, a Etnomatemática se apresenta como instrumento fundamental para orientar os processos de ensino, pesquisa e difusão de saberes, colocando os marcadores de tempo no centro da construção de um currículo de Matemática e Ciências verdadeiramente intercultural. O estudo dos movimentos astrais que orientam rituais como o *Eyãokwa* pode, por exemplo, constituir ponto de partida para o ensino de geometria e astronomia, ao possibilitar a compreensão de noções como orientação espacial, periodicidade, ciclos celestes e relações entre posições estelares e eventos terrestres.

De forma complementar, os rituais *Derohi, Salomã* e *Kateokõ* ampliam esse campo de aprendizagem ao evidenciarem diferentes dimensões dos conhecimentos etnomatemáticos. O *Derohi*, associado ao plantio e aos ciclos produtivos, permite trabalhar conceitos matemáticos

como sequência, regularidade e previsão, ao mesmo tempo em que dialoga com as Ciências Agrárias e a Ecologia, ao evidenciar a relação entre clima, solo e desenvolvimento das plantas. O *Salomã*, relacionado à coleta de mel e ao comportamento das abelhas, abre possibilidades para o ensino de biologia, especialmente no que se refere à etologia, à polinização e às relações ecológicas, além de mobilizar noções matemáticas de estimativa, intervalo e temporalidade. Já o *Kateokõ*, vinculado aos períodos de abundância e à partilha coletiva, evidencia uma matemática social, envolvendo organização, distribuição e proporcionalidade, ao mesmo tempo em que dialoga com áreas como a sociologia e a antropologia, ao expressar formas próprias de organização comunitária e de reciprocidade.

Nesse contexto, os marcadores de tempo constituem verdadeiros dispositivos interdisciplinares, capazes de articular conteúdos de Matemática, Biologia, Geografia e Ciências da Natureza. A observação do florescimento de plantas, por exemplo, pode ser trabalhada como indicador fenológico, relacionando-se aos ciclos biológicos e às variações climáticas; o comportamento dos animais pode ser compreendido à luz das cadeias alimentares, dos ciclos reprodutivos e das dinâmicas ecológicas; enquanto os fenômenos climáticos e hídricos possibilitam abordar conteúdos como regimes de chuva, variações de temperatura e dinâmica dos ecossistemas.

Além disso, tais conhecimentos também dialogam com a Física, ao envolverem a compreensão de fenômenos como a incidência da luz solar, os ciclos dia-noite e as mudanças sazonais, se relacionam com a Química, ao considerar processos naturais como a decomposição, a fertilidade do solo e a transformação dos alimentos e com a Geografia, ao situar esses fenômenos no território, evidenciando a relação entre espaço, ambiente e cultura.

Dessa forma, a integração entre os saberes tradicionais do povo *Enawenê Nawê* e o conhecimento científico escolar não se configura como uma simples sobreposição de conteúdos, mas como um processo de diálogo epistemológico, no qual diferentes formas de compreender, medir e organizar o tempo e a vida se encontram e se fortalecem mutuamente. A Etnomatemática, nesse sentido, não apenas amplia as possibilidades de ensino, mas também contribui para a valorização dos conhecimentos indígenas, promovendo uma educação mais contextualizada, significativa e comprometida com a diversidade cultural e com a sustentabilidade da vida.

Para concluir esse movimento, é necessário compreender que a construção de um currículo intercultural não se encerra na inserção de conteúdos, mas exige uma transformação mais profunda das práticas pedagógicas, das formas de avaliação e das relações estabelecidas no espaço escolar. Isso implica reconhecer a comunidade como protagonista na produção do

conhecimento, valorizar os anciãos como detentores de saberes fundamentais e incorporar as experiências vividas no território como parte constitutiva do processo educativo.

Assim, a escola passa a atuar não apenas como lugar de ensino, mas como espaço de escuta, diálogo e continuidade cultural, no qual o tempo *Enawenê Nawê* não é traduzido ou adaptado, mas vivido, respeitado e recriado. Nesse horizonte, educar para o futuro do tempo significa formar sujeitos capazes de transitar entre diferentes mundos, sem perder suas referências, fortalecendo uma educação que não apenas ensina conteúdos, mas sustenta modos de vida, reafirma identidades e projeta, com dignidade, a permanência dos saberes indígenas nas gerações que virão.

SEÇÃO 8

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, situada no campo da Etnomatemática, dos marcadores de tempo *Enawenê Nawê* e das cosmologias, alcançou os objetivos propostos ao evidenciar que o tempo, para o povo Enawenê Nawê, constitui um sistema complexo, cíclico e relacional, profundamente enraizado nos ciclos da natureza, nos movimentos do céu, nos rituais e na vida coletiva. A análise demonstrou que os marcadores de tempo não são abstrações, mas práticas vividas, organizadas por uma rede de sinais interpretados pelos *Sotakatali*, que orientam tanto as atividades rituais quanto às dinâmicas produtivas.

Para estabelecer essa continuidade entre a compreensão do tempo como sistema relacional e sua fundamentação cosmológica, insere-se a centralidade da pedra como princípio originário que não se dissocia das práticas vividas. É nesse ponto que a reflexão se aprofunda, pois o que foi apresentado como organização do tempo, enraizada nos ciclos, nos rituais e na leitura dos sinais, encontrando, na narrativa da pedra, seu fundamento mais profundo, revelando que o tempo vivido pelos *Enawenê Nawê* não apenas se organiza na experiência, mas emerge de um princípio que permanece ativo, orientando e sustentando a existência coletiva.

A representação desse princípio ativo pode ser percebida nas narrativas da Pedra e da Grande Enchente, que evidenciam que a origem não se limita a explicar o que foi, mas orienta o que continua sendo. Elas operam como referências para a vida, indicando modos de agir, de organizar o mundo e de manter o equilíbrio entre os diferentes planos da existência. Assim, mito e história não se colocam em oposição, mas se entrelaçam e se atualizam mutuamente, incorporando também os acontecimentos mais recentes, deslocamentos, conflitos e transformações, sem romper com o tempo ancestral, mas reinterpretando-os dentro de uma cosmologia viva.

Retornar à pedra, nesse contexto, não significa voltar a um passado distante, mas reafirmar um princípio que permanece atuante no presente. A narrativa “Era uma vez uma pedra” revela-se, assim, como um eixo organizador da existência, um fundamento ontológico a partir do qual os *Enawenê Nawê* compreendem o mundo, o tempo e a si mesmos. Em continuidade ao que foi evidenciado, percebe-se que esse princípio não está dissociado dos marcadores de tempo, mas os sustenta e lhes dá sentido, pois é a partir dele que se reconhece a permanência do começo em cada acontecimento vivido.

A pedra, como metáfora central, ensina que o início não se encerra, mas se atualiza continuamente. Cada ritual, cada canto e cada gesto cotidiano reativam esse princípio, reafirmando uma temporalidade que não se organiza por ruptura, mas por continuidade. Nesse sentido, aquilo que, sob uma lógica linear, poderia ser compreendido como passado, manifesta-se como presença. O tempo, portanto, não se apresenta como sequência, mas como movimento circular, relacional e dinâmico, tal como indicado desde o início desta investigação.

Seguindo essa mesma lógica se expressa na construção da linha do tempo a partir dos relatos dos *Sotakatali*, pois em vez de uma organização baseada em datas fixas e universais, o tempo é constituído por experiências, territórios e memórias coletivas. Cada aldeia habitada, cada percurso realizado e cada acontecimento vivido configuram marcos temporais significativos. Desse modo, reafirma-se que o tempo, para os *Enawenê Nawê*, não é um objeto externo a ser medido pelo relógio, mas uma dimensão vivida, situada e inseparável das relações que estruturam a vida coletiva.

A organização cosmológica em três planos (celeste, terrestre e subterrâneo) amplia essa compreensão ao demonstrar que a existência não se limita ao visível. Os *Enore Nawê*, os *Yakairiti* e os *Dakoti* não são apenas seres espirituais, mas agentes ativos na manutenção do equilíbrio do mundo. A vida, nesse contexto, é necessariamente relacional: viver é negociar, cuidar, respeitar e manter vínculos com todos os planos da existência.

Os rituais, por sua vez, emergem como práticas fundamentais de sustentação desse equilíbrio, não sendo apenas eventos isolados, mas formas de conhecimento em ação e a partir deles, o tempo primordial é reatualizado, os vínculos são reafirmados e o cosmos é mantido em ordem. O ritual é, portanto, uma forma de habitar o mundo, uma maneira de garantir que o mundo continue existindo.

Do ponto de vista epistemológico, esta pesquisa reafirma a urgência de reconhecer os saberes indígenas como sistemas complexos, legítimos e autônomos de produção de conhecimento. As cosmologias *Enawenê Nawê* desafiam categorias ocidentais consolidadas, especialmente no que se refere à concepção de tempo, história e verdade na medida em que, ao invés de uma temporalidade linear e progressiva, encontramos uma temporalidade cíclica e relacional, no lugar de uma separação entre natureza e cultura, observamos uma continuidade entre humanos, animais, espíritos e território.

Ao concluir esta investigação, torna-se evidente que os caminhos percorridos ao longo desta dissertação não podem ser compreendidos de forma linear ou fragmentada, como evocado no título — *"Minhas Marcas do Tempo: todos os caminhos levam à Halataikwa"* — , esta pesquisa se constitui como um entrelaçamento entre trajetória pessoal, prática profissional e

construção científica, revelando que o conhecimento produzido não nasce apenas da teoria, mas, sobretudo, da experiência vivida e refletida.

A pesquisa evidenciou que os marcadores de tempo do povo *Enawenê Nawê* não podem ser reduzidos à lógica cronológica ocidental. Ao contrário, eles se manifestam como expressões de uma cosmologia própria, na qual o tempo é vivido de forma cíclica, relacional e profundamente conectado aos rituais, à natureza e à coletividade. Assim, compreender esses marcadores exigiu mais do que observação: exigiu escuta sensível, presença, participação e, sobretudo, respeito aos modos próprios de existir e conhecer desse povo.

Nesse processo, a etnografia não operou apenas como um método, mas como uma postura ética e relacional, em que a imersão no campo, o convívio com a comunidade e a participação nos rituais permitiram acessar dimensões do conhecimento que não se revelariam por meio de abordagens distantes ou puramente descritivas. Confirmou-se, portanto, que pesquisar em contexto indígena implica, necessariamente, estabelecer vínculos, reconhecer saberes e deslocar-se de uma posição de centralidade epistemológica, ou seja, é um ato de habitar e ser habitado.

Outro aspecto fundamental evidenciado ao longo da pesquisa refere-se às tensões entre o modelo escolar tradicional e as formas próprias de educação do povo *Enawenê Nawê*. O conflito entre o tempo escolar (linear, contínuo e regulado) e o tempo indígena (cíclico, ritualístico e integrado à vida comunitária) revelou-se como um dos principais desafios na construção de uma educação escolar verdadeiramente intercultural. Esse embate não deve ser compreendido como um obstáculo, mas como um ponto de reflexão crítica sobre a necessidade de ressignificar práticas pedagógicas, currículos e concepções de ensino.

A experiência vivida na implantação da escola demonstrou que uma educação significativa só se torna possível quando há diálogo entre saberes, valorização dos conhecimentos tradicionais e participação ativa da comunidade. A presença dos anciãos, das lideranças e dos sábios nos espaços escolares reafirma que o conhecimento não está restrito à sala de aula, mas circula, se constrói e se fortalece nas relações comunitárias.

Além disso, os desafios estruturais enfrentados como a ausência de infraestrutura adequada, precariedade de recursos e limitações institucionais evidenciam as desigualdades ainda presentes na oferta da educação escolar indígena. No entanto, também revelam a força coletiva, a organização social e o compromisso do povo *Enawenê Nawê* com a educação, demonstrando que, mesmo diante das adversidades, é possível construir caminhos de resistência e afirmação cultural.

Esta pesquisa reafirma que o conhecimento científico, quando construído em diálogo com os povos indígenas, precisa ser ético, comprometido e sensível às especificidades culturais. Mais do que produzir dados, trata-se de construir relações, reconhecer saberes e contribuir para o fortalecimento das comunidades envolvidas.

Assim, compreendo que todos os caminhos percorridos, desde a infância na comunidade rural, passando pelas experiências com os povos Cinta Larga e *Rikbaktsa*, até chegar ao povo *Enawenê Nawê* não foram trajetórias isoladas, mas partes de um mesmo percurso formativo. Cada experiência deixou marcas e cada marca me conduziu até aqui.

Dessa forma, afirmar que "todos os caminhos levam à *Halataikwa*" não se refere apenas a um destino geográfico, mas a um ponto de convergência existencial, profissional e acadêmico. *Halataikwa* torna-se, metáfora da chegada e, ao mesmo tempo, de continuidade, pois os caminhos não se encerram nesta pesquisa, em verdade, permanecem abertos, em constante construção, assim como o próprio tempo vivido, marcado e ressignificado

Ao longo desta pesquisa, fora possível constatar que o tempo, para o povo *Enawenê Nawê*, não se reduz a uma medida cronológica, linear e abstrata, mas constitui uma dimensão viva, relacional e profundamente integrada à cosmologia, à natureza e à organização social. Os rituais *Eyãokwa*, *Kateokõ*, *Derohi* e *Salomã* revelam que o tempo é continuamente recriado, atualizado e vivido, estabelecendo uma conexão permanente entre passado, presente e futuro.

Os marcadores de tempo *Enawenê Nawê* demonstram que o pensamento matemático não se limita à abstração numérica, mas pode emergir de relações ecológicas, observações sistemáticas da natureza e práticas culturais. Trata-se de um sistema lógico próprio, sustentado pela oralidade, pela experiência e pela atuação dos *Sotakatali*, guardiões dos saberes que organizam os ciclos da vida. Assim, esta pesquisa repisa que existem múltiplas formas de matematizar o mundo, rompendo com a ideia de universalidade de um único modelo de conhecimento.

Entretanto, conforme elucidado, esse sistema encontra-se ameaçado por transformações ambientais e pressões externas que afetam diretamente os marcadores naturais do tempo. As mudanças climáticas, o avanço do agronegócio e a instalação de Pequenas Centrais Hidrelétricas no Alto Juruena desorganizam os ciclos ecológicos, comprometendo a realização dos rituais e, consequentemente, a continuidade da vida coletiva. Nesse contexto, a desregulação do tempo configura-se como uma forma de desterritorialização, pois rompe não apenas com o ambiente físico, mas com as bases cosmológicas que sustentam a existência *Enawenê Nawê*.

Além disso, os conflitos com setores não indígenas evidenciam que a luta desse povo ultrapassa a dimensão territorial, alcançando também o campo simbólico e temporal. A tentativa de imposição de normas externas sobre práticas como o ritual *Yaokwa* revela a persistência de relações de poder que desconsideram os sistemas próprios de conhecimento e organização indígena. Assim, defender o tempo *Enawenê Nawê* é, ao mesmo tempo, afirmar sua autonomia, sua identidade e seu direito de existir segundo suas próprias formas de compreender o mundo.

Diante desse cenário, a resistência assume um caráter ontológico: resistir é manter vivos os ciclos, os rituais e as relações que sustentam a vida. O tempo, portanto, torna-se um território a ser defendido, e sua preservação é condição fundamental para a continuidade cultural e espiritual do povo *Enawenê Nawê*. A crise ambiental, nesse sentido, revela-se também como uma crise epistemológica e cosmológica, exigindo respostas que ultrapassem soluções técnicas, incorporando o reconhecimento e o respeito aos saberes tradicionais.

No campo educacional, esta pesquisa aponta para a potência da Etnomatemática como caminho para a construção de uma educação intercultural, crítica e situada. Inspirada nas contribuições de Ubiratan D'Ambrosio Severino Filho, Silva entre outros, a Etnomatemática possibilita reconhecer os marcadores de tempo *Enawenê Nawê* como um sistema de conhecimento próprio, capaz de dialogar com a matemática escolar sem ser subordinado a ela. A incorporação desses saberes no currículo fortalece a identidade dos estudantes, valoriza a cultura e transforma a escola em um espaço de diálogo, pertencimento e produção coletiva de conhecimento.

Outro fator importante de salientar é a tensão entre o modelo escolar hegemônico e as formas próprias de aprendizagem do povo *Enawenê Nawê*. Enquanto a escola se organiza sob a lógica da continuidade, exigindo presença constante ao longo de todo o ano letivo, a pedagogia endógena estrutura-se a partir da alternância, acompanhando os ciclos da vida, os tempos rituais, os deslocamentos no território e as dinâmicas da coletividade. De forma que, o aprender não se restringe a um espaço fixo nem a um tempo linear e contínuo, mas emerge das experiências vividas, das relações e dos momentos em que a vida comunitária se intensifica.

A imposição de um calendário escolar rígido, nesse contexto, desconsidera os tempos próprios da comunidade, produzindo não apenas dificuldades de adaptação, mas também um processo de deslegitimação dos modos *Enawenê Nawê* de ensinar e aprender. Trata-se, portanto, de uma questão que ultrapassa o plano organizacional, configurando-se como um problema epistemológico e político, no qual o tempo escolar se apresenta como norma universal, invisibilizando outras formas legítimas de conhecimento e de autoafirmação.

Reconhecer a pedagogia da alternância, nesse sentido, não implica flexibilizar o ensino, mas deslocar o próprio entendimento de educação, permitindo que a escola se reorganize a partir dos tempos da comunidade e se constitua como um espaço efetivo de diálogo intercultural.

Desse modo, os marcadores de tempo presentes nos rituais Enawenê Nawê não devem ser compreendidos apenas como referências culturais ou conteúdos possíveis de serem trabalhados pedagogicamente na escola, mas como elementos estruturantes da própria organização da Educação Escolar Indígena. Os ciclos ritualísticos do *Eyãokwa, Kateokõ, Derohi* e *Salomã* organizam a vida coletiva, orientam os deslocamentos, as atividades de pesca, os momentos de construção das barragens, as relações espirituais e os períodos de dedicação comunitária, constituindo uma temporalidade própria que nem sempre corresponde à lógica linear do calendário escolar convencional.

Pensar um calendário escolar específico para as escolas Enawenê Nawê implica reconhecer que os tempos da aprendizagem também são definidos pelos tempos do ritual, da natureza e da vida coletiva. Assim, mais do que adaptar datas comemorativas ou flexibilizar atividades pontuais, torna-se necessário construir um calendário verdadeiramente indígena, fundamentado nos marcadores cosmológicos e culturais da comunidade, respeitando os períodos em que estudantes, professores, *sotakatali* e demais membros da aldeia se dedicam integralmente às práticas ritualísticas.

Tal proposta exige romper com a lógica burocrática que frequentemente impõe cobranças de frequência, atividades extracurriculares, reposições mecânicas de aulas e avaliações descontextualizadas durante os rituais, desconsiderando que, nesses momentos, a própria comunidade está vivenciando intensos processos educativos, sociais e espirituais. Os rituais, nesse contexto, não representam interrupções do processo de ensino e aprendizagem, mas constituem espaços legítimos de produção, atualização e difusão de conhecimentos.

Dessa forma, um calendário escolar Enawenê Nawê precisaria ser construído a partir do diálogo com os *sotakatali*, lideranças e professores indígenas, permitindo que os tempos da escola acompanhem os ciclos da comunidade e reconheçam os rituais como parte central da formação humana, cultural e matemática do povo. Tal perspectiva fortalece uma Educação Matemática intercultural comprometida não apenas com a inserção de conteúdos indígenas na escola, mas com o reconhecimento das formas próprias que os Enawenê Nawê possuem de organizar o tempo, produzir conhecimentos e educar suas novas gerações.

Por fim, está posto pela presente pesquisa que o futuro do tempo *Enawenê Nawê* não reside apenas na preservação dos rituais, mas na capacidade de continuar atualizando o mundo por meio deles, inclusive no espaço escolar. A construção de práticas pedagógicas

interculturais, que integrem saberes tradicionais e científicos, configura-se como estratégia fundamental para garantir a continuidade desse modo de existência, compreendendo que educar para o futuro do tempo é também educar para a resistência, para a diversidade e para a sustentabilidade da vida, reafirmando que, enquanto houver memória, ritual e coletividade, o tempo não se rompe, ele se refaz continuamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. **Enawene-Nawe Wixo:** diferença e convivialidade na gestão sociopolítica do cosmos. 2015. 301 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

ARANTES, P. C. **Kairós e Chronos:** origem, significado e uso. Revista Pandora Brasil, n. 69, dez. 2015.

ARAÚJO, E. da S . **Saberes e fazeres das mulheres Enawenê Nawê presentes no ritual** Kateokõ . 2026. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2026.

CARVALHO, R. da C. **Monitoramento da atividade pesqueira na Terra Indígena Enawenê-Nawê, sub-bacia do Alto Juruena.** Cuiabá: Operação Amazônia Nativa (OPAN), 2024. Disponível em: https://amazonianativa.org.br/wp-content/uploads/2024/02/OPAN-RT-Pesca_Enawene-Nawe-PT_v2.pdf**.** Acesso em: 28 fev. 2026.

CASTRO, E. V. de. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.** Mana, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, out. 1996

CORRÊA, N. dos R. **Contatos e contrastes: territorialidade, etnicidade e história dos indígenas Enawenê Nawê.** 2015. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari (Univates), Lajeado, 2015. Disponível em: http://hdl.handle.net/10737/834. Acesso em: 5 out. 2025.

BACHELARD. A poética do espaço **-** col. **Os Pensadores**. Tradução Joaquim José Moura Ramos. 1.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.183-354.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**. São Paulo: Ática, 1990.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática:** arte ou técnica de explicar e conhecer. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática:** elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

D'AMBROSIO, U. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. São Paulo – **Educação e Pesquisa**. V. 31, n. 1, p. 99-120, jan./abr. 2005.

DOS SANTOS, G. M.; DOS SANTOS, G. M. **Homens, peixes e espíritos:** a pesca ritual dos Enawenê-nawê**.** Tellus, Campo Grande, n. 14, p. 39–59, 2014. DOI: 10.20435/tellus.v0i14.149. Disponível em: https://tellusucdb.emnuvens.com.br/tellus/article/view/149. Acesso em: 5 out. 2025.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, E. S. **Etnomatemática:** uma proposta metodológica. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1997.

Ferreira, L. G., & F., M. de S. Autobiografia, histórias de vida e entrevista interativa: fundamentos teórico-metodológicos promissores à formação de professores. **Revista Pesquisa Qualitativa,** 13(35), 742–771. https://doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1211, 2025.

GALLOIS, D. T. **Mairi Revisitada:** a reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi. São Paulo: NHII-USP/FAPESP, 1993.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERDES, P. **Etnomatemática:** cultura, matemática, educação. Maputo: Instituto Superior Pedagógico, 1991.

GIMONET, J. C. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFAS**. Petrópolis: Vozes; Paris: AIMFR, 2007.

GLEISER, M**. A dança do universo:** dos mitos de criação ao Big Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HARTOG, F. **Tempo e patrimônio**. Varia História, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. (5. ed.). Petrópolis: Vozes, 2011.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Dossiê 18: Ritual Yaokwa do Povo Enawenê Nawê.** Brasília: IPHAN, 2011.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Ritual Eyãokwa do Povo Enawene Nawe**. Coordenação de Yêda Barbosa e Diego Simas. Brasília: IPHAN, 2018.

JAKUBAZKO, A. **Imagens da alteridade:** um estudo da experiência histórica dos Enawenê Nawê. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e Significado**. Tradução de António Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978. (Colecção Perspectivas do Homem, 8).

LIMA RODGERS, A. P. R. **O ferro e as flautas:** regimes de captura e perecibilidade no Eyãokwa Enawenê Nawê. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LUCIANO, G. dos S. **O índio brasileiro:** o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**.** Brasília: MEC/Secad; LACED/Museu Nacional, [s.d.].

MAMPUCHE, E. L.; SILVA, A. A. da. Marcadores de tempo do povo Manoki. *In*: SILVA, A. A.; SEVERINO-FILHO, J.; FERREIRA, L. L. (org.). **Etnomatemática:** os múltiplos olhares para os saberes locais. Tangará da Serra: Editora Tangará; UNEMAT, 2021.

MARTINS, E. C. A pedagogia do encontro como pedagogia de baixa densidade. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 52, p. 31-45, 2021.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto Haiyô forma 280 professores no magistério intercultural**. Cuiabá: SEDUC-MT, [s.d.].

POLEGGATI, G. A.; MATTOS, J. R. L. de. Educação escolar indígena: a educação matemática por meio de um currículo etnomatemático. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 6., 2012, São Cristóvão. **Anais** [...]. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012.

RODGERS, A. P. L. **Descantando caminhos**: da ecologia musical Enawenê Nawê-Nawê. 1996. Disponível em: http://abaete.wikia.com/wiki/Descantando_caminhos. Acesso em: 5 maio 2024.

RODRIGUES, A. C. L. **Conhecendo a pedagogia da alternância**. São Luís: IFMA, 2020.

ROSENFIELD, R. **A cosmologia**. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: http://www.sbfisica.org.br/fne/Vol6/Num1/cosmologia.pdf. Acesso em: 5 maio 2024.

SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama, 2023.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, quilombos:** modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, S. N. dos. **A etnomatemática da comunidade campestre**: um estudo sobre os saberes matemáticos. 2009. Dissertação/Tese (Instituição não informada).

SANTOS, Y. A. B.; TORGA, V. L. M. **Autobiografia e (res)significação.** Bakhtiniana, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 1–22, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bak/a/tFSNZ7QR8GHkfNwdS7HLJhk/?lang=pt. Acesso em: 9 nov. 2025.

SERSCHON, K. V. **O caminho da aldeia é maior que o oceano:** um diálogo sobre aprendizagens e seus sujeitos em diferentes contextos. 2025. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2025.

SEVERINO-FILHO, J. Os marcadores de tempo indígenas e a solidariedade entre o ambiente e os povos que o habitam. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE ETNOMATEMÁTICA, 4., 2012, Belém. **Anais** [...]. Belém: [s.n.], 2012.

SEVERINO-FILHO, J. **Marcadores de tempo Apyãwa:** a solidariedade entre os povos e o ambiente que habitam. 2015. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

SEVERINO-FILHO, J.; JANUÁRIO, E. **Os marcadores de tempos indígenas e a etnomatemática:** a pluralidade epistemológica da ciência. Zetetiké, Campinas, v. 19, n. 1, p. 37–70, 2011.

SEVERINO-FILHO, J.; SILVA, A. A. da. A emergência das matemáticas e a decolonização do pensamento científico do lado de cá. **Revista de Educação Matemática**, São Paulo, v. 20, 2023. Disponível em: https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/article/view/17. Acesso em: 17 nov. 2025.

SEVERINO-FILHO, J.; SILVA, A. A. A emergência das matemáticas e a decolonização do pensamento científico do lado de cá. **Revista de Educação Matemática** (REMat), São Paulo (SP), v.20, Edição Especial: Filosofias e Educações Matemáticas, p.1-18, e023073, 2023.

SEVERINO FILHO, J.; CICHOSKI, G. C. B. Desafios e possibilidades do ensino remoto na perspectiva do programa etnomatemática. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [s. l.], v. 07, n. 03, art. 2218, set./dez. 2021. Disponível em: https://claec.org/relacult. Acesso em: 15 mar. 2026.

SILVA, A. A. da. **Os artefatos e mentefatos nos ritos e cerimônias do danhono:** por dentro do octógono sociocultural A'uwẽ/Xavante. 2013. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2013.

SILVA, M. Tempo e espaço entre os Enawenê Nawe. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 41, n. 2, 1998.

SILVA, M. **Relações de gênero entre os Enawenê Nawe**. Tellus, Campo Grande, n. 1, 2001.

SILVA, M. Demografia e antropologia em contraponto: os Enawenê Nawê e suas derivas matrimoniais. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, 2016.

SILVA, M. F. Estrutura Social Enawenê Nawê-Nawê: Um Rápido Esboço. *In*: **RELATÓRIO "Estudos das Potencialidades e do Manejo dos Recursos Naturais na Área Indígena Enawenê Nawê-Nawê"**. Cuiabá: OPAN/GERA-UFMT, 1995. p. 19-32.

SOARES, A. L.; ALVES DE ARAÚJO, V.; GONÇALVES LEITE, K.; ALVES DE MELO, G. F. **Diálogos Entre A Pesquisa Narrativa E A Análise Textual Discursiva:** Uma Análise De Relatos No Processo De Formação Docente Em Matemática. Perspectivas da Educação Matemática, 2025.

SURUÍ, M., & S., A. A. da. (2021). Marcadores de tempo do povo Paíter. **Revista de Comunicação Científica**, 9(1), 81–92 https://periodicos.unemat.br/index.php/rcc/article/view/5830

TAFFAREL, M. **Sistema de contagem e os marcadores de tempo do povo Rikbaktsa**. 2018. 250f. Dissertação (Mestrado em e Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT - Campus Dep. Est. Renê Barbour de Barra do Bugres/MT

TAFFAREL, M., & RODRIGUES, T. D. (2023). **A fauna marcando o tempo.** XVII SESEMAT – Seminário de Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

GLOSSÁRIO

Adowina	Rio Preto
Akani	Pequi do mato
Alola	Pequi do Mato
Alolise	Bacava
Aruak	Tronco Linguístico
Atacê	Fruta nativa
Coqui	Estrela
Dakoti	Assombrações
Datamari	Personagem mitológico
Derohi	Nomenclatura do ritual, de uma flauta de cinco pontas ou de um grupo ritualístico
Dolowikwa	Atual Aldeia Enawenê Nawê
Eno	Plano celestial
Enore Nawê	Divindades celestiais (Plural)
Enore	Divindade celestial
Esokate	Buriti
Ewehe	Peixe Cachorra
Eyãokwa Hakolone	Casa das Flautas
Eyãokwa	Nomenclatura de um ritual e de um grupo ritualístico
Halataikwa	Aldeia Anterior a Dolowikwa/Kotakowinakwa
Harikare	Anfitriões dos rituais
Hodoli	Trairão
Hone	Nomenclatura de uma lagoa localizada no Rio Juruena
Horaweñalo	Rio Papagaio
Kamado	Personagem mitológico
Kaõhañali hodaihalakwa	Personagem mitológico
Kateokõ	Nomenclatura de um ritual e de um grupo ritualístico
Kayare	Pacú

Kete	Mandioca
Ketera	Bebida feita apenas com mandioca
Kohase	Peixe
Koke	Estrela
Kolito	Milho
Kolixiwina	Rio Ique Rio
Kolowali	Pequi do cerrado
Kota	Formiga Tanajura
Kotakowinakwa	Atual Aldeia Enawenê Nawê
Madodore	Peixe Agulha
Mahã	Mel
Mapadi	Nomenclatura designada pelo povo Rikbaktsa
Mata	Armadilhas de pesca
Ohã	Gramínea que define o período de construção das barragens
Oloiti	Bebida
Olowina	Rio Grande ou Arimena
Onekioniwa	Estação chuvosa
Rikbaktsa	Povo Indígena
Salí Hekwatãko	Nascido da Pedra
Salomã	Nomenclatura de um ritual e de um grupo ritualístico
Sotakatali	Anciãos detentores do conhecimento tradicional
Tinõliwina	Rio São Joaquim
Tiwãleili	Manga
Toliokoli	Flauta pequena, chamada “filha dela
Wadanawina	Rio Camararé
Wadare:	
Walaco	Piau de três Pintas
Watala	Curimbatá
Wati	Barragem
Wayehetiola	Nome da primeira aldeia

Yakailiti	Divindade Subterrânea
Yalinã	Flauta comprida
Yayrina	Flautas rachadas e longas
Yotatawe	Máscara ritualística

INTERLOCUTORES INDÍGENAS

Dalyamase Enawene

Fausto Martins Campoli

Holikwari Enawene

Kolareene Enawene

Lolawena Enawene

Lolawenakwaene Enawene

Xayoene Enawene

Yokwari Asasanikwa Enawene

TRADUTORES

Kawali K. Enawene

Mayowikwa Walitere Enawene

Olohokwaihi Enawene

Towairinere Enawene

Walitere Enawene

Yotose Enawene

APÊNDICES

APENDICE 01 - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO E TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3º e 6º. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Fausto Campoli Nome do participante Assinatura do participante ou responsável	Data: 08 / 10 / 2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 06 / 10 / 2025

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, FAUSTO MARTINS Campoli, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

Assinatura do participante ou responsável

Campus de Barra do Bugres Deputado Estadual Renê Barbour
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM. Rua A, 130, Bairro Cohab São Raimundo, CEP 78.390-000, Barra do Bugres-MT.
Fone: (65) 3361-6450, e-mail: ppgecm@unemat.br

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3º e 6º. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3° andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Yotosi Enavone Nome do participante Yotosi Enavone Assinatura do participante ou responsável	Data: 08/09/2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 08/09/2025

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Yotosi Enawene., autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

Yotosi Enawene
Assinatura do participante ou responsável

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3º e 6º. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Yokwani Asasanikwa Enawene Nome do participante Assinatura do participante ou responsável	Data: 02/10/2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Calixto Maria Assinatura do Pesquisador	Data: 02/10/2025.

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, YOKWAMA ASASAMIKWA ENAWENE, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

Assinatura do participante ou responsável

Campus de Barra do Bugres Deputado Estadual Renê Barbour
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM. Rua A, 130, Bairro Cohab São Raimundo, CEP 78.390-000, Barra do Bugres-MT.
Fone: (65) 3361-6450, e-mail: ppgecm@unemat.br

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3º e 6º. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Daliyamase Enawene Nome do participante DALIYAMASE ENAWENE Assinatura do participante ou responsável	Data: 15 / 08 / 2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 04 / 10 / 2025

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Daliyamase Enawene, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

DALIYAMASE ENAWENE
Assinatura do participante ou responsável

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3º e 6º. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Mayawikwa W. Enawene Nome do participante	
Mayawikwa W. Enawene Assinatura do participante ou responsável	Data: 25 / 06 / 2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dherma Assinatura do Pesquisador	Data: 04 / 10 / 2025

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Mayowikwa W. Enawene, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

Mayowikwa W. Enawikwa
Assinatura do participante ou responsável

Campus de Barra do Bugres Deputado Estadual Renê Barbour
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM. Rua A, 130, Bairro Cohab São Raimundo, CEP 78.390-000, Barra do Bugres-MT.
Fone: (65) 3361-6450, e-mail: ppgecm@unemat.br

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3º e 6º. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Dekotene Enawene Nome do participante	
Dekotene Enawene Assinatura do participante ou responsável	Data: 04 / 10 / 2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 04 / 10 / 2025

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Dokotene Enawene, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

Dokotene Enawene
Assinatura do participante ou responsável

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3º e 6º. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Walitene Gravene Nome do participante Walitene Gravene Assinatura do participante ou responsável	Data: 25/07/2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 25/07/2025

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Waliténe Enawene, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

Waliténe Enawene
Assinatura do participante ou responsável

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3º e 6º. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3° andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Lolawenakwaene Enawene Nome do participante xLOLAWENAKWAENE Assinatura do participante ou responsável	Data: 02 / 10 / 2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 02 / 10 / 25

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Lolawenakwa Ene Nawe, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

LOLAWENAKWA ENE

Assinatura do participante ou responsável

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3º e 6º. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3° andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Towairenere K. Enawene Nome do participante Towairenere K. Enawene Assinatura do participante ou responsável	Data: 25/07/2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 25/07/2025

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Tawaimene K. Enawene, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

Tawaimene K. Enawene
Assinatura do participante ou responsável

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3º e 6º. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3° andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Lolawena Enawene Nome do participante LOLAWENA Assinatura do participante ou responsável	Data: 25/07/2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 04/10/2025

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Lolawena Enawene, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(x) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

LOLAWENA

Assinatura do participante ou responsável

Campus de Barra do Bugres Deputado Estadual Renê Barbour
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM. Rua A, 130, Bairro Cohab São Raimundo, CEP 78.390-000, Barra do Bugres-MT.
Fone: (65) 3361-6450, e-mail: ppgecm@unemat.br

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3º e 6º. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Xayoene Enawene Nome do participante XAYOENE Assinatura do participante ou responsável	Data: 25/07/2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 04/10/2025

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Xayoene Enawenawê, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

XAYOENE

Assinatura do participante ou responsável

Campus de Barra do Bugres Deputado Estadual Renê Barbour
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM. Rua A, 130, Bairro Cohab São Raimundo, CEP 78.390-000, Barra do Bugres-MT.
Fone: (65) 3361-6450, e-mail: ppgecm@unemat.br

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3° e 6°. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3° andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Holikuani Enawene Nome do participante Assinatura do participante ou responsável	Data: 01/11/2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 01/11/2025

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Hokkwaai Enawene, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

Hokkwaai Enawene
Assinatura do participante ou responsável

Campus de Barra do Bugres Deputado Estadual Renê Barbour
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM. Rua A, 130, Bairro Cohab São Raimundo, CEP 78.390-000, Barra do Bugres-MT.
Fone: (65) 3361-6450, e-mail: ppgecm@unemat.br

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3° e 6°. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Olokwaihi Enawene, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

Olokwaihi Enawene
Assinatura do participante ou responsável

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3° andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Oloho Kwaihi Enawene Nome do participante Oloho Kwaihi Enawene Assinatura do participante ou responsável	Data: 17/08/2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 17/08/2025

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3° e 6°. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3° andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Kawali K. Gravena Nome do participante Kawali Ka Gravena Assinatura do participante ou responsável	Data: 20 / 08 / 2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 20 / 08 / 2025

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Kawaki K. Enawene, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

Kawaki K. Enawene
Assinatura do participante ou responsável

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Olá, como vai? Venho lhe convidar para participar de uma pesquisa, de forma voluntária.

Vamos conversar sobre isso? Serei rápido.

Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Responsável pela pesquisa: Fernando Dhermam Calixto Maria

Endereço e telefone para contato: Rua A, 23, São Raimundo - (66) 9 9917-3404

O projeto tem como objetivo geral, "Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê." A abordagem metodológica adotada nesteprojeto seguirá os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

O questionamento que buscamos compreender neste projeto é: "Quais são os principais marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê-Nawê e como eles se interconectam e produzem informações ambientais e sociais que orientam o cotidiano desse povo?" O interesse em desenvolver o presente projeto de pesquisa justifica-se, por estar atuando como professor do povo há aproximadamente cinco anos. Vale ressaltar que:

- A participação na pesquisa de forma voluntária irá contribuir de forma positiva para melhor compreensão e andamento dos estudos voltados para preservação da cultura do povo Enawene Nawe residentes da Aldeia Kotakowinakwa/Dolowikwa, tornando os dados coletados mais claros e condizentes com a realidade de cada um dos participantes da pesquisa;
- Os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do informante, sendo mantido total sigilo a respeito das entrevistas, somente com a devida autorização dos informantes/participantes da pesquisa tais dados serão incluídos no trabalho de pesquisa.Material de áudio e registros fotográficos também serão utilizados somente

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

perante autorização.

Contudo, com base na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos. Portanto, destacamos a seguir os possíveis riscos reais e/ou potenciais, bem como as medidas de mitigação correspondentes.

Riscos	Medidas mitigadoras
✓ Interferência na rotina dos participantes.	✓ Os horários das visitas e entrevistas serão planejados com antecedência em conjunto com os participantes, levando em consideração suas rotinas diárias. Assim, apesquisa não causará perturbações excessivas em suas atividades, permitindo uma participação mais tranquila e sem impactos negativos em suas vidas cotidianas.
✓ A estrutura de relação de poder, que pode colocar em risco a integridade dos participantes, dado o conteúdo de suas narrativas.	✓ Para proteger a integridade e a identidade dos participantes, será garantido o anonimato em todas as etapas da pesquisa. Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, sem a divulgação de informações que possam identificar os participantes. Além disso, serão utilizados códigos ou pseudônimos para referenciar os participantes nos relatórios e resultados da pesquisa, garantindo assim a privacidadee a segurança das informações compartilhadas. A identidade do participante só será revelada quando solicitada ou permitida pelo próprio participante, assegurando o controle sobre a divulgação de suas informações.
✓ Risco se sentirem expostoscom uso de imagens.	✓ A captura e utilização de imagens serão realizadas somente com a autorização expressa e por escrito dos participantes, que serão informados sobre o propósito e o uso das imagens. Será disponibilizado aos participantes um termo de assentimento detalhado, no qual poderão consentir ou recusar o uso de suas imagens. Ademais, todas as imagens serão tratadas com sigilo e só serão utilizadas para fins específicos da pesquisa, respeitando sempre a privacidade e a vontade dos participantes.

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como

transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto.

Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente

de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira.

Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.

No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3° e 6°. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o consentimento expresso da comunidade envolvida.

Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.

É importante ressaltar a relevância dos participantes como integrantes ativos do processo de construção do conhecimento. Suas percepções, conhecimentos, experiências e opiniões são fundamentais para enriquecer as discussões e contribuir para o fortalecimento da cultura do povo indígena.

As participantes da pesquisa terão pleno acesso aos resultados obtidos. O compromisso do pesquisador é divulgar os resultados de forma clara e acessível, respeitando a linguagem e os modos de compreensão da comunidade Enawenê Nawê. Para isso, será desenvolvido um formato específico para a apresentação dos dados, que pode incluir explicações orais em reuniões comunitárias ou relatórios simplificados, garantindo que as informações sejam compreendidas por todos. Além disso, o pesquisador se compromete a retornar à comunidade para compartilhar os

resultados de forma direta e dialogada, respeitando o tempo e os processos culturais do povo Enawenê Nawê.

Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.

Dessa forma, os riscos inerentes a esta pesquisa serão mitigados de modo a respeitar e proteger os direitos, condições sociais, culturais, concepções e opiniões dos participantes, garantindo uma pesquisa ética, responsável e respeitosa.

A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada, mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), um órgão responsável por proteger o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP avalia e acompanha os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UNEMAT que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado na sede administrativa Avenida Tancredo Neves, 1095, Cavalhada II - Cáceres-MT, CEP: 78.200-000. Telefone: (65) 3221-0067; (65) 99944-3605 – Whatsapp. Email: cep@unemat.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3° andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) Participante e a outra para os pesquisadores.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Barra do Bugres – MT, 15 de Junho de 2025.

Kolareene Enawene Nome do participante KOLAREENE ENAWENE Assinatura do participante ou responsável	Data: 17/08/2025

Eu, Fernando Dhermam Calixto Maria, declaro cumprir as exigências contidas na Resolução nº 510/2016.

Fernando Dhermam Assinatura do Pesquisador	Data: 17/08/2025

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Kolareene Enawene., autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, sob responsabilidade de Fernando Dhermam Calixto Maria (pesquisador responsável) e João Severino Filho (Orinetador) vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado Câmpus Universitário de Barra do Bugres.

Nesta pesquisa, realizaremos gravações de voz das participantes para coletar dados sobre a cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Essas gravações são essenciais para garantir a precisão na transcrição das experiências compartilhadas.

Além disso, faremos registros de imagem com o único propósito de apoio à análise dos dados e à interpretação contextual do material pesquisado. A divulgação de qualquer imagem capturada será condicionada à análise posterior e à autorização expressa das participantes, que poderão decidir, após essa etapa, sobre a adequação e os limites do uso dessas imagens no contexto da pesquisa.

Declaro ciência de que não haverá divulgação pública da minha imagem ou som de voz, seja na televisão, rádio ou internet, a menos que especificamente autorizada para finalidades de ensino e pesquisa descritas neste documento.

Também estou ciente de que a guarda e a segurança dos registros de imagem e voz são de responsabilidade integral do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Assim, declaro autorizar, de forma livre e espontânea, o uso de minha imagem e voz para fins exclusivamente de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o(a) participante.

Participante da Pesquisa:

(X) Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

( ) Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz.

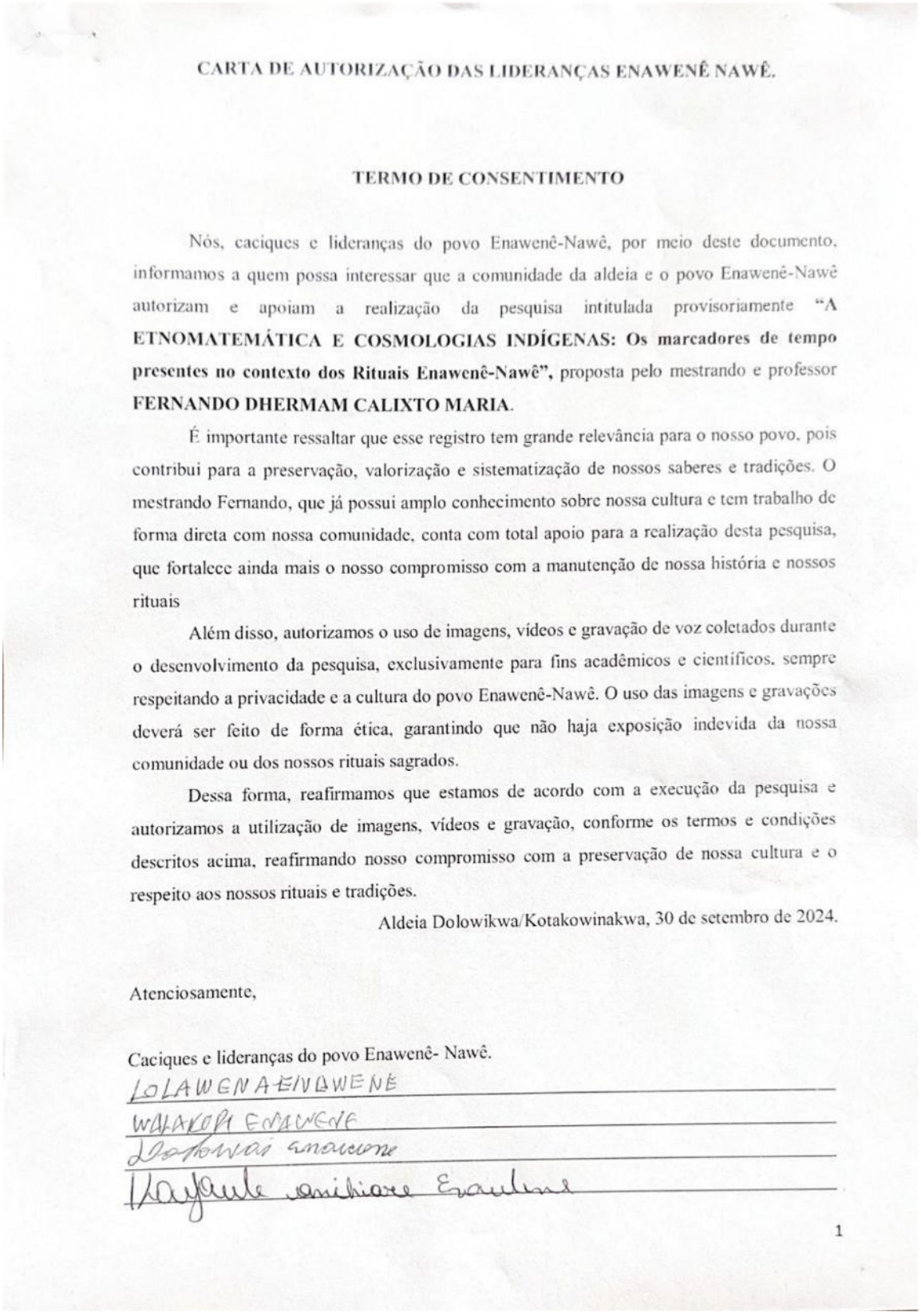
( ) Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Barra do Bugres - MT, 15 de Julho de 2025.

KOLAREENE ENAWENE
Assinatura do participante ou responsável

ANEXOS

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO DA COMUNIDADE ENAWENÊ NAWÊ E CARTA DE ANUÊNCIAS DOS CACIQUES



CARTA DE AUTORIZAÇÃO DAS LIDERANÇAS ENAWENÊ NAWÊ.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Nós, caciques e lideranças do povo Enawenê-Nawê, por meio deste documento, informamos a quem possa interessar que a comunidade da aldeia e o povo Enawenê-Nawê autorizam e apoiam a realização da pesquisa intitulada provisoriamente "A **ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê-Nawê",** proposta pelo mestrando e professor **FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA**.

É importante ressaltar que esse registro tem grande relevância para o nosso povo, pois contribui para a preservação, valorização e sistematização de nossos saberes e tradições. O mestrando Fernando, que já possui amplo conhecimento sobre nossa cultura e tem trabalho de forma direta com nossa comunidade, conta com total apoio para a realização desta pesquisa, que fortalece ainda mais o nosso compromisso com a manutenção de nossa história e nossos rituais

Além disso, autorizamos o uso de imagens, vídeos e gravação de voz coletados durante o desenvolvimento da pesquisa, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, sempre respeitando a privacidade e a cultura do povo Enawenê-Nawê. O uso das imagens e gravações deverá ser feito de forma ética, garantindo que não haja exposição indevida da nossa comunidade ou dos nossos rituais sagrados.

Dessa forma, reafirmamos que estamos de acordo com a execução da pesquisa e autorizamos a utilização de imagens, vídeos e gravação, conforme os termos e condições descritos acima, reafirmando nosso compromisso com a preservação de nossa cultura e o respeito aos nossos rituais e tradições.

Aldeia Dolowikwa/Kotakowinakwa, 30 de setembro de 2024.

Atenciosamente,

Caciques e lideranças do povo Enawenê- Nawê.

LOLAWENAENAWENÊ

WAIAKOPI ENAWENÊ

1

CARTA DE AUTORIZAÇÃO DAS LIDERANÇAS ENAWENÊ NAWÊ.

OTAWALI
Okoxiali K. ENAWENE
LONARESE
Kaulinaritz Enawene
Dookwi
MAHOAYO. ENAWENÊ
Walitene Mahoayo Enawene
Kaevali K Enawene
KALAINATE ENAWENE
Walitene Enawene
Daulene Enawene
TOCOHAITE
LOLAWEAKAZE
ALAMIGNAWENE
ALAWINARG
Maiocatiwali Enawene
DOHAYALI ENAWENE
LOCAWENAKWA
Kaulinaritz Enawene
holikalari Enawene
Alawaeí Enawene
XIRALISE ENAWENE
LOCAWENAKWA K ENAWENÊ
Kaybhitsse Enawene
Waiyakori Enawene
Waiyakori Enawene
Somiyesiwa Enawene
DEWERARE ehuvele
dalokwalikwa Enawene
Okokali Enawene
KONALI ENAWENE

CARTA DE AUTORIZAÇÃO DAS LIDERANÇAS ENAWENÊ NAWÊ.

KOALYWIWA TWA...
ALAWI ENAWENE
WAYAKOHI ENAWENE
IO LA WENAKWA ENE ENAME

CARTA DE ANUÊNCIA DO POVO ENAWENÊ NAWÊ

Nós, caciques, do Povo Indígena Enawenê-Nawê, reunidos na Aldeia Dolowikwa/Kotakowinakwa, declaramos por meio deste documento a nossa anuência para a realização da pesquisa intitulada: **"A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê-Nawê"**, de autoria do mestrando **Fernando Dhermam Calixto Maria**, inscrito no CPF: **025.000.871-82**, vinculado ao **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM.**

Reafirmamos que a referida pesquisa, a ser desenvolvida durante os anos de 2024 a 2026, possui nossa aprovação, pois contribui para a valorização e sistematização de nossos saberes e tradições. O professor Fernando Dhermam Calixto Maria, que trabalha com nossa comunidade desde o ano de 2019, conta com a nossa confiança e apoio para realizar as atividades previstas, tais como visitas à comunidade, entrevistas, acompanhamento dos rituais e das práticas cotidianas do povo Enawenê-Nawê.

Além disso, autorizamos o uso de imagens, vídeos e gravações de voz coletadas no decorrer da pesquisa, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, sempre respeitando a privacidade, os direitos culturais e os valores sagrados de nossa comunidade. O uso dessas informações deverá ocorrer de forma ética e cuidadosa, conforme os princípios acordados com nossa liderança.

Declaramos que este documento é uma reafirmação do consentimento registrado na **Ata da Primeira Reunião,** que ocorreu no dia 30 de setembro de 2024, e no **Termo de Consentimento** previamente emitidos, que seguem em anexos para referência.

Aldeia Dolowikwa/Kotakowinakwa, 30 de janeiro de 2025.

DALIYAMASE ENAWENE
Cacique do Povo Enawenê Nawê

LOLAWENAKWAENE
Cacique do Povo Enawenê Nawê

KOPATENE
Cacique do Povo Enawenê Nawê

Digitalizado com CamScanner

ANEXO 2 - PARECER DE MÉRITO CIENTÍFICO, DE SOLICITAÇÃO DE ENTRADA EM ÁREA INDÍGENA EMITIDO PELO CNPQ

Folha de Parecer sobre Solicitação de Entrada em Área Indígena

Solicitante: COEDC/CGCHS

Área: Educação

PARECER: (X) Recomendado

( ) Recomendo (com ressalvas)

( ) Não Recomendado

JUSTIFICATIVA:

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Campus de Barra do Bugres/MT: **A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê**, do mestrando, FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA

Orientador (a): Dr João Severino Filho

Linha de Pesquisa: Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores em Ciências e Matemática.

O projeto de pesquisa intitulado "A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê" visa examinar a relação entre os saberes matemáticos e os marcadores de tempo usados pelo povo indígena Enawenê-Nawê, do noroeste do estado de Mato Grosso. A pesquisa será realizada na Aldeia Dolowikwa/Kotakowinakwa, localizada no município de Juína e o objetivo é a compreensão de como os marcadores de tempos são fundamentais para a vida cotidiana e os rituais desse povo, refletindo seus conhecimentos cosmológicos e ecológicos. Os objetivos incluem identificar e compreender a cosmologia envolvida nos rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi e Salomã, além de explorar diálogos entre esses saberes e o conhecimento escolar. A importância dos rituais para a organização social e

espiritual da comunidade é enfatizada, destacando a necessidade de documentar e preservar esses conhecimentos culturais.

O objetivo geral da pesquisa consiste na identificação e compreensão da cosmologia e os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê. Os objetivos específicos são a identificação dos marcadores de tempo presentes no dia-a-dia, relacionados a cada ritual praticado por eles; vivenciar e registrar as dinâmicas ritualísticas do Povo Enawenê Nawê a partir das explicações presentes nas narrativas dos seus praticantes; refletir sobre os possíveis diálogos as serem estabelecidos entre os saberes praticados pelo Povo Enawenê e os conhecimentos escolares a serem trabalhados na escola da comunidade.

O pesquisador argumenta que a pesquisa é relevante por contribuir para a preservação e valorização dos conhecimentos tradicionais indígenas, uma cultura que enfrenta pressões externas que ameaçam sua continuidade. Ao explorar o diálogo entre os saberes indígenas e os conhecimentos escolares, a pesquisa oferece subsídios para uma educação escolar mais contextualizada e respeitosa com a cultura local.

A fundamentação teórica da pesquisa abrange conceitos de diversos autores e teorias que abordam a relação entre etnomatemática, cosmologia, e práticas culturais indígenas, com destaque em Ubiratan D'Ambrosio (1990). A pesquisa será realizada na Aldeia Dolowikwa/Kotakowinakwa, Mato Grosso e será conduzida através de um levantamento bibliográfico, observação Participante na comunidade Enawenê-Nawê, com participação nos rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi e Salomã. Entrevistas, e o registro e análise de dados. O pesquisador afirma que a comunidade Enawenê Nawê já autorizou a realização da pesquisa, pois o pesquisador é professor nessa comunidade, e participou desde o início de todo o processo de implantação da escola nessa comunidade.

Conforme o cronograma apresentado pelo pesquisador, o mesmo pretende realizar pesquisa de campo na comunidade indígena e acompanhar os rituais Yaokwa, Lerohi, Salomã e o inicio do Kateoko em 2025.

O pesquisador possui graduação em Licenciatura em Matemática pela Associação Juinense de Ensino Superior (2010), e está cursando Licenciatura em Sociologia. Mestrando em Ensino de Ciências e Matemática pelo PROGRAMA DE PÓS-

GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA - PPGECM ofertado pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT Campus Deputado Estadual Renê Barbour - Barra do Bugres/MT. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Escolar Indígena, Matemática, Etnomatemática, Enawenê-Nawê. Seu mestrado tem o título, "A Cosmologia, os marcadores de tempo e a etnomatemática presente nos Rituais Enawenê Nawê". Em 2021, o mesmo organizou junto com outros autores, onze livros de matemática indígena.

Seu orientador, professor João Severino Filho, possui Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade do Estado de Mato Grosso (1997), mestrado em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2010) e doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2015). Atualmente é professor titular da Universidade do Estado de Mato Grosso, atuando no Curso de Licenciatura em Matemática, no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) e no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências no Contexto Indígena Intercultural (PPGECII). É líder do Warã - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Etnomatemática e coordenador regional no Centro Oeste da Red Internacional de Etnomatemática (RedINET - Brasil) para o período 2022-2024. Desde 2020, o orientador tem 7 artigos publicados em periódicos, 6 livros e 7 capítulos de livros.

O pesquisador apresenta junto ao seu projeto de pesquisa uma Ata de Reunião de Aprovação da sua pesquisa assinada por lideranças do povo Enawenê Nawê.

O projeto é aprovável por mérito científico e, por ser uma pesquisa junto a um povo indígena em Terra Indígena, deve ser realizado seguindo os cuidados apontados pelo pesquisador no seu projeto e com a anuência contínua do povo Enawenê Nawê e sua participação na pesquisa sempre com consulta livre, prévia e informada em todas as etapas.

Folha de Parecer sobre Solicitação de Entrada em Área Indígena

Solicitante: COEDC/CGCHS

Área: Educação

Pesquisador: Fernando Dhermam Calixto Maria

Solicitação: Autorização para entrada em território indígena.

Título do Projeto: *A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê*

Vínculo: Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Campus de Barra do Bugres/MT.

Orientador (a): Dr. João Severino Filho

PARECER: (X) Recomendado

( ) Recomendo (com ressalvas)

( ) Não Recomendado

JUSTIFICATIVA:

Após leitura de toda a documentação apresentada, e com base em minhas experiências já realizadas, em orientações de dissertações de mestrado e teses de doutorado envolvendo comunidades indígenas, licenciaturas ou cursos de formação de professores indígenas (concluídas e em andamento), considero que o projeto está bem estruturado e denota importantes contribuições para esse e outros estudos sobre relações interculturais indígenas especificamente sobre saberes e práticas concernentes à etnomatemática e a cosmologia indígena que envolve saberes e práticas tradicionais acerca dos marcadores de tempo presentes no contexto dos rituais do povo enawenê nawê, originados dessa cultura, e vivendo na comunidade indígena representada pela

Aldeia Dolowikwa/Kotakowinakwa, localizada no município de Juína/MT. Os documentos denotam a consciência da necessidade de valorização e respeito aos direitos e à cidadania da comunidade foco da pesquisa. Igualmente, reitero que tal documentação contempla as exigências para um acesso adequado a esse tipo de contexto sociocultural, mas destaco a necessidade do pesquisador se ater ao caráter ético da pesquisa e ao cuidado em não interferir na rotina cotidiana da comunidade e nem exercer interferências nas atividades socioculturais de grupo pesquisado.

Diante do exposto sou de parecer completamente favorável à solicitação.

Atenciosamente,

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq
Diretoria de Engenharias, Ciências Exatas, Humanas e Sociais - DEHS
Coordenação Geral do Programa de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – CGCHS
Coordenação dos Programas de Pesquisas em Educação, Popularização e Divulgação Científica - COEDC
SAUS Quadra 1 BL H, 10º Andar. Edifício Telemundi II – Brasília – DF 70297-400
Telefone: (61) 32114078

ANEXO 3 - AUTORIZAÇÃO DA FUNAI PARA INGRESSO EM TERRA INDÍGENA Nº 12/AAEP/2025

8120036 08620.015944/2024-71

MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS

ASSESSORIA DE ACOMPANHAMENTO AOS ESTUDOS E PESQUISA

Autorização de Ingresso em Terra Indígena nº 12/AAEP/2025

IDENTIFICAÇÃO			
NOME:	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	PROCESSO Nº:	08620.015944/2024-71
NACIONALIDADE:	Brasileira	IDENTIDADE:	
INSTITUIÇÃO/ENTIDADE:	Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)		
PATROCINADOR:			

OBJETIVO DO INGRESSO
Realizar pesquisa científica intitulada "A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê".

EQUIPE DE TRABALHO		
NOME	NACIONALIDADE	DOCUMENTO
*******	*******	*******

LOCALIZAÇÃO			
TERRA INDÍGENA:	Enawenê-Nawê	POVO INDÍGENA:	Enawenê-Nawê
COORDENAÇÃO GERAL E REGIONAL:	Noroeste de Mato Grosso (CR-NOMT) e CGIIRC	CTL:	Vilhena II

VIGÊNCIA DA AUTORIZAÇÃO			
INÍCIO:	1º de março de 2025	TÉRMINO:	29 de agosto de 2025

Autorizo.

RESSALVAS:

- Esta autorização inclui licença para uso de imagem, registro fotográficos, sonoro e audiovisuais e som de voz dos indígenas, para o objeto desta autorização, conforme descrição do Termo de Compromisso PIRC – SEI 7939895;

- Esta autorização não inclui acesso ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade;
- Esta autorização inclui acesso ao patrimônio genético, Certidão Cadastro nº AF1D8E7, sobre a atividade de acesso ao Patrimônio Genético/CTA - SEI 8110875;
- Remeter à Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas – AAEP/Presidência/Funai, mídia digital contendo: relatórios, artigos, livros, gravações audiovisuais, imagens, sons, outras produções oriundas do trabalho realizado e informações sobre o acesso na internet.

Documento assinado eletronicamente por **Mislene Metchacuna Martins Mendes**, **Presidente substituto(a)**, em 24/01/2025, às 17:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site: http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **8120036** e o código CRC **B6D5D3B7**.

Referência: Processo nº 08620.015944/2024-71 SEI nº 8120036

ANEXO 4 - 2ª AUTORIZAÇÃO DA FUNAI PARA INGRESSO EM TERRA INDÍGENA Nº 170/ PRES/2025

9218448 08620.015944/2024-71

MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS

PRESIDÊNCIA
GABINETE DA PRESIDÊNCIA
COORDENAÇÃO DE GOVERNANÇA INSTITUCIONAL
SERVIÇO DE ACOMPANHAMENTO DE INGRESSO EM TERRA INDÍGENA

Autorização de Ingresso em Terra Indígena nº 170/Pres/2025

IDENTIFICAÇÃO			
NOME:	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	PROCESSO Nº:	08620.015944/2024-71
NACIONALIDADE:	Brasileira	IDENTIDADE:	2154191-4 SESP/MT
INSTITUIÇÃO/ENTIDADE:	Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)		
PATROCINADOR:			

OBJETIVO DO INGRESSO
REALIZAR PESQUISA CIENTÍFICA INTITULADA "A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: OS MARCADORES DE TEMPO PRESENTES NO CONTEXTO DOS RITUAIS ENAWENÊ NAWÊ".

EQUIPE DE TRABALHO		
NOME	NACIONALIDADE	DOCUMENTO
FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	BRASILEIRA	CPF: 025.000.871-82

LOCALIZAÇÃO			
TERRA INDÍGENA:	Enawenê-Nawê	POVO INDÍGENA:	Enawenê-Nawê
COORDENAÇÃO GERAL E REGIONAL:	Noroeste de Mato Grosso (CR-NOMT) e CGIIRC	UTL:	Vilhena II

VIGÊNCIA DA AUTORIZAÇÃO			
INÍCIO:	09 de outubro de 2025.	TÉRMINO:	31 de dezembro de 2025.

Autorizo.

RESSALVAS:

- Esta autorização não inclui licença para uso de imagem, som e som de voz dos indígenas, para além do objeto desta autorização;
- Esta autorização não inclui acesso ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade;
- Esta autorização não inclui acesso ao patrimônio genético;
- Remeter ao Serviço de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas – Seiti/Coordenação de Governança Institucional - Cogi/Presidência/Funai, mídia digital contendo: relatórios, artigos, livros, gravações audiovisuais, imagens, sons, outras produções oriundas do trabalho realizado e informações sobre o acesso na internet.

Documento assinado eletronicamente por **Mislene Metchacuna Martins Mendes**, **Presidente substituto(a)**, em 08/10/2025, às 19:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site: http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **9218448** e o código CRC **22779214**.

Referência: Processo nº 08620.015944/2024-71 SEI nº 9218448

ANEXO 5 - CERTIFICADO DE CONHECIMENTO TRADICIONAL ASSOCIADO

Ministério do Meio Ambiente
CONSELHO DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO
SISTEMA NACIONAL DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO E DO CONHECIMENTO TRADICIONAL ASSOCIADO

Certidão
Cadastro nº AF1D8E7

Declaramos, nos termos do art. 41 do Decreto nº 8.772/2016, que o cadastro de acesso ao patrimônio genético ou conhecimento tradicional associado, abaixo identificado e resumido, no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado foi submetido ao procedimento administrativo de verificação e não foi objeto de requerimentos admitidos de verificação de indícios de irregularidades ou, caso tenha sido, o requerimento de verificação não foi acatado pelo CGen.

Número do cadastro:	**AF1D8E7**
Usuário:	**FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA**
CPF/CNPJ:	**025.000.871-82**
Objeto do Acesso:	**Conhecimento Tradicional Associado**
Finalidade do Acesso:	**Pesquisa**

Fonte do CTA

CTA de origem identificável diretamente com provedor

Provedor

Povo Enawene Nawe

Título da Atividade:	**A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.**

Equipe

FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	**INDEPENDENTE**

Data do Cadastro:	**04/10/2024 09:25:21**
Situação do Cadastro:	**Concluído**

Conselho de Gestão do Patrimônio Genético
Situação cadastral conforme consulta ao SisGen em **16:37** de **06/10/2025**.

SISTEMA NACIONAL DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO E DO CONHECIMENTO TRADICIONAL ASSOCIADO - SISGEN

ANEXO 6 - PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A ETNOMATEMÁTICA E COSMOLOGIAS INDÍGENAS: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê.

Pesquisador: FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 3

CAAE: 84970124.8.0000.5166

Instituição Proponente: UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.625.869

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2413338.pdf, de 07/05/2025) e do Projeto Detalhado (Projeto_CERTO.pdf, de 07/05/2025).

RESUMO

O projeto de pesquisa intitulado "A Etnomatemática e Cosmologias Indígenas: Os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Enawenê Nawê" examina a relação entre os saberes matemáticos e os marcadores de tempo usados pelo povo indígena Enawenê-Nawê, habitantes da região noroeste de Mato Grosso. A pesquisa será realizada na Aldeia Dolowikwa/Kotakowinakwa, localizada no município de Juína e a mesma procura compreender como os marcadores de tempos são fundamentais para a vida cotidiana e os rituais desse povo, refletindo assim em seus conhecimentos cosmológicos e ecológicos. Os objetivos incluem identificar e compreender a cosmologia envolvida nos rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi e Salomã, além de explorar diálogos entre esses saberes e o conhecimento escolar. Vale destacar que a importância dos rituais para a organização social e espiritual da comunidade será enfatizada, destacando a necessidade de documentar e preservar esses conhecimentos culturais.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 5º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

E



HIPÓTESE

A hipótese do projeto parte da suposição de que os marcadores de tempo usados nos rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi e Salomã do povo Enawenê-Nawê desempenham um papel crucial na organização social, espiritual e ecológica da comunidade. Esses marcadores são visíveis como uma forma de linguagem que comunica não apenas a sequência dos rituais, mas também as interações complexas entre os membros da comunidade e seu ambiente. A investigação busca confirmar como esses marcadores orientam a vida cotidiana e transmitem informações ambientais e sociais essenciais para a sobrevivência cultural e espiritual da comunidade.

A pesquisa pretende explorar como esses marcadores de tempo são usados para atividades de subsistência, como a pesca e o cultivo, e os rituais cerimoniais. Por meio da etnomatemática, busca-se identificar e documentar os saberes matemáticos intrinsecamente ligados aos rituais, evidenciando sua importância na transmissão de conhecimento ancestral. Além disso, a hipótese de integrar esses saberes ao currículo escolar pode proporcionar uma educação mais contextualizada e sensível às culturas indígenas, valorizando suas práticas e conhecimentos. A pesquisa também espera destacar a relevância da documentação e preservação desses rituais como forma de promover a valorização cultural e a identidade dos Enawenê-Nawê.

METODOLOGIA

A modalidade da pesquisa é predominantemente qualitativa, caracterizada por um enfoque interpretativo e descritivo, orientado para a compreensão profunda das práticas culturais e rituais do povo Enawenê-Nawê. A pesquisa qualitativa é escolhida por sua capacidade de capturar as nuances e a complexidade dos fenômenos sociais e culturais, permitindo uma exploração detalhada dos saberes e práticas relacionadas aos marcadores de tempo e à Etnomatemática.

Dentro dessa modalidade qualitativa, a pesquisa utiliza a etnografia como principal método, na qual permite uma imersão no cotidiano da comunidade Enawenê-Nawê. A etnografia facilita a observação participante e o engajamento direto com os membros da comunidade, o que é essencial para compreender os significados culturais e as práticas ritualísticas que estruturam a vida deste povo.

Além disso, a pesquisa adota uma abordagem exploratória, dado que se propõe a investigar aspectos pouco documentados ou compreendidos da cultura Enawenê-Nawê, como a utilização de marcadores de tempo em seus rituais. A natureza exploratória da pesquisa é vital para



revelar novos insights sobre como essas práticas tradicionais podem ser relacionadas e integradas ao ensino de matemática na escola indígena da comunidade.

Essa combinação de métodos qualitativos, com um forte enfoque etnográfico, permite uma investigação aprofundada, respeitosa e contextualizada das interações entre a cosmologia, os rituais e os saberes matemáticos dos Enawenê-Nawê.

A pesquisa será realizada na Aldeia Dolowikwa/Kotakowinakwa, localizada na região noroeste do estado de Mato Grosso. E será conduzida através dos seguintes métodos:

- Levantamento Bibliográfico: Será realizada uma revisão extensa de literatura relevante, buscando embasamento teórico para compreender os conceitos de Etnomatemática e as cosmologias indígenas, focando em estudos que tratem das práticas culturais e rituais dos Enawenê-Nawê. Para Severino (2007) é aquela que pode ser realizada por meio de pesquisas já realizadas e disponível em documentos impressos, como livros, artigos, teses, porém que estejam devidamente registrados.

- Observação Participante: O pesquisador se integrará ao cotidiano da comunidade Enawenê-Nawê, participando ativamente dos rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi e Salomã. Essa imersão permitirá uma compreensão aprofundada dos marcadores de tempo e das práticas matemáticas tradicionais inerentes a esses rituais. Conforme D¿Ambrósio (2008) para o trabalho com a etnomatemática é importante que sejam observadas as práticas dos grupos culturais e analisar o porquê dessas. Partindo dessa perspectiva, a metodologia partiu de levantamento bibliográfico, buscando embasamento teórico numa abordagem qualitativa de caráter etnográfico, utilizando os seguintes procedimentos: observação in loco; diálogos com os anciãos, lideranças da comunidade; e participação nos rituais. Dessa forma, buscando compreender, como o processo de constituição, sistematização e difusão da etnomatemática e os marcadores de tempo a partir da celebração dos ritos e cerimônias desse povo, estão organizados.

- Entrevistas: Serão realizadas entrevistas com anciãos, líderes comunitários e outros membros da comunidade para captar suas percepções sobre os rituais e a importância dos marcadores de tempo. As entrevistas serão semiestruturadas, permitindo que os entrevistados compartilhem suas experiências de forma livre, enquanto o pesquisador guia a discussão para os temas relevantes à pesquisa.

- Registro e Análise de Informações: Todas as informações produzidas serão sistematicamente registradas e analisadas. A análise envolverá a identificação de padrões e a interpretação dos significados culturais atribuídos aos marcadores de tempo e às práticas matemáticas dentro do



contexto ritualístico.

Para realizar o levantamento bibliográfico sobre Etnomatemática e cosmologias indígenas, focando nas práticas culturais e rituais dos Enawenê-Nawê, é essencial organizar uma revisão detalhada da literatura existente, que servirá como base teórica sólida para a compreensão do tema. Este processo envolve etapas cuidadosamente estruturadas, visando uma análise abrangente e crítica das contribuições acadêmicas relevantes para minha pesquisa de mestrado.

Em primeiro lugar, defino os objetivos específicos do levantamento bibliográfico. No contexto deste projeto, a meta é investigar e compreender a aplicação dos conceitos de Etnomatemática, especialmente em relação aos marcadores de tempo presentes nos rituais dos Enawenê-Nawê, assim como analisar as cosmologias indígenas associadas. A literatura que explora a relação entre Etnomatemática e práticas culturais indígenas será especialmente relevante, considerando a perspectiva de Ubiratan D'Ambrosio e outros autores que discorrem sobre a matemática cultural enquanto forma de organização e sobrevivência dos grupos. Complementarmente, abordagens que examinam os marcadores temporais e sua função na organização social e espiritual dos Enawenê-Nawê são fundamentais para sustentar o referencial teórico desta pesquisa.

Após a definição dos temas, passo à seleção das fontes. Este processo será orientado pela busca de publicações acadêmicas e outras fontes científicas reconhecidas, incluindo livros, artigos em periódicos especializados, dissertações e teses. Bases de dados como SciELO, JSTOR e Google Scholar serão ferramentas primordiais para o levantamento, assim como bibliotecas universitárias e portais institucionais. Paralelamente, revisarei documentos produzidos por organizações como o IPHAN e a FUNAI, que têm publicações valiosas sobre as práticas culturais dos Enawenê-Nawê e sobre o patrimônio cultural indígena em geral.

Na sequência, organizo as fontes de modo sistemático, categorizando-as conforme seu conteúdo e relevância para a pesquisa. Por exemplo, posso agrupar as fontes em torno de três eixos principais: (1) etnomatemática e sua fundamentação teórica, (2) cosmologias e rituais indígenas, especialmente dos Enawenê-Nawê, e (3) abordagens educativas e a aplicação da etnomatemática em contextos escolares. Utilizar um sistema de referências como o Zotero para auxiliar na catalogação das leituras, permitindo o armazenamento de resumos e anotações importantes, facilitando o acesso rápido às ideias principais de cada fonte e o desenvolvimento do referencial teórico.

Esse levantamento será um processo contínuo. Ao longo do desenvolvimento do projeto,



revisarei e atualizarei as fontes, garantindo que a pesquisa se beneficie das contribuições mais recentes e se mantenha alinhada com os avanços na área. Esse levantamento bibliográfico contínuo contribuirá para uma compreensão aprofundada dos saberes e práticas dos Enawenê-Nawê e fornecerá uma base teórica robusta para desenvolver a discussão acadêmica e crítica necessária ao tema.

Para conduzir a pesquisa na Aldeia Dolowikwa/Kotakowinakwa com o povo Enawenê-Nawê, será essencial adotar uma abordagem etnográfica imersiva, que permita não apenas observar, mas também vivenciar o cotidiano da comunidade e seus rituais. O foco principal está nos rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi e Salomã, os quais são fundamentais para a compreensão dos marcadores de tempo e das práticas matemáticas inerentes à cosmologia e organização social dos Enawenê-Nawê.

Primeiramente, a imersão no cotidiano da aldeia permitirá uma interação direta com os membros da comunidade e possibilitará a participação nos rituais. Esse envolvimento aprofundado oferece uma perspectiva íntima das celebrações e da aplicação dos marcadores de tempo. A participação nesses eventos possibilita a observação de como a estrutura temporal dos rituais influencia a vida social e espiritual da aldeia. Essa observação participante é uma ferramenta poderosa para entender como os Enawenê-Nawê organizam suas práticas culturais e matemáticas.

Além disso, os diálogos com os anciãos e lideranças comunitárias são um componente essencial da pesquisa. A sabedoria e o conhecimento acumulados desses membros da comunidade são valiosos para compreender a significação dos rituais e dos marcadores de tempo dentro da cosmologia Enawenê-Nawê. As entrevistas semiestruturadas serão conduzidas de forma a permitir que os anciãos compartilhem livremente suas histórias, visões e explicações sobre o simbolismo e o funcionamento dos rituais, garantindo que o pesquisador possa guiar a conversa para temas relevantes à investigação sem interferir na fluidez e autenticidade dos relatos.

A documentação e análise das informações culturais e matemáticas observadas e relatadas é uma etapa fundamental da pesquisa. Todos os dados coletados durante as observações e entrevistas serão sistematicamente registrados e analisados para identificar padrões e estruturas subjacentes nos rituais, bem como as interpretações matemáticas envolvidas. Essa análise é crucial para entender como os marcadores de tempo e práticas culturais dos Enawenê-Nawê moldam suas interações com a natureza e o cosmos e influenciam a organização da vida comunitária.



Por fim, o compartilhamento de resultados com a comunidade é uma etapa que reforça o compromisso ético da pesquisa. Antes de qualquer conclusão ser divulgada, as observações e interpretações serão compartilhadas com os anciãos e líderes da aldeia para garantir que as informações e percepções sejam precisas e culturalmente respeitosas. Esse processo colaborativo possibilita a validação das interpretações e promove uma troca de conhecimento que valoriza e fortalece a identidade cultural dos Enawenê-Nawê.
Para a realização das entrevistas, serão selecionados anciãos, líderes comunitários e outros membros da comunidade Enawenê-Nawê que possuam um profundo conhecimento dos rituais e dos marcadores de tempo que orientam a vida na aldeia. A escolha dos anciãos será feita com base em critérios que assegurem representatividade e uma compreensão cultural sólida. Primeiramente, será feito um diálogo inicial com os líderes comunitários, que serão consultados sobre quais membros da comunidade são amplamente respeitados por seu conhecimento e experiência nas práticas e rituais tradicionais. Essa consulta permitirá identificar aqueles que atuam como guardiões das tradições e que possuem uma compreensão consolidada sobre a cosmologia e o sistema temporal Enawenê-Nawê.
As entrevistas serão semiestruturadas, permitindo que os anciãos compartilhem suas experiências de forma livre, enquanto o pesquisador orienta a conversa para temas essenciais da pesquisa, como o simbolismo e o papel dos marcadores de tempo na vida ritualística. Após a coleta das informações, todos os dados serão sistematicamente registrados e analisados, identificando-se padrões e interpretando os significados culturais associados aos marcadores de tempo e às práticas matemáticas no contexto dos rituais. A análise permitirá uma compreensão profunda de como os Enawenê-Nawê utilizam os marcadores de tempo não apenas para medir e organizar eventos, mas também como uma expressão de sua visão de mundo, que se interliga com a natureza e a espiritualidade.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Será priorizada a participação de anciãos que assumem papéis ativos ou de referência nos rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi e Salomã, pois esses indivíduos têm uma visão detalhada sobre o funcionamento dos rituais e a importância dos marcadores de tempo para a organização social e espiritual da comunidade. Outro critério importante é a busca pela diversidade de perspectivas dentro da própria comunidade, o que permitirá captar diferentes interpretações e nuances sobre os rituais e práticas culturais. Essa diversidade ajudará a construir uma compreensão mais ampla e



inclusiva das práticas culturais dos Enawenê-Nawê.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO
Não há informação.

Objetivo da Pesquisa:
OBJETIVO GERAL
Identificar e compreender a cosmologia os marcadores de tempo presentes no contexto dos Rituais Yaokwa, Kateoko, Lerohi, Salomã, do Povo indígena Enawenê Nawê.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS
1.Identificar os marcadores de tempo presentes no dia-a-dia da comunidade Enawenê Nawê, relacionados a cada ritual praticado por eles;
2.Vivenciar e registrar as dinâmicas ritualísticas do Povo Enawenê Nawê a partir das explicações presentes nas narrativas dos seus praticantes;
3.Refletir sobre os possíveis diálogos as serem estabelecidos entre os saberes praticados pelo Povo Enawenê e os conhecimentos escolares a serem trabalhados na escola da comunidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
RISCOS
A condução de pesquisas em comunidades indígenas envolve uma série de desafios e responsabilidades que devem ser cuidadosamente gerenciadas para garantir que o processo seja ético, respeitoso e benéfico para todos os envolvidos. No caso específico da comunidade Enawenê-Nawê, é essencial considerar e abordar os riscos inerentes ao processo de pesquisa, como as interpretações culturais equivocadas e o impacto potencial nas práticas cotidianas. Além disso, as dificuldades logísticas e as questões éticas também precisam ser consideradas com atenção para garantir que a pesquisa seja conduzida de maneira responsável e que os resultados
Os riscos associados à pesquisa podem incluir:
1.Resistência da Comunidade: A resistência pode surgir devido a experiências anteriores que a comunidade teve com pesquisadores, que podem ter explorado ou mal interpretadas seus saberes. Para minimizar esse risco, é fundamental construir relacionamentos de confiança



desde o início, envolvendo os líderes comunitários e esclarecendo as preocupações e benefícios da pesquisa para a comunidade. Vale ressaltar que já tenho esse nível de confiança, pois já trabalho com o povo.

2.Interpretação Cultural: As interpretações dos rituais e dos marcadores de tempo devem ser feitas com cuidado, monitorando que o pesquisador e a comunidade possam ter visões diferentes. Um estudo minucioso e respeitoso das práticas culturais, com validação dos dados junto aos membros da comunidade, é essencial para evitar equívocos que poderiam perpetuar estereótipos ou mal-entendidos.

3.Impacto nas Práticas Culturais: A pesquisa deve ser conduzida de maneira discreta para não interferir nas práticas culturais diárias. A intervenção do investigador deve ser minimizada, permitindo que os rituais aconteçam naturalmente. O acompanhamento ético das atividades e o feedback da comunidade são fundamentais para garantir que a pesquisa não altere a tradição das tradições.

4.Dificuldades Logísticas: Uma pesquisa em comunidades remotas pode enfrentar desafios como transporte inadequado, condições climáticas adversas e limitações de infraestrutura. O planejamento logístico antecipado, incluindo parcerias locais para facilitar o acesso, é crucial para o sucesso da coleta de dados. Também é importante ter planos alternativos em caso de imprevistos.

5.Questões Éticas: As considerações éticas são fundamentais para garantir que uma pesquisa seja respeitosa e responsável. Isso inclui obter registro informado de todos os participantes, proteger a privacidade dos indivíduos e respeitar as normas culturais da comunidade. É importante, além disso, discutir como os resultados da pesquisa serão divulgados e quem terá acesso a eles, garantindo que a comunidade se beneficie do conhecimento produzido.

Abordar esses riscos de forma proativa é essencial para garantir que uma pesquisa não seja apenas ética e respeitosa, mas também produza resultados que contribuam efetivamente para a compreensão e valorização da cultura Enawenê-Nawê. Ou seja, ao mesmo tempo, as possibilidades de benefícios são significativas. A pesquisa pode contribuir para a valorização e preservação cultural, proporcionando maior visibilidade e respeito pelos rituais e saberes Enawenê-Nawê, além de abrir espaço para o fortalecimento da identidade comunitária. A integração de saberes indígenas com o conhecimento escolar pode promover uma educação mais inclusiva e contextualizada, enriquecendo o currículo e fortalecendo o desenvolvimento comunitário. Com isso, a pesquisa não só preserva a herança cultural, mas também cria oportunidades de crescimento e sustentabilidade para as gerações futuras. Assim, abordar



esses riscos e oportunidades de forma proativa é essencial para garantir que uma pesquisa promova a compreensão e valorização da cultura Enawenê-Nawê de maneira

BENEFÍCIOS

Valorização Cultural: A pesquisa pode ajudar a reconhecer e valorizar os conhecimentos e práticas culturais da comunidade Enawenê-Nawê, promovendo um maior respeito e avaliação por sua cosmologia e rituais.

1.Documentação de saberes: Com a coleta e análise de dados, a pesquisa contribuirá para a preservação dos saberes tradicionais, criando um registro que poderá ser utilizado para futuras gerações e na educação comunitária.

2.Integração de Saberes: O diálogo entre os conhecimentos indígenas e os saberes escolares pode enriquecer o currículo escolar, promovendo uma educação mais inclusiva e contextualizada, que respeita a diversidade cultural.

3.Fortalecimento da Identidade: Ao documentar e refletir sobre suas práticas culturais, os membros da comunidade fortalecem sua identidade e coesão social, promovendo um orgulho cultural ao reconhecer a importância de seus rituais e marcadores de tempo.

4.Desenvolvimento Comunitário: A pesquisa pode abrir oportunidades para expandir sobre a aplicação dos conhecimentos tradicionais na gestão ambiental e na sustentabilidade, contribuindo para o desenvolvimento local e a preservação dos recursos naturais.

5.Aumento da Visibilidade: Os resultados da pesquisa podem aumentar a visibilidade da cultura Enawenê-Nawê em contextos acadêmicos e sociais, estimulando o interesse de outras comunidades, pesquisadores e instituições em colaborar e apoiar iniciativas de preservação cultural.

Esses benefícios não apenas são reduzidos para a pesquisa em si, mas também reforçam a importância de respeito e integração de conhecimentos indígenas no contexto mais amplo da educação e da sociedade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo nacional e unicêntrico.

Caráter acadêmico: obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Ensino de Ciências e Matemática, pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Deputado Estadual Renê Barbour - Barra do Bugres/MT.



Orçamento: financiamento próprio com previsão de gastos no valor de R$ 13.710,00.

Uso de base de dados: "Bases de dados como SciELO, JSTOR e Google Scholar serão ferramentas primordiais para o levantamento, assim como bibliotecas universitárias e portais institucionais. Paralelamente, revisarei documentos produzidos por organizações como o IPHAN e a FUNAI, que têm publicações valiosas sobre as práticas culturais dos Enawenê-Nawê e sobre o patrimônio cultural indígena em geral.".

Não há previsão de coleta e nem armazenamento de material biológico humano.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Análise de resposta ao parecer consubstanciado nº 7.488.414 (PROTOCOLO ORIGINAL), emitido pela Conep em 14/04/2025:

1. Foram identificadas incoerências nas informações sobre "orçamento" contidas nos documentos Projeto Detalhado (estimado R$ 12.710,00), PB Informações Básicas (estimado R$ 12.710,00) e Orçamento (estimado R$ 13.710,00), no que diz respeito ao valor total estimado para realização da pesquisa. Solicita-se adequação, submetendo as versões atualizadas e sem divergência, na Plataforma Brasil.
RESPOSTA: Para atender essa solicitação enviamos o orçamento atualizado.
ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2. No arquivo "03_Projeto.pdf" (de 07/11/2024) e "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2413338" (de 08/01/2025), lê-se uma extensa descrição de prováveis riscos da pesquisa, divididos em itens como: "Resistência da Comunidade", "Interpretação Cultural", "Impacto nas Práticas Culturais", "Dificuldades Logísticas" e "Questões Éticas", além de outros parágrafos. A Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 2º, Inciso XXV, define risco da pesquisa como "a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente". Ao subestimar os riscos envolvidos em um estudo, o pesquisador não



transmite as informações necessárias para que o indivíduo tome uma decisão autônoma sobre sua participação na pesquisa. Em nenhum caso os riscos e benefícios avaliados fazem referência ao pesquisador ou ao processo da pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 25, Parágrafo 2º). Dessa forma, solicita-se que os RISCOS DA PESQUISA sejam expressos objetivamente em todos os documentos pertinentes (por exemplo, o Registro do Consentimento apresenta uma descrição de riscos mais dirigida ao(à) participante da pesquisa), bem como a apresentação das providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições que possam vir a causar algum dano ao(à) participante de pesquisa.

RESPOSTA: Para atender essa solicitação, reescrevemos de forma objetiva e fazendo referencia ao pesquisador ao processo da pesquisa: Conforme estabelece a Resolução CNS nº 510/2016, em seu Art. 2º, inciso XXV, os riscos de uma pesquisa envolvem a possibilidade de danos às dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social ou cultural do ser humano, em qualquer etapa da investigação. Neste estudo, foram identificados riscos mínimos, mas que ainda assim requerem atenção ética e metodológica. Entre os riscos potenciais, destaca-se, em primeiro lugar, a possibilidade de desconforto cultural e social, tendo em vista que as entrevistas abordarão temas sensíveis como cosmologias, rituais, práticas ambientais e marcadores de tempo do povo Enawenê-Nawê. Há, portanto, o risco de interpretações inadequadas, de exposição indevida de saberes tradicionalmente protegidos ou de constrangimento por parte do(a) participante ao tratar de conhecimentos considerados sagrados ou de domínio coletivo. Além disso, reconhece-se a possibilidade de risco psíquico e moral, uma vez que, ao rememorar experiências pessoais ou coletivas, os(as) participantes podem experienciar sofrimento emocional ou desconforto subjetivo. Também há risco intelectual, relacionado ao uso indevido ou não validado de informações compartilhadas, sobretudo no que se refere aos saberes tradicionais. Por fim, existe o risco de exposição da identidade do(a) participante, especialmente em contextos em que as falas possam gerar conflitos internos na comunidade ou serem interpretadas fora do contexto cultural de origem. Com vistas à redução ou eliminação desses riscos, a pesquisa adotará uma série de cautelas éticas e metodológicas. As entrevistas serão realizadas com base no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), redigido em linguagem acessível e apresentado previamente a cada participante, garantindo o direito à recusa ou à desistência em qualquer momento, sem prejuízo. As perguntas abertas serão conduzidas com o devido respeito às manifestações de desconforto e com liberdade para que os(as) interlocutores(as) escolham os temas que desejam compartilhar. As falas serão



transcritas e validadas com os(as) próprios(as) participantes antes de qualquer uso público, e a divulgação dos dados ocorrerá apenas mediante autorização expressa. Quando solicitado, será garantido o anonimato por meio do uso de codinomes. Ademais, os roteiros de entrevista e os temas abordados serão previamente discutidos com lideranças e membros da comunidade, assegurando que estejam em consonância com os valores culturais e os protocolos locais. Dessa forma, a pesquisa se compromete com o princípio da autonomia dos sujeitos, com a proteção aos seus direitos culturais e com a promoção de uma relação ética, colaborativa e respeitosa entre pesquisador e participantes.
ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3. Quanto ao Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, arquivo "RCLE_LIMPO.pdf", submetido na Plataforma Brasil em 08/01/2025:

3.1. Solicita-se substituir o texto "REGISTRO DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO" por "REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO", já que não foi indicado na metodologia que haverá previsão de incluir menores de 18 anos como participante de pesquisa, em todos os lugares que tiver sido citado.
RESPOSTA: Para atender essa solicitação reescrevemos o nome do termo.
ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.2. As informações sobre riscos para os participantes da pesquisa (páginas 2 e 3 de 5) estão muito extensas e confusas. Solicita-se deixar apenas a informação que consta na tabela "Riscos" e "Medidas mitigadoras", retirando os quatro parágrafos seguintes, já que considerando a Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 2º, Inciso XXV, risco da pesquisa é "a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente". Ao subestimar os riscos envolvidos em um estudo, o pesquisador não transmite as informações necessárias para que o indivíduo tome uma decisão autônoma sobre sua participação na pesquisa. Solicita-se adequação.
RESPOSTA: Para atender essa solicitação, removemos os seguintes textos: É essencial reconhecer as particularidades socioculturais e as vulnerabilidades que podem emergir durante o processo de pesquisa. Entre os riscos identificados, destacam-se a possibilidade de interferência em suas rotinas diárias, a exposição a relações de poder que possam



comprometer sua integridade, o desconforto emocional ao tratar de temas sensíveis e o uso inadequado de dados ou imagens que possam gerar desconforto ou prejuízo à sua privacidade e identidade cultural. Para mitigar esses riscos, serão adotadas estratégias como o planejamento cuidadoso das interações, a garantia de anonimato e confidencialidade, a validação cultural das interpretações e análises, a utilização de linguagem acessível e a obtenção de consentimento informado, respeitando integralmente as decisões e o contexto de cada participante. Diante do desafio que se apresenta, é crucial considerar e abordar os possíveis riscos de forma responsável e proativa, visando a preservação da integridade dos participantes da pesquisa. Para tanto, adotaremos medidas rigorosas para extinguir ou minimizar esses riscos, garantindo um ambiente seguro e acolhedor para todos os envolvidos. A abordagem horizontal das relações é essencial para criar um ambiente propício à participação das mulheres, permitindo que elas se sintam à vontade, sem constrangimentos. A horizontalidade promove uma dinâmica mais igualitária e respeitosa, onde todos os participantes são encorajados a expressar suas opiniões e contribuições livremente.
ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.3. Na página 3 de 5 lê-se: "No que se refere ao uso de imagens, sons e outros materiais, será estritamente observado o que dispõe a LEI N. 9.610/98, resguardando o direito individual e coletivo dos sujeitos indígenas envolvidos na pesquisa. O cumprimento rigoroso da legislação garantirá a proteção dos direitos dos participantes, assegurando que suas imagens e vozes sejam utilizadas de forma ética e legal.". Considerando que os participantes são povos indígenas, solicita-se acrescentar a lei citada pela Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena) e a Portaria nº 177/PRES/2006, Art. 3º e Art. 6º, da Funai, onde ressalta que as criações artísticas/culturais indígenas são protegidas por direitos autorais, assim como o uso e a reprodução dessas imagens.
RESPOSTA: Para atender incluímos o seguinte trecho: No que se refere ao uso de imagens, sons, narrativas e demais materiais culturais coletados durante a pesquisa, será estritamente observado o disposto na Lei nº 9.610/98, que regulamenta os direitos autorais no Brasil, bem como o estabelecido na Resolução CNS nº 304/2000, que trata da pesquisa envolvendo populações indígenas, e na Portaria nº 177/PRES/2006 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), especialmente em seus Artigos 3º e 6º. Essas normativas reconhecem que as expressões culturais e artísticas indígenas, bem como os conhecimentos tradicionais, são protegidos por direitos autorais individuais e coletivos, sendo vedada sua utilização sem o



consentimento expresso da comunidade envolvida. Dessa forma, qualquer uso de imagem, voz, produção textual, símbolos, artefatos, cantos, narrativas ou práticas culturais estará condicionado à autorização formal dos(as) participantes e de suas lideranças, conforme os protocolos próprios de cada povo. O pesquisador compromete-se a respeitar as formas de consentimento coletivo estabelecidas pela comunidade, e a apresentar os materiais produzidos para validação prévia, antes de qualquer divulgação pública, seja em meios acadêmicos, digitais ou impressos. O cumprimento rigoroso dessas legislações visa garantir que a participação indígena na pesquisa ocorra de forma ética, legal e respeitosa quanto à autodeterminação dos povos envolvidos.
ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.4. Considerando a Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 2º, Inciso XXIV, ressarcimento "é uma compensação material dos gastos decorrentes da participação na pesquisa, ou seja, despesas do participante e seus acompanhantes, tais como transporte e alimentação", diferindo da indenização que "é a possibilidade legal de demandar uma compensação frente a um dano resultante da participação no projeto de pesquisa, caso seja necessário" (Código Civil, Lei nº 10.406 de 2002, Arts. 927 a 954). Considerando estas especificidades, solicita-se incluir no documento os trechos que explicam ambos os itens.
RESPOSTA: Para atender esse item, optou-se por utilizar a frase: Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 2º, Inciso XXIV, os(as) participantes desta pesquisa terão direito ao ressarcimento de despesas, o que se refere à compensação material por gastos que possam decorrer da participação no estudo, tais como transporte, alimentação ou outras despesas comprovadas, caso haja deslocamento ou participação presencial em reuniões, entrevistas ou atividades relacionadas ao projeto. Além disso, conforme previsto no Código Civil (Lei nº 10.406/2002, Arts. 927 a 954), é garantido ao(à) participante o direito à indenização, caso venha a sofrer qualquer dano decorrente de sua participação na pesquisa. Essa indenização diz respeito a eventuais danos físicos, morais, psíquicos ou materiais, e poderá ser pleiteada judicialmente, conforme prevê a legislação civil brasileira. Assim, o projeto assegura tanto o ressarcimento de eventuais gastos quanto o direito à indenização em caso de dano, reafirmando o compromisso com a ética, a legalidade e a dignidade dos(as) participantes da pesquisa.
ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.



3.5. Solicita-se incluir no Registro do Consentimento Livre e Esclarecido, a informação de que todos os dados coletados nesta pesquisa ficarão armazenados em arquivo, físico ou digital, sob guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 28, Inciso IV), para que o(a) participante possa decidir livremente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados no momento e no futuro.
RESPOSTA: Para atender esse item realizamos a escrita do seguinte parágrafo: Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo gravações, transcrições, anotações e demais materiais, serão armazenados em arquivo físico e/ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme determina a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 28, Inciso IV. Esse tempo de guarda visa garantir a possibilidade de eventuais revisões, consultas ou auditorias, respeitando sempre o sigilo e a confidencialidade das informações. Após esse período, os dados poderão ser descartados de forma segura ou, caso necessário, mantidos mediante nova autorização dos(as) participantes. Essa informação é apresentada para que o(a) participante possa decidir de forma livre e consciente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados, tanto no momento atual quanto no futuro.
ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.6. A Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, Inciso I, prevê que o Registro do Consentimento Livre e Esclarecido, em suas diferentes formas, deve conter "os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, com informação sobre métodos a serem utilizados, em linguagem clara e acessível, aos participantes da pesquisa, respeitada a natureza da pesquisa". O documento apresentado não informa ao(à) participante de pesquisa sobre os procedimentos adotados, no que se refere ao local e tempo dispensado para sua participação no estudo. Solicita-se incluir nesse e nos demais documentos pertinentes os itens solicitados.
RESPOSTA: Para atender esse item realizamos a escrita do seguinte parágrafo: A participação nesta pesquisa consistirá em um encontro presencial ou remoto, a depender da disponibilidade do(a) participante, com duração aproximada de 1 (uma) a 2 (duas) horas, no qual será realizada uma entrevista aberta com base em temas previamente definidos pelo pesquisador. O local será acordado previamente com o(a) participante, podendo ocorrer na escola, na universidade, na comunidade ou em outro espaço considerado seguro e adequado, sempre respeitando o tempo, a rotina e a vontade do(a) participante. A entrevista será gravada,



mediante autorização, e todo o processo será conduzido com cuidado para garantir um ambiente de escuta respeitosa, considerando a natureza intercultural da pesquisa.
ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Considerações Finais a critério da CONEP:
Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2413338.pdf	07/05/2025 15:16:51		Aceito
Outros	RCLE_REALCADO.pdf	07/05/2025 15:16:33	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLE_LIMPO.pdf	07/05/2025 15:16:18	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto_REALCADO.pdf	07/05/2025 15:16:09	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CERTO.pdf	07/05/2025 15:15:56	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	07/05/2025 15:15:39	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.pdf	07/05/2025 15:15:07	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Outros	FUNAI_Pesquisa_Processual.pdf	08/01/2025 11:23:51	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 7.625.869

Outros	certidao_do_meio_ambiente.pdf	08/01/2025 11:23:13	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Outros	RCLE_DESTACADO.pdf	08/01/2025 11:19:53	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Outros	01_OFICIO_DE_ENCAMINHAMENTO_AO_CEP_assinado.pdf	07/11/2024 15:38:56	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Outros	11_INSTRUMENTO_COLETA.pdf	07/11/2024 15:37:38	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Outros	14_Lattes_Joao.pdf	07/11/2024 15:37:11	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Outros	14_Lattes_Fernando.pdf	07/11/2024 15:36:56	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Outros	04_DECLARACAO_NAO_INICIADA.pdf	07/11/2024 15:35:52	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Outros	QUESTIONARIO.pdf	07/11/2024 15:34:16	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Outros	SNGPGCTA.pdf	07/11/2024 15:33:48	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Outros	CARTA_COMUNIDADE.pdf	07/11/2024 15:32:48	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Declaração de concordância	ATA_DE_APROVAcaO_COMUNIDADE.pdf	07/11/2024 15:31:09	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	05_DECLARACAO_DE_RESPONSABILIDADE.pdf	07/11/2024 15:28:58	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	8_Declaracao_de_responsabilidade.pdf	07/11/2024 15:28:38	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	15_TERMO_DE_COMPROMISSO_INSTITUICOES_corrigido_assinado_assinado_assinado.pdf	07/11/2024 15:28:09	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	06_DECLARACAO_INFRAESTRUTURA.pdf	07/11/2024 15:27:43	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito
Cronograma	13_CRONOGRAMA.pdf	07/11/2024 15:27:01	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 5º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

Continuação do Parecer: 7.625.869

Folha de Rosto	02_folha_De_Rosto.pdf	07/11/2024 15:26:45	FERNANDO DHERMAM CALIXTO MARIA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

BRASILIA, 13 de Junho de 2025

Assinado por:
Laís Alves de Souza Bonilha
(Coordenador(a))

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 5º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br